



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**HELMA BERSCH E O ENSINO DE MÚSICA NO
CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ CATÓLICA
DO VALE DO TAQUARI**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

JOSÉLIA JANTSCH FERLA

Santa Maria, RS, Brasil

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**HELMA BERSCH E O ENSINO DE MÚSICA NO
CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ CATÓLICA DO
VALE DO TAQUARI**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

por

Josélia Jantsch Ferla

Dissertação apresentada à banca examinadora e ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, pela Linha de Educação e Artes, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Luciane Wilke Freitas Garbosa

Santa Maria, RS, Brasil

2009

**HELMA BERSCH E O ENSINO DE MÚSICA NO
CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ CATÓLICA DO
VALE DO TAQUARI**

Elaborado por
Josélia Jantsch Ferla

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Luciane Wilke Freitas Garbosa (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Prof. Dr. Lúcio Kreutz (UCS)

Prof^a. Dr^a. Cláudia Ribeiro Bellochio (UFSM)

Prof^a. Dr^a. Marilda Oliveira de Oliveira (UFSM)

Santa Maria, 30 de novembro de 2009.



**HELMA BERSCH E O ENSINO DE MÚSICA
NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ CATÓLICA
DO VALE DO TAQUARI**

Santa Maria / 2009

*À minha mãe por me conduzir à escola Dona Rita,
onde pude não apenas realizar o trabalho de campo desta pesquisa,
mas vivenciar experiências que produziram em mim outros olhares
à cultura teuto-brasileira e a minha própria trajetória de vida.*

AGRADECIMENTOS

*À todas as vozes que contribuíram
para que este trabalho se realizasse, em especial a dos colaboradores
Agata, Bona, Clarice, Dionísio, Gorge, Guido, Íria, Lovâne, Nilva, Renata e Roque
que fazem parte dessa história.*

*À Profª Drª Luciane Wilke Freitas Garbosa,
que me orientou na produção desta dissertação com
profissionalismo, dedicação, competência e respeito ao ritmo do trabalho.*

*À minha querida amiga Vera,
juntamente com o Gabriel e a Maria Clara,
pelas muitas tardes cedidas às conversas e aconselhamentos.*

*Aos professores Dr. Lúcio Kreutz, Drª Claudia R. Bellochio,
Drª Marilda O. de Oliveira pela disponibilidade em participar da banca de defesa
e contribuir com esta pesquisa.*

*À todos os professores e colegas
do PPGE que compartilharam seus conhecimentos e fizeram
parte desta trajetória.*

*À toda a minha família
que partilhou comigo muitos momentos desta caminhada.*

*Às minhas paixões,
Juarez, Júlia e Laura por fazer parte da minha vida.*

Muito Obrigada!

RESUMO

**Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria**

**HELMA BERSCH E O ENSINO DE MÚSICA NO
CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ CATÓLICA DO VALE DO TAQUARI**

**AUTOR: JOSÉLIA JANTSCH FERLA
ORIENTADORA: LUCIANE W. F. GARBOSA
Data da Defesa: Santa Maria, 30 de novembro de 2009.
Local: Auditório do LINCE - Sala 3353**

A presente dissertação, vinculada à linha de pesquisa Educação e Artes - LP4, do Programa de Pós Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, buscou analisar a trajetória da professora Helma Bersch, frente ao ensino de música no contexto da imigração alemã católica do sul do país, a qual atuou profissionalmente no período de 1932 a 1981, na Sociedade Escolar Dona Rita, localizada em Arroio do Meio, no Vale do Taquari, região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Buscou-se ainda investigar o processo de formação musical da professora; conhecer as práticas musicais desenvolvidas em sala de aula; assim como examinar a repercussão do trabalho de Helma para a comunidade de Dona Rita. Este estudo, de natureza qualitativa, utilizou os recursos metodológicos da história oral, alicerçando-se em estudos de Bourdieu (2006), Levi (2006) e Schmidt (2000), em uma perspectiva na qual a história de uma vida é tomada como via de acesso para a articulação de questões ou contextos mais amplos. Foram utilizados ainda como referenciais os trabalhos de Kreutz (2004, 2000, 1999, 1994), Garbosa (2006, 2004, 2003) e Bersch (2006). Ao analisar a trajetória da professora Helma Bersch, foi possível registrar a história de uma professora que fez de sua vida uma parte da história do ensino de música nas escolas Sul do Brasil, trazendo para a discussão especificidades em relação ao modo de conceber tal ensino, no período e contexto analisados. Foi possível ainda, refletir sobre a formação da professora e a formação ofertada aos alunos, as especificidades das práticas pedagógicas, os materiais didáticos utilizados, os instrumentos musicais presentes no contexto, assim como as repercussões do trabalho desenvolvido pela professora Helma, na Sociedade Escolar Dona Rita. Através deste estudo, foi possível verificar as contribuições de Helma Bersch para o desenvolvimento educacional, cultural e econômico do Vale, no qual a música exerceu importante papel de integração, identificação e difusão de elementos culturais e religiosos, sendo a escola o local escolhido para se atingir e manter o *status quo* do momento.

Palavras-chave: Educação musical, teuto-brasileiro católico, biografia, Helma Bersch.

ABSTRACT

**Masters Dissertation
Postgraduate Program in Education
Federal University of Santa Maria**

HELMA BERSCH AND MUSIC TEACHING IN THE CONTEXT OF THE GERMAN CATHOLIC IMMIGRATION IN TAQUARI VALLEY

**AUTHOR: JOSÉLIA JANTSCH FERLA
SUPERVISOR: LUCIANE W. F. GARBOSA**

Date and Place of Presentation: Santa Maria, November 30, 2009.

The present dissertation, linked to line of research Education and Arts of Postgraduate Program in Education LP4, Federal University of Santa Maria, sought to analyze the trajectory of Helma Bersch teacher, in front of music teaching in the German catholic immigration context, in South of Brazil. This teacher worked professionally in the period of 1932 to 1981, in school society of Dona Rita, located in Arroio do Meio County, in Taquari Valley, northwest region of the state of Rio Grande do Sul. Yet, sought to investigate the process of musical formation of the teacher Helma Berch; to know the musical practices developed in the room of school, as well as to examine the repercussion of Helma's work to the community of Dona Rita. This study, of qualitative nature, utilized the methodological resources of oral history to build the teacher's trajectory, based on Bourdieu (2006), Levi (2006) and Schmidt (2000), in the perspective in which the history of a life is taken as a gateway to the articulation of issues or broader contexts. Also were utilized Kreutz's works (2004, 2000, 1999 and 1994), Garbosa (2006, 2004 and 2003) and Bersch (2006). To analyze the trajectory of the teacher Helma Berch was possible to record the person's history that made of her own life a part of the history of music teaching in the Brazilian schools and bringing to the discussion the specificities in relation to way to conceive the teaching, in period and context analyzed. It was possible to consider about the specificities of pedagogic practices, the didactic materials, the upbringing, the musicals instruments presents in the context, as well as the repercussions of the work developed by Helma in the society of Dona Rita. However, through this study, was possible to highlight the contribution this group of immigrant in the economic and cultural developing this Valley, where the music exerted important function in the integration, identification and diffusion of cultural elements, being the school the place chosen as responsible to reach and to keep the *status quo* in that time.

Keywords: Musical education, catholic german-brazilian, biography, Helma Bersch.

DEDICATÓRIA.....	05
AGRADECIMENTOS.....	06
RESUMO.....	07
ABSTRACT	08
SUMÁRIO.....	09
LISTA DE FIGURAS	11
1. CONSTRUINDO A PESQUISA: UMA BREVE INTRODUÇÃO.....	12
1.1. Das razões que levaram à definição do tema.....	12
1.2. Pesquisa qualitativa, oralidades e histórias de vida: abordagens possíveis.....	17
1.2.1 <i>A pesquisa de natureza qualitativa.....</i>	<i>17</i>
1.2.2 <i>Oralidades e histórias de vida.....</i>	<i>19</i>
1.3. A biografia como suporte teórico.....	23
1.4. As vozes dos colaboradores e os caminhos percorridos.....	28
2. ENTRELAÇANDO AS HISTÓRIAS: A IMIGRAÇÃO ALEMÃ CATÓLICA E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA O ENSINO DE MÚSICA NO VALE DO TAQUARI	33
2.1. Emigração para o Brasil: o início de uma nova vida.....	33
2.2. Do Vale à Dona Rita: o projeto de colonização	37
2.3. O Alto Taquari: da educação ao ensino de música.....	49
2.4. As escolas de congregações religiosas: as impressões de uma ex-aluna do Colégio Santo Antônio frente ao ensino de música.....	54
2.5. A Sociedade Escolar Dona Rita.....	61
3. ACORDES QUE SE (CON)FUNDEM: A PROFESSORA DE MÚSICA HELMA BERSCH	74
3.1. Primeiros tempos: da infância ao casamento e o ingresso na	

Sociedade Escolar Dona Rita.....	74
3.2. Um harmônio <i>Lindhom</i> trazido da Alemanha.....	87
3.3. Sobre a música no ambiente escolar: a hora do canto.....	93
3.4. Da residência aos arquivos: livros, cancioneiros e cadernetas.....	105
3.5. O caráter da música religiosa escolar e olhar de quem permaneceu.....	115
4. HELMA BERSCH E A INFLUÊNCIA CATÓLICA NO ENSINO DE MÚSICA: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	128
APÊNDICES.....	132
APÊNDICES 1: Roteiro para a entrevista.....	132
APÊNDICES 2: Carta de cessão.....	134
APÊNDICES 3: Carta de cessão.....	135
APÊNDICES 4: Carta de cessão.....	136
APÊNDICES 5: Carta de cessão.....	137
APÊNDICES 6: Carta de cessão.....	138
APÊNDICES 7: Carta de cessão.....	139
APÊNDICES 8: Carta de cessão.....	140

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Categorias e subcategorias de análise dos dados.....	31
Figura 2	Mapa com a fronteira noroeste e Vales do Rio Pardo, Taquari, Caí e dos Sinos.....	41
Figura 3	Mapa do Vale do Taquari com os municípios e Rio Taquari.....	42
Figura 4	Mapa do relevo do Vale do Taquari com a localização dos municípios de Arroio do Meio, Estrela, Lajeado e Taquari.....	43
Figura 5	Boletim de Helma Bersch do ano de 1926.....	58
Figura 6	Sociedade Escolar Dona Rita e família de Helma Bersch.....	61
Figura 7	Termo de inspeção.....	72
Figura 8	Método de harmônio utilizado por Helma Bersch.....	89
Figura 9	Método de harmônio.....	90
Figura 10	Manuscritos de Helma Bersch.....	96
Figura 11	Apresentação da professora Helma com seus alunos	97
Figura 12	Caderneta de Helma Bersch.....	101
Figura 13	Apresentação no matinho dos Phul.....	102
Figura 14	Monsenhor Jacob Seger e alunos de Helma.....	108
Figura 15	Manuscrito de Helma Bersch.....	110
Figura 16	Manuscrito de Helma Bersch.....	110
Figura 17	Cantos para as aulas <i>Liedersammlung</i>	112
Figura 18	Impressos artesanais.....	113
Figura 19	Coros Orfeônicos.....	114

1. CONSTRUINDO A PESQUISA: UMA BREVE INTRODUÇÃO

“Escuta...O Rainoldo começou a cantar!!!”

Era assim, todo o final de tarde, após as tarefas costumeiras de cortar pasto, recolher os animais para o curral e tratá-los, iniciava-se a ordenha das vacas, tarefa que era realizada pelo pai, Rainoldo Link, que, ao mesmo tempo em que realizava a ordenha, entoava com muita energia as velhas canções trazidas da terra natal. Sua voz ecoava por toda a pequena comunidade, levando o seu recado para todos que habitavam nas proximidades. O ritual do canto durante a lida diária se estendia para a hora do chimarrão, quando a família se reunia, mas agora, com toque de requinte, pois as canções levavam o acompanhamento do harmônio.

A música, ao som do harmônio, também não passava despercebida pelos vizinhos. Morador de uma comunidade fundada por imigrantes alemães, em sua maioria católicos, Link era conhecido por suas habilidades musicais que contagiavam a todos, avançava os limites familiares, chegando a influenciar a vida comunitária, pois assim como os momentos de oração estavam sempre presentes nas famílias de origem germânica, a música também tinha o seu espaço garantido. Enquanto a reza era realizada na intenção de agradecer e de louvar a Deus, a música ia além, reunia e promovia a harmonia entre as pessoas, não deixando espaço para possíveis desavenças e tristezas trazidas pela precariedade em que viviam. (C3)

1.1 Das razões que levaram à definição do tema

Histórias, como esta do Sr. Linck, fizeram parte da minha história, no Vale do Taquari, assim como fazem parte da história de muitos imigrantes de origem alemã que cresceram neste contexto. A música fazia parte das histórias de cada família, na qual garantiam um espaço especial para sua presença. Cantar sempre foi um hábito nas colônias teuto-brasileiras. Minha mãe, descendente de alemães, que desde criança escutava o Sr. Linck cantar, preocupava-se em ensinar para mim e meus irmãos canções da sua infância. Lembro-me de muitos momentos quando, em posição de coro, cantava canções folclóricas alemãs para meu avô que só compreendia a língua materna.

A presença da música sempre foi marcante nas comunidades fundadas por imigrantes alemães. Assim como em minha família, ela também ocupou um lugar especial na comunidade de Dona Rita. Meu avô, filho de imigrante alemão, migrado no ano de 1872, ajudou a fundar esta pequena comunidade, onde houve o predomínio de imigrantes alemães católicos, localizada nas proximidades do Rio Taquari. Para os moradores dessa localidade, a música sempre foi uma constante. Indispensável nas celebrações religiosas e reuniões familiares, a música marcou a educação transmitida na escola. Levando o mesmo nome da comunidade, a escola Dona Rita preocupou-se em promover a música como parte da cultura e da formação de seus alunos.

A tradição musical presente neste contexto, ligada aos laços afetivos criados pela minha história pessoal, influenciou fortemente em minhas escolhas e decisões como profissional e pesquisadora da área de Educação Musical. Assim como a música teve influência na educação transmitida pela Escola Dona Rita, também entusiasmou, influenciando sobre a maioria das escolas que integraram o Vale do Taquari devido à importância que lhe conferiam os colonos alemães e seus descendentes.

Em minha trajetória profissional consigo perceber, nos dias de hoje, a repercussão desse trabalho iniciado por descendentes de alemães, teuto-brasileiros. Especialmente no município de Arroio do Meio, na comunidade de Dona Rita, pude constatar que as escolas públicas municipais, em sua maioria, possuem professores de música, sendo que estes profissionais desenvolvem além das atividades musicais curriculares, atividades relacionadas à prática de corais, em turnos opostos. Portanto, através desta pesquisa foi possível compreender melhor o processo do ensino de música que existiu e ainda acontece na escola Dona Rita, marcado pela atuação da professora Helma Bersch. Através da trajetória pessoal e profissional dessa professora, pude verificar como o ensino de música, naquele contexto escolar, marcou fortemente uma época, deixando na atualidade reflexos de sua existência. Desta forma, este estudo se voltou para os anos de formação e atuação da professora Helma Bersch, que iniciou sua carreira profissional no ano de 1932, encerrando suas práticas docentes no ano de 1981.

Helma Bersch e a escola na qual desempenhou suas práticas musicais, apesar da escassez de materiais, marcaram a história da comunidade de Dona Rita. Seu legado à música e suas experiências se estenderam a todo o município, onde a prática musical acontecia com frequência em escolas, igrejas e encontros familiares. Tudo isso me permite compreender as atuais concepções do ensino de música, presentes no município de Arroio do Meio.

A idéia inicial desta pesquisa voltava-se à análise do ensino de música realizado nas escolas do Vale do Taquari. No entanto, a partir de um estudo exploratório, realizado no início do curso de mestrado, pôde-se perceber que a música e seu ensino sempre estiveram ligados a algumas pessoas que acreditavam em sua importância e lutaram para que permanecesse nas escolas. Neste sentido, a história do ensino de música no Vale do Taquari torna-se intimamente relacionado a histórias particulares; histórias de pessoas que se entrelaçam e se confundem com trajetórias profissionais, que emocionam e são trazidas para discussão.

Helma Besch dedicou sua vida à docência no contexto da escola comunitária teuto-brasileira. Por acreditar na música como conhecimento essencial na vida escolar e parte integrante da cultura local, preocupou-se em transmitir, cultivar e, principalmente, em despertar o gosto por tal linguagem em seus alunos e pessoas de seu convívio. Buscou, através de suas práticas docentes, criar um momento especial no cotidiano de seus alunos nomeada “a hora do canto”. A hora do canto marcou época nesta escola, deixando marcas na memória dos alunos como um momento de aprendizado, caracterizado por intenso prazer. Neste sentido, Helma Bersch faz parte da história da educação musical brasileira, assim como outros professores que atuaram de forma anônima com a música no contexto da imigração alemã, os quais contribuíram para que sua presença marcasse o espaço escolar e a vida daqueles que a experienciaram.

Descendente de imigrantes alemães católicos, provindos da região de Hunsrück, que se estabeleceram no Vale do Taquari, Helma Bersch iniciou sua carreira profissional no ano de 1932, na Sociedade Escolar Católica de Dona Rita, Arroio do Meio, localizada no Vale do Taquari, região noroeste do Rio Grande do

Sul. Em um contexto muito carente e precário, conquistou seu espaço como professora e agente responsável pela articulação da cultura musical, tendo repercussões de seu trabalho em todo o Vale do Taquari. Salienta-se que neste período a figura da mulher era associada à imagem da mãe, assumindo os afazeres do lar e de dona de casa, não desempenhando funções profissionais, nem se destacando em outros contextos sociais. Na função de professor, no contexto teuto-brasileiro, predominava a figura masculina. Segundo Kreutz (2004), nas primeiras iniciativas escolares na região de colonização alemã, prevalecia a concepção de magistério como sacerdócio, assim designada por ser tarefa exclusiva do homem.

Neste sentido, o trabalho como educadora e mulher foi significativo não só para seu contexto, mas para as áreas de Educação Musical, sendo pertinente fazer o registro de sua trajetória profissional, assim como a reflexão sobre suas práticas docentes em música.

A partir deste estudo, foi possível dar visibilidade a uma mulher cuja trajetória foi marcante para a música na escola comunitária teuto-brasileira católica e para gerações de descendentes de imigrantes do Vale do Taquari. Desta forma, buscou-se lançar um olhar sobre a vida pessoal e profissional de Helma Bersch, assim como sobre sua formação e prática pedagógica, de modo a se compreender a repercussão do seu trabalho para o Vale.

A presente pesquisa não trata de uma história registrada em documentos oficiais, mas de uma história viva que faz parte da memória de pessoas que conviveram com Helma Bersch. Uma história particular, associada ao interesse e à cultura de um grupo, em especial os teuto-brasileiros, que consideravam e depositavam no *Lehrer*¹ total confiança, constituindo-se esse em um agente histórico de grande importância. Além disso, é parte da história da educação musical do país, a qual foi produzida por pessoas de um contexto singular.

Neste sentido, esta pesquisa se justifica pela escassez de estudos que contemplam a educação musical no contexto teuto-brasileiro do sul do país. Assim, esta investigação contribuirá com as pesquisas que vêm sendo

¹ Professor

conduzidas sobre a música na cultura teuto-brasileira, de modo a ampliar as reflexões e discussões sobre o ensino de música escolar nestes contextos, bem como sobre as práticas realizadas na área. Salienta-se que a música tem estado presente de forma marcante no processo histórico de desenvolvimento da imigração alemã, tendo influenciado fortemente as práticas atuais no sul do Brasil.

A partir disso, objetivou-se analisar a trajetória pessoal e profissional de uma professora que dedicou sua vida ao ensino de música, no período de 1932 a 1981, na comunidade de Dona Rita, deixando suas marcas neste contexto. Buscou-se ainda investigar o processo de formação musical da professora Helma Bersch; conhecer as práticas musicais desenvolvidas em sala de aula; assim como, examinar a repercussão do trabalho de Helma Bersch para a comunidade de Dona Rita, município de Arroio do Meio, na região do Vale do Taquari, local onde a escola estava inserida.

A presente dissertação está subdividida em quatro partes. O primeiro capítulo apresenta os caminhos metodológicos percorridos para sua realização. Neste sentido, apresento e justifico a opção pela história oral de vida, em sua vertente biográfica, contemplando como referenciais estudos de Pierre Bourdieu (2006 e 1996) e Giovanni Levi (2006). Apresento ainda os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa, os procedimentos empregados, bem como as fontes e os procedimentos adotados para análises dos dados.

No segundo capítulo, partindo de uma esfera mais ampla, ou seja, da decisão de um grupo de alemães sair de seu país de origem até a conquista de seu espaço, no Vale do Taquari, busco, em fatos históricos entrelaçados a depoimentos orais, situar as razões da imigração. Ressalta-se o espírito comunitário teuto-brasileiro, como característica primordial de sua forma de organização social. Procurei ainda levantar alguns aspectos que determinaram as maneiras de organização da educação entre os imigrantes católicos, assim como algumas especificidades sobre a presença da música no contexto escolar e seu ensino. Neste sentido, utilizo como subsídio os estudos de Kreutz (2004, 2000, 1999 e 1994), Rambo (1996, 1994 e 1988) e Amstad (2005), assim como os estudos de Hessel (1983) e Bersch (2006) para contextualizar as especificidades do Vale do Taquari. Para subsidiar a temática da música, utilizo as pesquisas

realizadas por Garbosa (2006, 2003 e 2002). Salienta-se que os aspectos abordados nesta parte constituem-se como essenciais para a compreensão da trajetória de Helma Bersch frente à música no Vale do Taquari, justificando-se assim a construção do capítulo.

O terceiro capítulo apresenta a trajetória de Helma Bersch, iniciando pela infância até o casamento, seguindo com aspectos referentes à sua vida profissional, a influência do harmônio na sua atuação profissional, seu modo de agir como professora de música e docente do ensino fundamental, os materiais didáticos utilizados nas práticas musicais, assim como as repercussões de seu trabalho para a comunidade. Por fim, no quarto momento apresento algumas considerações acerca da pesquisa.

1.2 Pesquisa qualitativa, oralidades e histórias de vida: abordagens possíveis

Para a condução desta pesquisa, recorreu-se à abordagem qualitativa, tendo em vista que esse tipo de condução metodológica se faz presente nas investigações que privilegiam aspectos subjetivos e singulares do objeto de estudo. Assim, este trabalho insere-se no campo da história da educação musical, alicerçando-se, metodologicamente, a partir da história oral de vida, de caráter biográfico (MEIHY, 2005). Este gênero, atualmente, tem sido evidenciado nos trabalhos vinculados à história da educação, pois possibilita o registro de histórias pessoais, permitindo dar visibilidade a indivíduos, que dedicaram parte de sua vida à educação.

Desta forma, adotou-se a vertente teórica dos estudos biográficos, alicerçada nos conceitos de Giovanni Levi (2006), Pierre Bourdieu (2006 e 1996) e Benito Schmidt (2004 e 2000), numa perspectiva na qual a história de uma vida é tomada como via de acesso para a articulação de questões ou contextos mais amplos.

1.2.1 A pesquisa de natureza qualitativa

A abordagem qualitativa de pesquisa contribui para a investigação em educação, pois permite fazer uso da subjetividade dos valores, crenças, hábitos e opiniões, proporcionando o aprofundamento dos processos de vida dos indivíduos. Neste sentido, fazemos uso da abordagem qualitativa a fim de compreender o complexo processo educacional, como um fenômeno caracterizado por intensa subjetividade.

A abordagem qualitativa na pesquisa em educação cresceu na segunda metade do século passado, provocando intensas discussões e abrindo cada vez mais o campo das possibilidades de se fazer pesquisa, contemplando aspectos até então não atingidos pela abordagem quantitativa. Assim, as pesquisas qualitativas se desenvolvem numa esfera subjetiva, enraizadas no contexto social do qual nascem, sendo essa condição essencial para sua condução.

Conforme Moreira (2002), a pesquisa qualitativa praticamente abdica das abordagens matemáticas e exatas no tratamento dos dados, fazendo uso da subjetividade. No trabalho qualitativo é pertinente a utilização dos recursos da palavra oral e escrita, como instrumento e fonte, assim como, permite recorrer ao uso de fotografias, símbolos, sons, entre outros. A abordagem qualitativa apresenta como foco central a natureza do ser humano, nos permitindo situar o comportamento de forma interativa e interpretativa.

[...] o estudo do comportamento humano é o estudo das experiências vividas de cada um e a experiência humana estriba-se nos sentidos, interpretações, atividades e interações das pessoas. (MOREIRA, 2002, p.46)

A perspectiva qualitativa norteia a corrente norte-americana, desenvolvida pelo Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago, visto como o local intelectual de desenvolvimento dos primeiros trabalhos de pesquisa qualitativa. Esta corrente teórica se apóia nos pressupostos do interacionismo simbólico.

[...] o interacionismo simbólico pode ser visto como o estudo dos modos pelos quais as pessoas enxergam o sentido nas situações que vivem e dos modos segundo os quais elas conduzem suas atividades, em contatos com as outras pessoas, numa base cotidiana. É uma abordagem do tipo “pé-no-chão”, que insiste em vincular a visão de como a vida humana é vivida nas práticas e experiências rotineiras das pessoas cujas vidas queremos estudar. (ibid., p.47)

Assim, esta investigação caracteriza-se como qualitativa, tendo em vista que a vida de Helma Bersch, suas práticas e experiências vivenciadas não podem ser vistas de forma estanque ou compartimentada, nem mensurada de alguma forma, contudo podem ser refletidas e direcionadas ao aprendizado. As atividades profissionais, do lar ou ainda as relacionadas à comunidade onde a professora atuou, não aconteceram isoladas. Tais atividades se confundiam entre si, interligando-se, não podendo ser dissociadas, do contexto familiar, social e comunitário.

Portanto, a pesquisa qualitativa apresentou-se como a opção adequada a este estudo, tendo em vista a subjetividade presente nas concepções e trajetória da professora. Desta forma, o estudo privilegiou as experiências vivenciadas pelos atores em sua individualidade e subjetividade, justificando-se a abordagem metodológica.

1.2.2 Oralidades e histórias de vida

A historiografia contemporânea provocou uma mudança de paradigma a partir da escola dos *Annales*², com o questionamento dos modelos científicos que até então mantinham um padrão para a produção do saber, reduzindo tais práticas. Utilizavam-se, basicamente, documentos escritos oficiais, os quais guardariam a verdade em si (MEIHY, 2005, p.43). Neste sentido, a história passou a abrir um espaço para novas formas de se fazer história, tomando como objeto de pesquisa contextos específicos, abrindo novos horizontes ao campo.

² Movimento historiográfico Francês que incorporou métodos das Ciências Sociais à História.

A historiografia do século XIX mantinha uma preocupação voltada aos grandes eventos da humanidade, de forma que os “grandes homens” passavam a ser o centro das atenções. A escola dos *Annales* passou a valorizar o cotidiano, a história vinda de baixo, dos operários, das mulheres, ampliando as fronteiras do conhecimento histórico, abrindo espaço e multiplicando objetos e problemas de pesquisas (STEPHANOU e BASTOS, 2005, p.418).

A mudança de paradigmas trouxe grandes contribuições para a área de Educação, possibilitando outros olhares a velhos temas. A história da educação passou a valorizar não apenas os documentos oficiais, mas a considerar elementos que auxiliam o historiador na produção de leituras do passado, do vivido, do sentido, do experimentado pelos indivíduos que fazem parte da história da área.

Preocupados com essas questões, Antonio Nóvoa (2006) e Ivor Goodson (2007) entre outros pesquisadores, os quais são referências para o estudo em história da educação, vêm direcionando suas pesquisas e contribuindo com reflexões relevantes. Nóvoa (2006) acredita que o estudo histórico deve cumprir com seu papel de ajudar as pessoas e as comunidades a darem um sentido a seu trabalho educativo. Desta forma, a historiografia nos possibilita perceber que “o presente não existe sem o passado, e estamos a fabricar o passado todos os dias. Ele é um elemento indissociável de nossa identidade” (NÓVOA, 2006, p.11).

[...] Nunca como hoje tivemos uma consciência tão nítida de que somos criadores, e não criaturas, da história. A reflexão histórica, mormente no campo educativo, não serve para “descrever o passado”, mas sim para nos colocar perante um patrimônio de idéias, de projetos e de experiências. A inscrição do nosso percurso pessoal e profissional neste retrato histórico permite uma compreensão crítica de “quem fomos” e de “como somos”. (NÓVOA, 2006, p.11)

Se anteriormente os documentos oficiais eram essenciais para o registro e construção da historiografia tradicional, atualmente, configuram-se como mais um tipo de fonte. A história oral passa a se configurar como uma nova perspectiva a ser considerada e utilizada nos estudos voltados para a área da educação, assim como a todas as áreas do conhecimento.

Neste sentido, esta investigação terá como base a história oral, a qual se fez necessária, tendo em vista que somente documentos oficiais, pela sua escassez, não seriam suficientes para contar a história. Assim, desde os estudos exploratórios sobre a presença da música na escola Dona Rita, foi possível verificar a necessidade de depoimentos de pessoas que com ela conviveram. Portanto, a música na escola Dona Rita e a trajetória da professora Helma Bersch não se encontram nos documentos escolares, no currículo ou em livros didáticos, mas sim, na subjetividade das relações entre professor, aluno e comunidade. Verifica-se, assim, que os documentos oficiais não são suficientes para a história que se busca, recorrendo-se à memória daqueles que viveram e experienciaram a época e as práticas musicais na escola.

A história oral constitui-se em um espaço privilegiado para destacar a fala daqueles que viveram experiências, possuindo um importante papel e um potencial inovador para a pesquisa em história.

[...] é pela oportunidade de recuperar testemunhos relegados pela História que o registro de reminiscências orais se destaca, pois nos permite a documentação de pontos de vista diferentes ou opostos sobre o mesmo fato, os quais, omitidos ou desprezados pelo discurso do poder, estariam condenados ao esquecimento. (FREITAS, 2006, p.47)

Segundo Félix (1998, p. 23) a história oral tem um passado remoto, sendo tão velha quanto a própria história. Pode-se dizer que a história oral foi a primeira forma de se fazer história, considerando-se que toda a história escrita passou anteriormente pela oralidade. Entretanto, é a partir dos anos de 1950 que a história oral é incorporada cada vez mais aos trabalhos historiográficos, passando a ser nomeada de moderna história oral, reaparecendo com a pretensão de se constituir em uma nova possibilidade de se fazer história.

Conforme Freitas (2006), a história oral conquista maior espaço de atuação a partir da década de 1960, com o aparecimento dos gravadores cassetes, principalmente nos Estados Unidos e no Canadá, assim como na Grã-Bretania.

[...] na Grã-Bretania, buscava-se o testemunho de pessoas comuns - *ordinary people*, marginalizadas pelo poder - e de idosos, enquanto a história oral norte-americana estava voltada para os *great men*, ou seja, os homens socialmente reconhecidos. (FREITAS, 2006, p.31)

Já no Brasil, a história oral passa a ser introduzida a partir dos anos 1970. Devido a fortes interferências do regime de ditadura militar, foi somente a após os anos 1990 que essa história passou a ter maior repercussão.

Allan Nevis (NEVIS apud FREITAS, 2006, p.18) utilizou o termo “moderna história oral” por considerar que esta prática permite uma ampla utilização de recursos eletrônicos, com o registro de depoimentos e experiências tanto pessoais como sociais. No entanto, o conceito da história oral moderna também se apresenta no sentido de ter seu objeto de estudo direcionado a outros focos, indo além do que a história tradicional vinha se voltando. Passa-se a dar atenção a grupos considerados dominados, silenciados ou excluídos da história, como mulheres, proletariados e marginalizados, assim como a história do cotidiano, da vida privada, da história local. Também é inovadora por seu potencial de abordagens, incluindo a história vista de baixo, a microhistória, com características de observar de forma subjetiva e peculiar as maneiras de ver e sentir de cada época e contexto.

Atualmente, podemos contar com uma vasta literatura nacional, na qual se encontram autores que discutem e refletem questões pertinentes que envolvem a postura e o *status* da história oral. Neste sentido, destacam-se Alberti (2006), Ferreira e Amado (2006); Freitas (2006) e Meihy (2007, 2005, 1996), os quais vêm se dedicando a este estudo.

Segundo Ferreira e Amado (2006, p.xii), a história oral pode ser considerada de três formas: como técnica, como disciplina e como metodologia. Como técnica, pela utilização de gravações, transcrições e pela conservação das entrevistas. Com *status* de disciplina, no sentido de que “a história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisas, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos” (FERREIRA e AMADO, 2006, p.xiii). Neste sentido, ela compreende um corpo teórico autônomo, com características singulares que se apóiam em questões de narrativa, testemunho, memória, subjetividade, simbologias e representações. E por último, os defensores da história oral como metodologia a reconhecem como “uma área de estudos com objetivos próprios e capacidade de gerar no seu interior soluções teóricas para as questões surgidas nas práticas” (ibid., p. xvi).

Estes questionamentos, ao longo da história, possibilitaram o fortalecimento da área, assim como sua valorização e reconhecimento, dando consistência às produções. No entanto, a história oral, segundo Meihy (2005, p.48), possui um campo muito vasto, que independente das várias tradições disciplinares e linhas de trabalho, tem encontrado um fértil território de diálogo e troca de experiências.

A história oral, segundo Meihy (2005, p.18), “é um processo sistêmico de uso de depoimentos gravados, vertidos do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas”. Ela se caracteriza pela presença do passado no depoimento de pessoas, possibilitando um sentido social para a vida do depoente e leitores que passam a ser integrantes da história no contexto em que estão inseridos.

A história oral constitui-se a partir de três modalidades distintas, englobando a história oral temática, a tradição oral e a história oral de vida. Neste sentido, salienta-se que a história oral de vida se mostrou mais adequada para guiar os trabalhos desta investigação. Segundo Meihy (ibid., p.147), a história oral de vida é uma modalidade da história oral muito cultivada entre pesquisadores. “[...] trata-se da narrativa do conjunto de experiências de vida de uma pessoa” (ibid.). Este gênero possui uma característica primordial: a subjetividade. Desta forma, objetiva promover a valorização de temas e papéis individuais específicos de determinadas experiências vividas, buscando contemplar aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos ou religiosos. Para o presente estudo, esta modalidade se apresentou como adequada, por se tratar de um estudo que nasce das vivências da professora Helma Bersch e das pessoas que com ela compartilharam experiências.

A história oral de vida parte da ideia de reconstruir o passado, que em muitos casos é efetuado pelo próprio indivíduo que narra e relata suas experiências vividas, sendo, neste caso, considerados como autobiografias. No entanto, a história de vida possui algumas variações, entre elas as narrativas biográficas, comuns em projetos que tratam de pessoas falecidas. A presente pesquisa fará uso desta derivação por se tratar de um estudo de caráter

biográfico, na tentativa de documentar a história de vida de Helma Bersch, a partir de pessoas que com ela conviveram.

1.3 A biografia como suporte teórico

A história oral de vida caracteriza-se por resgatar experiências de um indivíduo ou de um grupo social específico, buscando conhecer e aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade. Mesmo atendo-se ao estudo de uma trajetória de vida apenas, não há como dissociá-la do contexto histórico do qual fez parte e no qual interagiu. Desta forma, ela nos possibilita e privilegia a análise e a interpretação, iluminando experiências pessoais subjetivas que se inserem ao contexto social do biografado. Valoriza, assim, as memórias do indivíduo, na medida em que atribui importância às experiências por ele vividas e, por vezes, não consideradas pela história tradicional. Nesta perspectiva, a entrevista é de fundamental importância, uma vez que possibilita estabelecer relações mútuas e múltiplas, envolvendo diferentes percepções, sentimentos e emoções. A partir deste instrumento, pode-se cruzar, questionar, validar as informações, estabelecendo-se possíveis relações de diálogos em que ocorrem contrastes que são importantes para uma maior clareza quanto ao biografado e aos aspectos a serem abordados e evidenciados pelo pesquisador.

A importância, as funções, objetivos e características da história de vida como meio para a recuperação de uma biografia, sofreu diferentes entendimentos ao longo da história. A prática de escrever histórias de vida existe desde a Antiguidade, sendo que podemos observar diversas formas de sua escrita. Ao longo dos tempos, estas escritas foram modificadas e adaptadas às condições do momento e do espaço em que eram produzidas, adequando-se aos objetivos para os quais eram propostas. Segundo Carino (1999),

[...] tempos heróicos exigem biografias de heróis; tempos românticos exigem que as vidas retratadas exibam romantismo; épocas históricas

regidas pelo condão da fé exigem que as biografias sejam hagiografias, retratando a pureza e a retidão de santos. (CARINO, 1999, p.157)

Os relatos das vidas individuais na Antigüidade greco-latina se tornam relevantes com a história da decadência da *polis*. A biografia passa a descrever então, o desencanto motivado pela deteriorização da vida na cidade, sendo que ela surge da ruptura entre a civilização da polis e os grandes impérios. Neste sentido, as biografias são marcadas pelos elogios, que buscam distinguir as virtudes como ideais filosóficos e suas manifestações em vida concretas, que são dignas de relato (ibid., p.159).

Já em Roma, no período da Idade Média, as biografias possuíam um papel específico como forma de expressar o Bem, a boa conduta a serviço da edificação. O importante na biografia não era a continuidade da descrição da história da vida, mas sim, dos momentos de manifestação e objetivação do bem. Segundo Carino (ibid., p.160), durante todo o milênio são escritas muitas “hagiografias: as vidas de santos e as vidas piedosas substituirão as vidas de heróis”. Este entendimento das biografias vai se transformando lentamente até o Renascimento.

O século XVIII é marcado pelo registro das ascensões burguesas, cresce o interesse pelas personalidades públicas. Segundo Carino (ibid., p.162), a atividade de andar pelas ruas, de mostrar-se, de exhibir-se para a sociedade, como forma de firmar a própria identidade, adquire importância.

[...] O desenvolvimento das atividades econômicas e a concentração urbana do progresso cultural impõem essa exibição, que acentua a necessidade de destacar, registrando-lhes a trajetória, aqueles indivíduos que se sobressaem na difícil tarefa de “aparecer” em sociedade. Isso dá asas à imaginação dos criadores de formas para o relato biográfico: surge a biografia profissional, que também se insere no dicionário histórico, na bibliografia, no discurso cerimonial, no elogio. Tais formas dramatizam-se e ganham autenticidade quando se aplicam a vidas concretas na forma do relato biográfico [...] no século XVIII, o surgimento das academias, nas quais o gênero biográfico ganha impulso: os pares integrantes dessas instituições celebram as virtudes dos companheiros biografando-os. (CARINO, 1999, p.162)

No século XX, com o surgimento de inúmeros paradigmas nas diferentes áreas do conhecimento, tais como, crise da concepção mecanicista, surgimento

da psicanálise e novas tendências na literatura, a biografia passa a ser concebida com novo sentido.

Os historiadores e cientistas sociais têm chamado atenção, nas últimas décadas do século XX, para a relação entre biografia e história, no processo de compreensão e de produção de conhecimento sobre o passado. Esse movimento das ciências humanas ocorre paralelamente ao aumento do interesse do público em geral por obras de cunho biográfico, que produziu um verdadeiro *boom* no mercado editorial, tanto no Brasil como no exterior (ALBERTI, 2006).

Com o desenrolar do século XX, um dos problemas observados na produção biográfica refere-se a uma crítica, no sentido de que busca associar a vida a um caminho ou estrada a fim de facilitar a narração, a compreensão, visando uma maior venda da obra. Segundo Alberti (2006), o sucesso das biografias, no mercado editorial, está certamente relacionado à opção da maioria dos autores, em reconstruir o passado, atribuindo significado aos fatos dispersos de uma vida, colocando-os em ordem cronológica, seduzindo o leitor pela nostalgia, que passa a ser, a “alma” do comércio. Ao representar a vida com lógica linear, o biógrafo fornece uma razão de ser ao seu objeto e tranqüiliza o leitor, que se identifica com o percurso narrado.

Conforme Pierre Bourdieu (2006, p.185), os romances sempre tiveram uma tendência à linearidade dos fatos, buscando produzir as histórias de vida como um relato coerente, com significados e direção. Desta forma, o relato biográfico, na maioria das vezes, tenta ordenar os acontecimentos de uma vida de forma diacrônica, na ilusão de que formam uma narrativa autônoma e estável, ou seja, uma história com começo, meio e fim, formando um conjunto equilibrado e seguro. Bourdieu (2006), em suas críticas aos trabalhos biográficos, chama atenção à “ilusão biográfica”, quer dizer, para o erro em considerar que a vida é “um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” subjetiva e objetiva, de um projeto” (BOURDIEU apud SCHMIDT, 2000, p.184).

Ressaltar-se a “ilusão biográfica” de que trata Bourdieu (2006), tendo em vista que essa estabelece limites que ignoram a liberdade e a racionalidade

existentes nas relações entre o indivíduo e a sociedade no decorrer do percurso, ou ainda, a ilusão de narrar uma história de vida coerente por meio de uma seqüência lógica de acontecimentos. Desta forma, o biógrafo torna-se cúmplice dessa ilusão, pois é responsável pela criação artificial de sentido, uma vez que aceita a coerência da existência narrada, extraindo do discurso uma lógica estabelecida.

Ainda considera o mesmo autor que, um fator importante e responsável pela busca de coerência é o próprio nome. O nome próprio carrega um potencial, que garante ao indivíduo sua individualidade. Não é por acaso, que numa perspectiva jurídica a assinatura é que autentica essa identidade individual.

[...] Como instituição, o nome próprio é arrancado ao tempo, ao espaço e às variações de lugar e de momento: assim, para além de todas as mudanças e flutuações biológicas e sociais, ele assegura aos indivíduos designados à *constância nominal*, a identidade com o sentido de identidade a si mesmo, de *constantia sibi*, exigida pela ordem social. Compreende-se, então, que, em inúmeros universos sociais, os deveres mais sagrados em relação a si mesmo tomem a forma de deveres em relação ao nome próprio. (BOURDIEU, 1996, p.77)

Desta forma, o nome próprio como instituição muitas vezes é o elemento que constitui o cerne desta ilusão, pois não pode o pesquisador colocar o indivíduo apenas em condições de reproduzir, e ou, produzir movimentos de transformações, nesta instituição social por ele representada.

[...] A nominação, nesse sentido, introduziria categorias como *trajetória*, indiferente às particularidades individuais no fluxo das realidades sociais. “Como ponto fixo em um mundo que se move”, ela pouco contribuiria para o debate sobre o biográfico, e só poderia contribuir para uma análise do social, considerando-se a necessidade de se reconstruir a [...] “estrutura de rede” na qual esse indivíduo está inscrito e age. (SOUZA, 2007, p.29)

Levi (2006), nesta discussão, aponta questões no sentido de que não somente a identidade é relevante, mas, sobretudo, o contexto cultural como de grande responsabilidade. É de fundamental importância adentrar no contexto cultural, no qual os indivíduos estão inseridos. A identidade individual é apenas uma parte desta estrutura de rede. Faz-se necessário buscar o equilíbrio quanto às relações sociais (contexto, regras econômicas, regras políticas e outros) com a singularidade da vida a ser narrada, o equilíbrio entre o global e o pessoal, o

individual e o social. O mesmo autor afirma que a relação entre *habitus* de grupo e *habitus* individual remete à seleção entre o que é comum e mensurável, e o que diz respeito às singularidades das trajetórias sociais. Não se trata de “reduzir as condutas a comportamentos-tipos, mas de interpretar as vicissitudes biográficas à luz de um contexto que as torne possíveis e, logo, normais” (LEVI, 2006, p.175).

[...] Uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas sim, ao contrário, mostra-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica. (LEVI, 2006, p.176)

Outro aspecto levantado por Levi diz respeito à possibilidade do contexto como forma de preenchimento de lacunas documentais, assim como a ampliação do olhar sobre o biografado através do contato com outras pessoas e de movimentos nos quais participou. Dessa forma, multiplicam-se os exemplos de outras vidas que tenham algum paralelo com a do biografado.

Neste sentido, segundo Schimdt (2000), a história de um personagem é tomada como fio condutor para discorrer sobre outros fios, isto é, “os espaços de sociabilidade por onde circulava e como estes podem ter lhe influenciado, as leituras realizadas e sua re-elaboração pessoal, os códigos de moral da época e suas interpretações/manipulações próprias, etc.” (ibid., p.54).

Portanto, é indispensável ressaltar a importância do papel do biógrafo na reconstituição de uma vida. Cabe a ele considerar, durante suas atividades, a multiplicidade de faces que compõem o ser, escolhas e renúncias que desenham a vida desse indivíduo, os fatos que acontecem, independentemente, das suas opções e que também configuram o seu modo de ser e estar presente no mundo. É tarefa do biógrafo, expressar o “fazer-se” desse ser, no decorrer de sua existência (SCHMIDT, 2004, p.139).

A partir disso, verifica-se que é possível produzir conhecimentos sobre o passado através da história de uma vida. Tendo presente que não temos como objetivo privilegiar a biografia de “grandes homens” nem seus “grandes feitos”, e sim, valorizar a trajetória de uma pessoa comum, registrando os exemplos que deixou e construiu em sua época. Assim, não é possível separar as realizações profissionais da professora Helma Bersch dos aspectos de sua vida, os quais

estão intimamente entrelaçados. A biografia de Helma é uma história que merece ser narrada, registrada e divulgada, pois conduzirá conhecimentos sobre a história da educação musical no contexto da escola comunitária teuto-brasileira católica do Vale do Taquari.

1.4 As vozes dos colaboradores e os caminhos percorridos

As pesquisas qualitativas permitem a utilização de uma grande variedade de procedimentos e técnicas de coletas de dados. Entretanto, a partir de um levantamento realizado, constatou-se que a música na escola Dona Rita, não se constituía em uma disciplina de caráter obrigatório, mas apresentava-se como um elemento que permeava a vida escolar e fazia parte da cultura do grupo. Portanto, os registros documentais oficiais presentes na escola são praticamente inexistentes, sendo necessário buscar suporte nos testemunhos de pessoas que conviveram com Helma Bersch. Segundo Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (1998), a entrevista apresenta uma natureza interativa que permite tratar de temas que, dificilmente, poderiam ser investigados adequadamente com o uso de outras técnicas.

Sendo assim, para a concretização desta pesquisa, buscou-se suporte nos testemunhos de pessoas que com Helma Bersch conviveram e com ela aprenderam a apreciar, valorizar, viver e difundir a cultura musical. Além dos relatos orais, coletados a partir do depoimento de sete colaboradores, os quais estabelecem estreita ligação com Helma Bersch ao longo de sua vida, foram utilizadas, como fontes de dados, materiais didáticos, incluindo-se cadernetas e livros de música, além de registros escolares presentes na instituição e em arquivos pessoais. Ao longo do texto foram inseridas fotografias referentes à temática, que se constituem em elementos ilustrativos e não fontes de dados.

As entrevistas ocorreram de modo que o entrevistado tivesse liberdade para falar, estabelecendo-se assim uma conversa informal. Para que este nível de

conversa fosse alcançado, foi necessário utilizar o recurso de gravação, o qual permite a total atenção do pesquisador no entrevistado. Para Meihy (2005, p.123), “[...] a entrevista é muito mais que só voz. Ela é gesto, ela é movimento, ela é observação de comportamentos e ela é também silêncio. Em síntese, a entrevista é um momento da história se fazendo”.

Algumas condições propostas por Meihy (2005), para que as entrevistas ocorressem com sucesso, foram colocadas em prática. Observaram-se as condições referentes ao local, tempo de duração da entrevista e dinâmica. Assim, todas as entrevistas, a pedido dos entrevistados, foram realizadas nas suas próprias residências, pois segundo os colaboradores, aconteceriam de modo mais natural. O tempo de duração também foi estabelecido pelos depoentes, conforme o vínculo deste com a professora, tendo o tempo de duração variado entre uma a quatro horas.

As entrevistas foram pré-agendadas, apresentando-se ao colaborador uma possibilidade de roteiro (Apêndice 1), de modo que o momento da entrevista pudesse ocorrer com maior tranquilidade. Segundo Meihy (2005, p.110), os eventuais usos de estímulos devem ser apresentados aos colaboradores antes das entrevistas, pois podem alterar a naturalidade da entrevista.

Além dos depoimentos orais, foram utilizados como fontes de dados, alguns relatórios de atas e registros escritos, coletados na escola, bem como livros utilizados pela professora Helma Bersch. Fotografias guardadas na residência do filho, onde Helma viveu durante seus últimos anos de vida, foram utilizadas como elementos de ilustração.

Foi utilizado ainda, o livro publicado pelo filho de Helma, Roque Bersch (2006), com relatos de crônicas da família. Estas fontes tiveram o objetivo de complementar os depoimentos coletados, possibilitando o aprofundamento das reflexões e o preenchimento de lacunas (LEVI, 2006).

No que tange às entrevistas, optou-se pelo termo “colaborador” para os entrevistados, pois segundo Meihy (2005), o trabalho da entrevista é fundamental para a pesquisa em história oral e requer uma relação de compromisso entre as partes. Segundo o mesmo autor, a história oral moderna entende o conceito de

colaborador como um termo ímpar para a compreensão do significado que se pretende estabelecer no relacionamento entre entrevistado e entrevistador, tendo em vista tal processo exige compromisso entre ambas as partes. O colaborador possui um papel relevante que vai além da sua autorização na publicação de seu depoimento. Exige-se dele a participação ativa das etapas de transcrição e revisão dos textos produzidos a partir das entrevistas (ibid., p.49).

Assim, a trajetória da professora Helma Bersch foi narrada por sete colaboradores que dissertaram sobre as experiências da professora, frente ao ensino de música. Entre os colaboradores, esteve presente seu filho, que se disponibilizou a fornecer informações relevantes quanto à sua condição de mãe, mulher e profissional. A escolha dos demais colaboradores se deu a partir de um estudo exploratório realizado na comunidade de Dona Rita, no mês de janeiro de 2008, de modo que em visitas a líderes comunitários, professores, ex-alunos, foram eleitas as pessoas que tiveram relação com Helma Bersch. Salieta-se que todos os colaboradores foram ex-alunos da professora Helma, buscando ao menos um depoente de cada período de atuação profissional. Dentre os depoentes, destaca-se um dos filhos de Helma; a professora de música que, após o afastamento de Helma Bersch da escola, deu seguimento às atividades musicais; assim como a atual diretora da Escola Dona Rita.

Optamos, porém, por não identificar os colaboradores, mas sim citá-los como C1; C2; C3; C4; C5; C6 e C7. Tal decisão se justifica pelo modo como foram conduzidas as entrevistas, percebendo-se que os colaboradores se sentiam mais à vontade durante a entrevista, a partir do momento em que se mencionava a não identificação dos depoentes. Assim, foi possível estabelecer entre entrevistador e colaboradores, uma relação de confiança, surgindo momentos de desabafos e confidências. Apesar de todas as entrevistas serem devidamente autorizadas pelos colaboradores (Apêndices 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8), optou-se por não apresentá-las na íntegra nesta dissertação, utilizando-se somente os trechos necessários para a discussão das categorias da pesquisa. Ressalta-se, contudo, que todos os dados levantados ficarão disponíveis para outros pesquisadores, no

arquivo do Laboratório de Educação Musical³, a fim de servirem de apoio a futuras pesquisas.

A coleta de dados teve início em janeiro de 2008, a partir de um levantamento de informações realizado junto à comunidade e à escola Dona Rita, a fim de realizar uma sondagem sobre o tema proposto e eleger os colaboradores para a pesquisa. Durante todo o primeiro semestre foram realizadas visitas informais aos possíveis colaboradores, com a intenção de expor os objetivos do estudo e contar com sua participação na pesquisa, realçando a importância dos depoimentos.

Entre os meses de agosto e setembro de 2008, após realizar pessoalmente um novo contato na residência de cada colaborador, foi agendada a entrevista de acordo com a hora e local estabelecidos pelos mesmos. Todas as entrevistas foram gravadas com o auxílio de um gravador digital. Em seguida, realizou-se a sua transcrição na íntegra, sendo que no mês de outubro, após a digitação, o texto foi devolvido aos colaboradores para revisão e autorização.

A seguir, iniciou-se o trabalho de análise dos dados. Para auxiliar este processo foi necessário organizar o tema em categorias e dividi-las em subcategorias, visando a uma melhor compreensão do objeto de pesquisa. Salienta-se que algumas das categorias e subcategorias foram elencadas de forma prévia, sendo outras decorrentes dos dados coletados.

Categorias e subcategorias

1) Helma Bersch: Infância e família

- a) A infância
- b) O pensionato
- c) O casamento

2) Helma Bersch: Formação escolar

³ O Laboratório de Educação Musical - LEM encontra-se no Centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, na sala 3368.

a) Formação escolar

b) Formação musical

3) Helma Bersch: Na Sociedade Escolar Dona Rita

a) O ingresso

b) A música

c) A atuação – metodologia de trabalho

4) Helma Bersch: Na comunidade Dona Rita

a) A professora

b) A professora particular de instrumento

c) O que permaneceu

Figura - 1 Categorias e subcategorias de análise dos dados

A partir das categorias e subcategorias elencadas optou-se pela estrutura desta dissertação. Ao analisar a trajetória da professora Helma Bersch, foi possível registrar a história de uma pessoa que fez de sua vida uma parte da história da educação musical. A partir da pesquisa, foi possível trazer para a discussão as especificidades em relação ao modo de ensinar e de conceber a área de Educação Musical no período e contexto analisado. Assim como, as concepções e o significado de ser professora de música na época em questão, os reflexos das práticas pedagógicas, os materiais didáticos, a formação e a atuação da professora, a repercussão do trabalho desenvolvido, as relações entre pais e professor, as quais fizeram parte da realidade de uma das muitas comunidades fundadas por imigrantes alemães no sul do país.

2. ENTRELAÇANDO AS HISTÓRIAS: IMIGRAÇÃO ALEMÃ CATÓLICA E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA O ENSINO DE MÚSICA NO VALE DO TAQUARI

[...] A busca da identificação das raízes históricas de nossa existência, longe de ser um modismo atual, é uma necessidade constante na história da humanidade. [...] Uma vez nem tão longe de hoje, somente pequena parte dos seres humanos, os 'nobres', eram valorizados individualmente. A imensa maioria dos viventes constituía a *gens* - como diziam os romanos - isto é, uma espécie de 'colônia' de indivíduos vistos como manifestação de um único 'gene', em que aos seres individuais não se atribui identidade, muito menos cidadania [...] as *gentes*. (BERSCH, 2006, p.22)

2.1 Emigração para o Brasil: o início de uma nova vida

Faz-se necessário recorrer à história do passado europeu, ao período que marcou as primeiras emigrações às Américas, para se compreender algumas das razões que impulsionaram os alemães a escolher como sua nova pátria o sul do Brasil. A história do processo de vinda dos alemães ao RS e a construção da comunidade do Vale do Taquari são parte da história que se propõe.

No início do século XIX, os imigrantes alemães vinham para as Américas, motivados, especialmente, por questões econômicas, pois a Europa vivia uma nova crise econômica. Não tendo como se expandir territorialmente, convivendo com a miséria e tendo que se resignar com as condições proletárias, o fenômeno de emigração entre os alemães se expandiu rapidamente.

[...] Não tendo colônias para as quais pudesse repassar os excedentes populacionais e com uma expansão industrial relativamente tardia para absorver os egressos do campo a emigração passou a ser um fenômeno desejável para contornar as tensões sociais provenientes do aumento demográfico. (KREUTZ, 2004, p.26)

Por outro lado, houve um forte incentivo do governo brasileiro, que estimulava a imigração a partir de um programa de colonização com o objetivo de promover a ocupação da região sul do país e ali desenvolver a agricultura. Segundo apontamentos de Kreutz (2004), um dos fatores que influenciaram os alemães a se estabelecerem em solo brasileiro foi a semelhança referente aos aspectos naturais, incluindo-se vegetação, áreas montanhosa, clima, entre outros, oferecidos pelo Brasil. Tais aspectos se assemelhavam aos deixados no país natal, assim como a possibilidade de manter os elementos culturais do grupo. Desta forma, buscavam reproduzir no Brasil seus hábitos, costumes, crenças religiosas, organização social a que estavam acostumados. Assim, o estabelecimento dos alemães no sul do país se deu de forma peculiar, sendo que “teria sido um dos raros casos em que imigrantes se estabeleceram na terra de

adoção com um grau muito elevado de ‘transplante cultural’” (KREUTZ, 2004, p.26).

Pode-se considerar que um dos aspectos que reforçou a reprodução no Brasil, do contexto alemão, na medida do possível, foi o fato da imigração se dar de forma conjunta entre muitos membros de uma mesma família. Mantiveram-se os papéis sociais representados por cada integrante da família, o que foi, decisivo para a fundação de uma nova comunidade, alicerçada nos padrões trazidos da terra natal.

[...] eu sou o sexto filho, então já havia todo um ar de gravidade de coisas acertadas, de uma hierarquia muito bem posta. Os irmãos mais velhos já tinham uma ascendência sobre os mais novos. No meu tempo, era muito mais forte, porque estava nas perspectivas dos meus pais, meu pai ainda era vivo. Isso ainda seguiria por mais tempo, depois viriam mais seis filhos. Eu senti isso na minha família na medida em que a gente sabia que enxergaríamos os mais novos fazendo para os mais velhos [...] Primeiro: os mais velhos sabem tomar conta dos mais novos e os ajudam; Segundo: os pequenos observam os mais velhos, seu comportamento e se autorizam a fazer da mesma forma, fazendo com que haja uma gravidade na família. Então, percebo uma família bastante hierarquizada. (C1)

Marcados e identificados com as especificidades das regiões das quais provinham, cada grupo de imigrantes ostentava características próprias que os diferenciavam. Os imigrantes alemães católicos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul eram oriundos, em sua maioria, da região de Hunsrück, bem como grande parte do grupo que colonizou o Vale do Taquari (BERSCH, 2006). Essa região da Alemanha fazia divisa com a Bélgica, França e Suíça, que corresponde hoje aos atuais estados alemães de Rheinland-Pfalz.

[...] Aí se situa o Hunsrück, uma região montanhosa, subdividida em pequenas propriedades rurais e com tradição católica já milenar. Formaram-se aí as comunidades rurais compostas de um número maior ou menor de famílias de proprietários com acentuada integração religiosa, social e cultural. (KREUTZ, 2004, p.32)

Considerando-se que esta pesquisa tem seu foco nos imigrantes católicos, provindos da região do Hunsrück, os quais povoaram e contribuíram intensamente com o Vale do Taquari, econômica, social, religiosa e culturalmente, é pertinente refletir acerca das concepções e da bagagem cultural presentes nestes imigrantes.

Na região do Hunsrück, predominava o espírito da Contra-Reforma⁴. Este grupo era representante do conservadorismo agrário e possuía fortes características da velha sociedade feudal marcada pela “propriedade, família, religião e ordem” (KREUTZ, 2004, p.31). No entanto, as características que predominavam na região da Prússia se diferenciavam em muito do Hunsrück.

A Prússia possuía um dinamismo industrial muito intenso para a época, assim como uma forte predominância de protestantes seguidores de Lutero. Esta região prussiana era considerada o símbolo da consciência política do espírito de *Aufklaerung*⁵, movimento revolucionário do século XIX, caracterizado pelo otimismo no poder da razão e na possibilidade de organizar a sociedade à base de princípios racionais. Em oposição, a região do Hunsrück considerava o liberalismo evidenciado pelo movimento de *Aufklaerung*, uma ameaça para a ordem política e para a ordem religiosa católica vigente, segundo Kreutz (ibid., p.35), este movimento significava a corrosão dos pilares de sustentação do antigo regime católico.

Essa região, predominantemente católica, sofria uma forte pressão exercida pela sociedade alemã, no sentido de que a população da região do Hunsrück participasse das transformações da Revolução Industrial. Tal pressão fez com que a igreja católica se organizasse e instituísse o Projeto de Restauração Católica. Nesse projeto, evidenciavam-se as idéias de Rousseau, que buscava promover “o ritmo pacato da natureza como condição para uma vida harmoniosa e boa, identificando o fervilhar das metrópoles com o agressivo e desnaturado” (ibid., p.34). Porém, a pressão exercida pelo liberalismo foi tão intensa que não permitiu que o projeto de Restauração Católica⁶ se instituísse, sendo que os moradores do Hunsrück julgavam ter duas possibilidades, adequar-se às novas regras que vinham se estabelecendo ou optar pela emigração como

⁴ Movimento criado no seio da Igreja Católica em oposição à reforma protestante iniciada com Lutero a partir de 1517 (BRAICK e MOTA, 2006, p.36).

⁵ Segundo Horkheimer e Adorno (2006), *Aufklaerung* significa esclarecimento, dentro do movimento Iluminista (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p.7).

⁶ Projeto implantado pela Igreja Católica com o objetivo de retomar à doutrina católica (KREUTZ, 2004).

forma de manter suas características culturais, fortemente, marcadas pelos ideais do projeto católico.

Esse quadro político e cultural do século XIX provocava crise de consciência na Europa. Por um lado, as concepções tradicionais de homem que coloca Deus no centro do universo, o teocentrismo, submisso às idéias e regras da Igreja Católica. Por outro, as concepções modernas que colocam o homem como criador do universo científico, o antropocentrismo. Dentro desse contexto, sabemos que a Alemanha, em especial, foi terreno fértil para as concepções conservadoras que procuravam amenizar as contradições da sociedade capitalista em desenvolvimento para uma consciência produzida sobre concepções tradicionais, estruturada pelo idealismo feudal da Idade Média.

Buscava-se manter a idéia de que o sentido fundamental do homem e do mundo se situava no espiritual e eterno, retirando a importância da história, “do tempo e do mundo físico que, aliás, era designado como local de erro e dispersão do espírito” (KREUTZ, 2004, p.52). Este pensamento conservador, ao contrário da Reforma Protestante, julgava todas as manifestações de Liberalismo, Revolução, Democracia e Progresso como discurso da Reforma Protestante, acentuando a rivalidade entre católicos e protestantes. *[...] Sabe, às vezes a aula de religião nós assistíamos ela em pé! Todos os alunos ficavam em pé nos fundos da sala e a professora lá na frente. As aulas de religião transmitiam um medo para a gente. Um medo de Deus. Eu aprendi a ter medo de Deus (C5).*

No que tange à escola, enquanto em outras regiões da Alemanha, em meados do século XIX, a escola pública e gratuita já estava bem estabelecida, na região do Hunsrück predominava ainda o domínio da Igreja Católica através das pequenas comunidades rurais. Estas comunidades mantinham a direção e organização das suas próprias escolas e o professor assumia todas as atividades relacionadas à Igreja e à comunidade.

Daquelas concepções políticas e religiosas da Igreja Católica germânica da época, a escola alemã sustentou seus princípios, sendo os motivos religiosos a essência da educação, com ênfase na formação de bons cristãos. O professor

que iria atuar junto às comunidades católicas no Rio Grande do Sul possuía, na sua origem, esta marca.

[...] No colégio das irmãs em Estrela, tinha um juvenato, para onde a maioria das moças que queriam continuar estudando iam. As freiras é que davam a aula e elas tinham um estilo próprio trazido da Europa. Quase todas as irmãs vieram da Alemanha.[...] as juvenistas eram preparadas para serem professoras paroquiais. As professoras paroquiais tinham um conhecimento bem aprofundado de música. Elas iriam assumir uma escola paroquial. Elas precisavam saber cantar para poderem dirigir um coral, para cantar nas missas. (C3)

Verifica-se assim, uma grande preocupação em propagar os valores religiosos. Aliado a isso, fica claro a importância das habilidades musicais para o professor, o qual deveria de envolvê-las no intuito de melhor exercer as atividades, especialmente, as ligadas à religião e ao canto sacro.

Considerando-se a formação, os egressos de seminários e colégios de religiosos tornavam-se fortes candidatos para exercer a função de professor. Contudo, ressaltamos ainda, que na Alemanha sempre houve um forte empenho no que diz respeito à educação, de modo que ao final do século XVIII já surgiam nesse país as primeiras iniciativas de uma educação sob responsabilidade do Estado. É envolto nesta perspectiva que os imigrantes alemães chegam ao Rio Grande do Sul, no ano de 1824, organizando-se em pequenas comunidades de colonos, tendo a sua igreja e a escola como centro da sua vida comunitária.

2.2 Do Vale à Dona Rita: o projeto de colonização

A imigração alemã, iniciada no Brasil na década de 1820, foi promovida por um programa de colonização desenvolvido pelo governo brasileiro, no intuito de ocupar áreas de terras, no extremo sul do país e desenvolver a agricultura na região. Sabe-se que houve algumas tentativas anteriores de estabelecimento de colônias alemãs em alguns pontos isolados do país que não prosperaram.

[...] Em 1812, foi fundada a colônia de Santo Agostinho, no Espírito Santo; em 1818, a colônia Leopoldina, na Bahia; em 1819, a colônia de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro [...] Entre os fatores para o insucesso dessas colônias, colocava-se o fato de os imigrantes não terem familiaridade nem com o clima nem com o tipo de solo da região, elementos que pesariam como positivos para o caso das colônias no Rio Grande do Sul. (KREUTZ, 2004, p.77)

Porém, segundo Amstad (2005, p.62), foi no ano de 1824, que se oficializou a chegada dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, com a fundação da primeira colônia alemã em São Leopoldo, em terras públicas, no Vale do Rio dos Sinos. A imigração alemã, no sul do país, foi marcada por características próprias, inerentes a cada período, local ou motivação que os imigrantes receberam para aqui se estabelecer. Anteriormente à vinda dos ascendentes de Helma Bersch, na segunda metade do século XIX, vários outros imigrantes já haviam se estabelecido em terras gaúchas e prosperavam em colônias.

Os imigrantes e seus descendentes foram responsáveis pela ocupação de grande parte do território rio-grandense. Com a chegada dos imigrantes criou-se uma nova classe social, principalmente no sul do país, pois, até então a mão de obra nas lavouras era, predominantemente, escrava, o que gerava riqueza a poucos, não permitindo que as pessoas que produzissem a riqueza pudessem usufruí-la. Em contraposição, a imigração criou uma nova possibilidade de organização social, a pequena propriedade, livre e com renda própria.

O processo de colonização alemã no Rio Grande do Sul pode ser dividido em dois períodos distintos. Primeiro, no período Imperial, de 1824 a 1847, as colônias eram fundadas por iniciativas do governo. Este período é marcado por muitas dificuldades, pois apesar dos incentivos do governo brasileiro quanto à imigração, muitas vezes os imigrantes alemães eram mal recebidos pelas Províncias, que não queriam assumir responsabilidade, nem se comprometer em dar auxílio aos imigrantes, provocando um movimento que levou à suspensão temporária da imigração (PETTER, 2007, p.22).

O segundo momento, nomeado como período da colonização provincial, vai de 1848 a 1889. Nesse período, o governo imperial instituiu o primeiro estatuto para a colonização com o objetivo de acabar com as terras devolutas no país, terras essas que eram consideradas pelo governo vazias e que passaram a ficar oficialmente ao encargo do governo.

Conforme Amstad (2005), para o estabelecimento desses imigrantes, foi necessário uma organização das colônias, as quais apresentaram características diferenciadas. De maneira geral, as colônias eram divididas em terras do governo, de empresas e de particulares (ibid., p.49). Eram consideradas como colônias do governo as que recebiam incentivos do governo central, estadual ou municipal. No período provincial, com esse tipo de incentivo, surgiram as colônias de Santa Cruz, Santo Ângelo, Monte Alverne, São Feliciano e Nova Petrópolis.

Outra forma de colonização foi através do incentivo de empresa que compravam ou apenas arrendavam por comissão, terras que pertenciam ao governo ou a grandes proprietários.

[...] A primeira dessas companhias foi, ao que tudo indica, aquela fundada pelo conde francês Montravel que assumiu quatro e meia léguas quadradas do governo com o nome de Nossa Senhora da Soledade. Devido, porém, ao elemento humano demasiadamente heterogêneo e nem sempre da melhor qualidade - alemães, holandeses, franceses, suíços formavam uma vistosa mistura - o brilho dessa primeira companhia colonizadora teve existência efêmera. O governo imperial viu-se forçado a assumir a continuação dessa colonização naquela região muito montanhosa. (AMSTAD, 2005, p.52)

A partir dos anos de 1860, novas tentativas de colonizações empresariais surgiram, as quais se desenvolveram de forma positiva. Esse tipo de colonização apresentava vantagens aos colonos, pois oferecia uma estrutura planejada, com custos mais acessíveis, sendo que na maioria dos casos essas colônias buscavam agrupar colonos da mesma etnia e confissão religiosa. Amstad (2005, p.53) salienta que uma das companhias que mais prosperou foi a de Serro Azul.

Na colonização, em terras particulares, havia a ocupação de espaços que pertenciam a proprietários particulares e que, na maioria das vezes, eram terras devolutas que o governo vendera a fazendeiros. Esses, por sua vez, revendiam

aos migrantes ou imigrantes que prosperavam nas velhas colônias ou que vinham juntar-se aos parentes.

Portanto, a entrada desse grupo de imigrantes no sul do Brasil, gerou um novo modelo agrícola, em que poucos eram proprietários de grandes extensões de terras, diferente do que vinha sendo proposto pelos fazendeiros. O colono alemão organizava-se em comunidades rurais, nas quais cada família possuía a sua pequena propriedade. Essa propriedade, por sua vez, fazia parte de um núcleo comunitário que, geralmente, possuía uma escola, uma capela e um cemitério. Contava ainda com uma estrutura comercial, a venda, onde se comercializavam os produtos dos colonos, além de gêneros produzidos fora da comunidade. Este tipo de organização dos imigrantes alemães, em pequenas comunidades rurais, caracterizou a colonização do vale⁷.

A região do Vale do Taquari está dividida em duas partes. A porção onde as várzeas do rio Taquari iniciam, no município de Taquari, seguindo grande parte do leito deste rio é considerada a parte baixa. A parte alta, denominada de Alto Taquari, inicia no município de Estrela e segue até a região montanhosa das nascentes dos arroios, tendo nos seus limites os municípios de Progresso, Arvorezinha, Anta Gorda e Dois Lajeados (Figura 2, 3 e 4).

A colonização do Vale do Taquari começou de forma irregular, sendo que por volta do ano de 1764 chegaram os primeiros imigrantes europeus, da Ilha dos Açores, para ocupar a pequena região de campo pertencente à parte baixa do Vale do Taquari. Os açorianos estabeleceram-se nesta região, com o objetivo de criar fazendas de gado, porém grande parte deste território não era adequada para esta atividade em virtudes das densas matas e de uma extensa região montanhosa. Esse grupo de imigrantes ficou limitado à região que compreende o atual município de Taquari, o qual se constitui no primeiro município emancipado politicamente do Vale do Taquari, no ano de 1849.

⁷ O vale do Taquari está localizado na encosta inferior do nordeste do estado Rio Grande do sul, tendo como principal rio o Taquari. Este rio tem suas nascentes no extremo leste do Planalto dos Campos Gerais, possuindo o nome de Rio das Antas e recebe o nome de Taquari somente ao entrar na região denominada Vale do Taquari, nas proximidades do município de Muçum, quando recebe as águas do rio Guaporé.

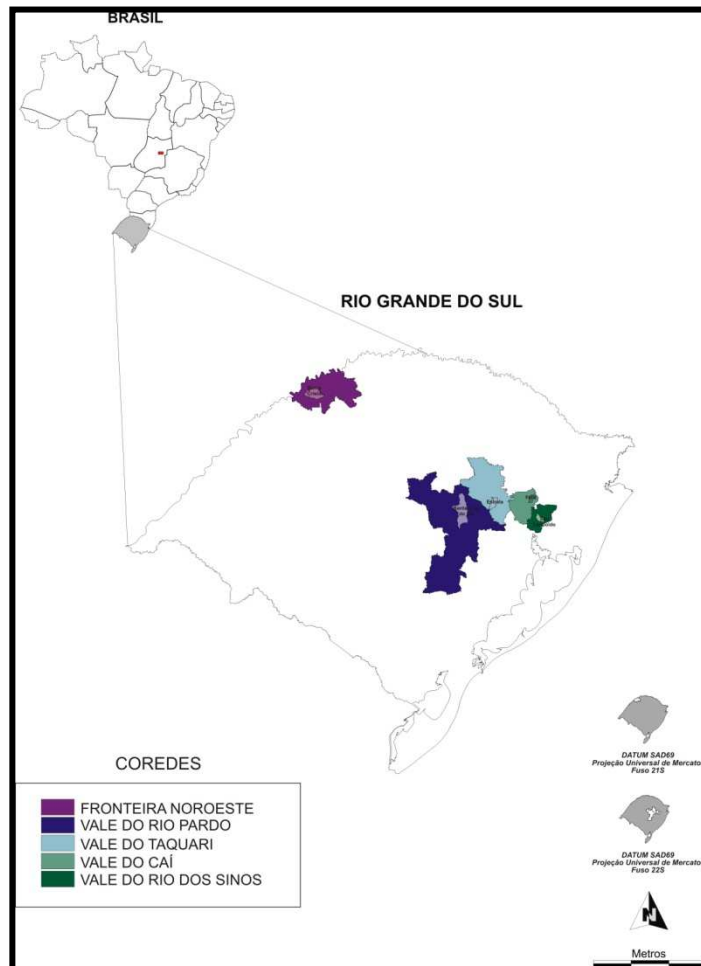


Figura 2 - Mapa com a fronteira noroeste e Vales do Rio Pardo, Taquari, Caí e dos Sinos.

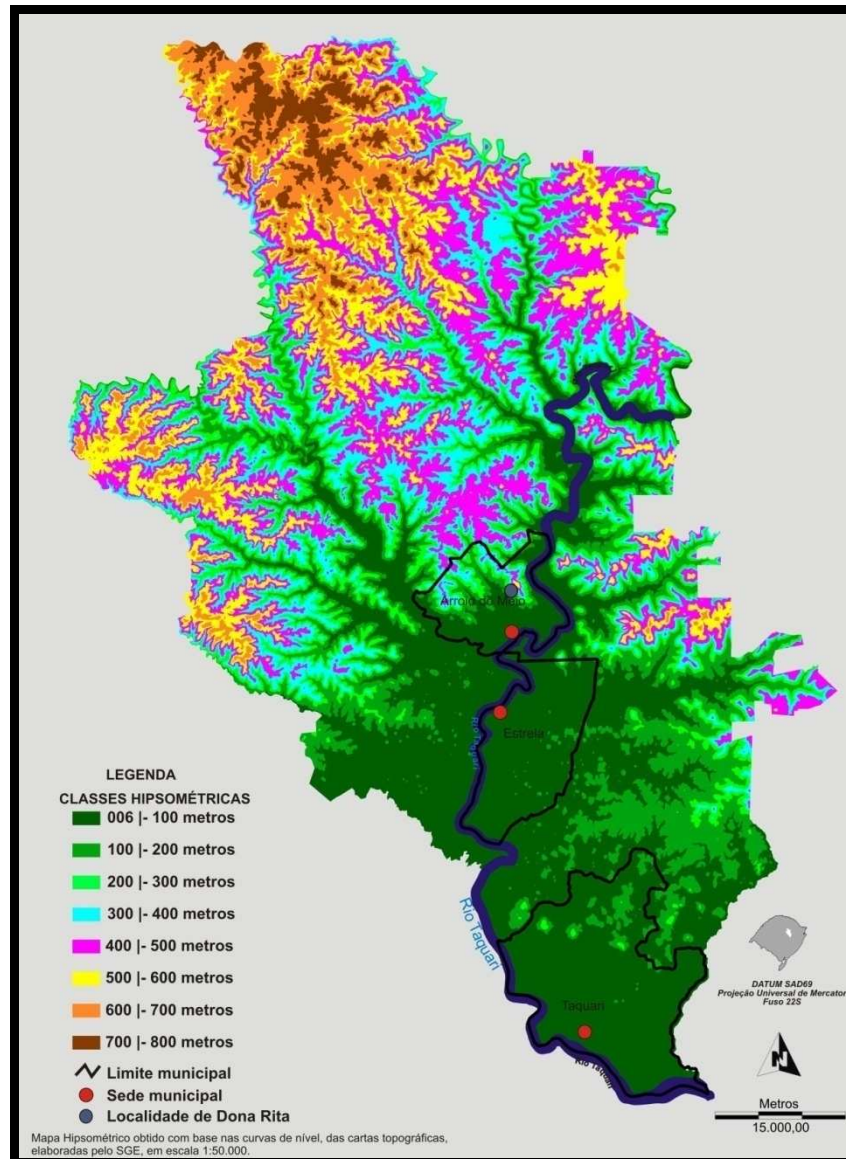


Figura 3 - Mapa do Vale do Taquari com os municípios e Rio Taquari

Somente a partir do ano de 1853 os imigrantes alemães iniciaram o processo de ocupação do Alto Taquari, marcado por áreas cobertas de matas e montanhas. Assim como as demais imigrações para o sul do país, a migração alemã para o Vale foi incentivada pelo governo imperial que mantinha a entrada contínua de europeus, com o principal objetivo de povoar e cultivar a região agrícola.

[...] Um dos principais motivos do fortalecimento deste processo é o grande número de terras públicas consideradas vazias, ainda que nelas, muitas vezes, estivessem estabelecidos, há várias gerações, grandes grupos de povos nativos. Tais grupos, entretanto, não atendiam aos interesses do Império, como os de produção de gêneros alimentícios ou

de povoamento das terras evitando a ocupação de esplanóis, em especial no Sul do país, onde o estabelecimento dos limites territoriais era motivo de disputas de longa data. (STRIEDER, 2008, p.114)



**Figura 4 - Mapa do relevo do vale do Taquari
Com a localização dos municípios de Arroio do Meio, Estrela, Lajeado e Taquari.**

Até meados do século XIX, a região do Vale do Taquari era considerada pelos “olhos dos planejadores de loteamentos agrícolas, um *Hinterland*⁸ desconhecido e pouco acessível” (BERSCH, 2006, p.46), onde grupos indígenas e afro-descendentes ocupavam parte do seu território. Devido à presença de

⁸ Sertão

grande quantidade de mata, com áreas de difícil acesso, os escravos saídos das fazendas Taquari e demais proximidades, usavam-na como nova morada.

Com a intensificação da entrada de imigrantes alemães no sul do país, tornou-se um bom negócio para os grandes latifundiários, dividir suas terras e vendê-las em pequenas propriedades aos imigrantes e migrantes que prosperavam nas colônias velhas.

Segundo Amstad (2005, p.116) os latifundiários, major Antônio Vítor de Sampaio Mena Barreto e Antônio Fialho de Vargas, foram responsáveis pelo desencadeamento do processo de colonização das terras do Vale do Taquari. O primeiro, era dono da grande extensão de terras localizadas à margem esquerda do rio Taquari, território do atual município de Estrela, e o segundo, proprietário da fazenda localizada à margem direita deste rio, na qual mais tarde se desenvolveu o município de Lajeado.

No primeiro momento da colonização foi reassentado um grupo de famílias provindas das colônias de Dois irmãos e Bom Jardim, os quais, à medida que conquistavam certa prosperidade em suas colônias, saiam em busca de novas terras, para ampliar suas propriedades e garantir colocação para seus filhos. Porém, foram grandes os desafios que o grupo teve de superar neste novo ambiente rústico.

[..] Os primeiros moradores estavam a ponto de abandonar o lugar onde moravam por medo dos bugres e dos urros dos animais selvagens que não os deixavam dormir durante a noite, quando um novo reforço de famílias vindas de Dois Irmãos lhes deu coragem para ficar. (AMSTAD, 2005, p.117)

Devido às dificuldades dos primeiros moradores, Fialho de Vargas contratou agentes de recrutamento de colonos alemães, a fim de intensificar a entrada de imigrantes para a rápida ocupação da região. Portanto, cabe ressaltar, que os imigrantes alemães que se estabeleceram na parte baixa do Taquari “entraram imediatamente em contato muito próximo com comunidades afro-descendentes” (BERSCH, 2006, p.47).

[...] Ainda são poucas, geralmente mais folclóricas do que baseadas em dados históricos, as informações sobre o contato, no cotidiano, entre os imigrantes europeus dos quais nos ocupamos e os descendentes dos

escravos liberados do trabalho servil nas fazendas do Vale do Taquari. São frequentes os casos de descendentes de escravos que passaram a prestar serviços agrícolas e domésticos em propriedades de imigrantes alemães, em troca de remuneração, esta, muito variada na forma e nos valores. Em alguns casos, não muito frequentes, a consequência foi uma espécie de inclusão do negro no sistemas econômico e cultural do imigrante branco, inclusive quanto a língua e a alguns aspectos do sistema de produção econômica. (BERSCH, 2006, p.47)

Além dos afro-descendentes, os imigrantes se aproximaram e conheceram outras etnias e culturas, entre elas os lusos que já estavam instalados no vale, constituindo assim, desde logo, novas famílias caracterizadas pela miscigenação.

[...] o Vale do Taquari conhece “Dutra” alemão. Dutra é um nome luso, mas o velho Pedro Dutra, ele era filho de mãe alemã e pai luso. A família Dutra falava alemão. Também tinham outros, Fernandes era alemão, Silva era alemão, Toquatra era alemão, isso é uma coisa bem do Vale do Taquari. Há 150 anos, os Dutra não falavam uma só palavra em português, isso quer dizer, falavam alguma coisa, mas a cultura luso se perdeu entre eles.

[...] Podemos ver na família do G. Dutra, hoje ele deve ter uns 50 anos. Ele era filho de colonos alemães, a língua materna era o alemão, e ele aprendeu a falar o português na escola. (C1)

Assim, iniciou-se a colonização do Vale do Taquari, que por volta do início da segunda metade do século XIX possuía, aproximadamente, trinta e cinco colônias alemãs, as quais, em sua maioria, foram estabelecidas em terras particulares. As pequenas propriedades rurais e benfeitorias das colônias continham a casa, o estábulo, os animais e as plantações. Muitas colônias se desenvolveram melhor e com maior rapidez do que as pioneiras nos rios dos Sinos e Caí. Isso se deve, em parte, ao fato de que muitos dos seus povoadores vinham das primeiras colônias, já acostumados e adaptados ao Rio Grande do Sul.

No que diz respeito à comunidade de Dona Rita, houve um desenvolvimento singular, nesta colônia, cujo processo de colonização, não seguiu às mesmas regras das demais, o que, possivelmente, pode ter influenciado na construção da identidade desse grupo de imigrantes.

Segundo C1, a chegada de colonos a esse Vale ocorreu de forma mais espontânea do que aos outros dois casos.

[...] No período em que nossos descendentes vieram para o Brasil, havia projetos organizados, ou pelo governo federal ou por empresas particulares. [...] Esses projetos faziam loteamentos que possuíam uma lógica. Havia dois tipos de loteamentos, espinha de peixe ou em forma de cruz. O loteamento de Boa Vista foi em forma de uma cruz em linhas duplas, de modo que numa pequena distância, poderiam reunir todos os alunos numa única escola.[...] Aqui na nossa região, não houve isso, nunca teve um projeto, foi meio solto. Em Arroio do Meio, havia apenas uma escolinha colonial em Dona Rita, duas escolas em São Caetano, uma em Arroio Grande e uma em Picada. Elas ficavam longe uma da outra. Mas lá em Boa Vista não era assim era organizado, a escola ficava no centro da cruz e nenhuma criança precisava andar mais que 2 Km para chegar na escola, tudo isso era planejado, o lugar da igreja, do hospital. [...] A colônia de Conventos, que hoje é o município de Lajeado e também Arroio do Meio, parte dela pertencia ao fazendeiro Fialho de Vargas. Fialho vendeu uma parte da sua de suas terras, a fazenda São Caetano, que ia de Palmas até a escola Dona Rita, para uma família alemã, os Gerahrdt, eles seriam os primeiros moradores. Eles depois começaram a vender pedacinho por pedacinho, tanto assim que alguns estavam estrangulados, sem saídas. Por exemplo, onde morava meu avô não havia entradas, estavam praticamente encravados, eles abriram forçadamente uma saída lá onde é aquela rua do travessão, que vai da escola Dona Rita até Rui Barbosa, lá era estrada. Os Gerahrdt vendiam pedaços de terras e as pessoas tinham que atravessar propriedades às vezes para chegar a uma saída. Então aqui, se colonizou sem planejamento nenhum. (C1)

Dentro deste processo de colonização, os ascendentes de Helma Bersch se estabeleceram, em meio a muitas dificuldades, na recém iniciada colonização das terras e mais tarde, em conjunto com demais famílias imigrantes, constituiriam a comunidade de Dona Rita. Neste contexto, inicia a história da professora Helma Bersch, precisamente no ano de 1880, com a chegada de Johann Brod, pai de Helma, da Alemanha para o sul do Brasil, na Colônia de Conventos, no Vale do Taquari, RS. Em companhia de seu irmão Peter, Johann veio com o intuito de se juntar ao irmão mais velho, Josef Brod, que já havia se estabelecido há oito anos nesta colônia onde mais tarde, se desenvolveria a comunidade de Dona Rita.

O espírito de coletividade presente na comunidade de imigrantes alemães, na família de Helma foi um elemento agregador fundamental. Sempre que houvesse problemas, buscava-se resolvê-los coletivamente. Cabia ao morador mais antigo da comunidade hospedar o imigrante recém-chegado, assim como, ajudá-lo na construção de sua casa e de suas benfeitorias. Desta forma, também foram construídas, comunitariamente, as primeiras trilhas no mato, que mais tarde tornaram-se as estradas comunitárias. Aos poucos construíram-se as primeiras

escolas e as primeiras sedes comunitárias. Assim também foi o início da história de Johann Brod, pai de Helma Bersch.

[...] Não terá sido diferente da dos demais imigrantes a história do início de Johann e seu irmão Peter na selva subtropical, em 1880 [...] Pode-se imaginar os dois, durante um primeiro ano, saindo cada manhã da casa do irmão mais velho Josef, que já tinha oito anos de Brasil, rumo ao trabalho [...] ainda abrigados junto ao mano, todos os dias, ferramentas às costas, vadeariam (sic) o arroio Grande para, depois de atravessar a propriedade vizinha, chegarem a sua “colônia de terras”. Decidida a localização das futuras casas, tudo terá começado com a abertura de uma clareira no mato para a construção do primeiro rancho de pau-a-pique, onde passariam a morar. Por quanto tempo moraram com parentes até se instalarem no ranchinho? Como conseguiram os primeiros animais? Havia poucos habitantes na área, mas naqueles incipientes “mercados internos”, costumava funcionar imediatamente um sistema de troca-troca entre vizinhos. (BERSCH, 2006, p.153)

Havia um grande desejo de conviver em comunidade, após uma semana de trabalho, assim como havia o desejo de encontrar meios de compartilhar e cultivar o espírito germânico, ou melhor, o *Deutschtum*, que envolvia um conjunto de elementos intrínsecos à sua cultura de origem, incluindo a língua, os cantos e o culto ao espírito de germanidade. Segundo Rambo (1996), a constante busca pelo agrupamento entre os imigrantes está intimamente ligada à superação das suas necessidades imediatas. O modo de organização das colônias contribuiu, para o imigrante desenvolver seu espírito associativo de maneira intensa. O trabalho comum nas estradas, a construção de escolas, a organização das comunidades religiosas e a criação de associações recreativas e culturais são algumas das atividades que caracterizaram esse espírito associativo do colono alemão.

No que diz respeito às associações recreativas e culturais, podemos destacar três tipos de sociedades que mais se evidenciaram no processo de colonização alemã no Rio Grande do Sul, os *Sängervereine*, Sociedades de Cantores; os *Turnvereine*, Sociedades de Ginástica; e os *Schützenvereine*, Sociedades de Atiradores. Essas associações garantiam a sobrevivência das tradições trazidas da terra natal, reforçando a relação e a preservação do universo cultural dos imigrantes e de seus descendentes.

Na comunidade de Dona Rita, o espírito comunitário e o desejo de manter acesa a tradição germânica eram evidentes. Neste sentido, ressalta-se a Sociedade Escolar Dona Rita que por um longo período foi a principal instituição responsável pela educação dos moradores desta comunidade, pelas festas religiosas marcadas por intensos preparativos comunitários. A festa da colônia era o *Kerb*⁹, o qual celebrava o padroeiro da comunidade. Tal festa assinalava a oportunidade para se firmar uma data para receber as visitas dos parentes e amigos que moravam em locais distantes. Os moradores da comunidade de Dona Rita diziam, “ocasião em que se trocavam visitas para cultivar amizades” (BRUNO apud BERSCH, 2006, p.167). Esta festa, possivelmente trazida da região do Hunsrück, costumava durar três dias de intensas comemorações. Eugenio Brod, primo da professora Helma, descreve uma das cenas que compõe a esperada festa,

[...] Em redor da mesa - geralmente improvisada fora de casa - a conversa seguia animada, uma anedota puxava a outra. Eu, nos meus 7 ou 8 anos, observava os homens, o copo de vinho meio sumido na espessura das barbas que se sacudiam, as risadas dando um tempo para o canto de alguns refrões ou, então, para as maravilhosas canções que eles haviam trazido do Hunsrück [...] Guardo até hoje de memória algumas letras [...] De imediato, então, o Nos Peter entrava firme: “*Dort möcht’ Ich sein!*” e já o Brod Hannes respondia, com seu maravilhoso baixo: “*Dor möcht’ Ich sein!*” e o coro concluía: “*bei dir, du Vater Rhein, auf deinen Bergen möcht’ Ich sein*” [...] Enquanto os Brod dominavam o canto e eram alimentados pelo senso de humor, os Behnen, que também cantavam muito, acima de tudo amavam a dança. Improvisava-se, então, no paiol (*Milhoütt*) de soalho de tabua tosca, o salão-de-baile”. (BERSCH, 2006, p.167)

Desta forma, os imigrantes aqui chegados para a colonização da comunidade de Dona Rita, assim como os imigrantes instalados nas demais colônias do sul do país, trouxeram em sua bagagem cultural as ferramentas de trabalho, os cancioneiros, a religiosidade, a educação, e as festas. No entanto, nada teria sido tão eficaz para que as colônias prosperassem como este espírito comunitário cultuado por eles, possivelmente uma das principais características dos grupos, a qual garantiu o desenvolvimento das colônias.

⁹ *Kerb* é a abreviatura de *Kirchenweihfest*, festa da igreja, a qual iniciava com um culto ou uma missa, terminando com bailes animados pelas bandinhas da comunidade. (MÜLLER apud GARBOSA, 2003, p.41)

2.3 O Alto Taquari: da educação ao ensino de música

Logo após a emancipação do município de Taquari, em 1849, não se tinha o registro de nenhum povoado ou vila, ao longo das margens do rio Taquari. As fazendas predominavam no contexto, sendo que alguns fazendeiros, com o intuito de comercializar suas extensões de terras para imigrantes alemães, utilizaram a construção de uma capela para um fator importante atrativo para possíveis compradores. Segundo Hessel (1983, p.13) o major Antônio Vítor Barreto, fazendeiro proprietário das terras à margem esquerdas do rio Taquari, foi o que saiu na frente.

[...] havia uma corrida entre os fazendeiros das terras do vale, uma corrida no sentido de serem os primeiros a conseguir estabelecimento de uma capela. Argutos bastante seriam eles para perceberem as vantagens que disso lhes adviria, não só no campo espiritual, como ainda no plano econômico, social e político. O mais expedito deles. Antônio Vítor de Sampaio Mena Barreto, é que obteve a 2 de junho de 1870, do bispado de São Pedro do Rio Grande do Sul, a primeira provisão, a qual lhe concedia licença para edificar uma capela, com a invocação de Santo Antônio no lugar denominado Estrela, na referida freguesia do Taquari. (HESSEL, 1983, p.13)

A partir dessa primeira capela, que até então pertencia ao município de Taquari, criou-se a paróquia de Santo Antônio de Estrela, que abarcava uma vasta extensão de terras, compreendia aproximadamente todo o território do Alto Taquari. Em 1873, é empossado nesta nova paróquia o primeiro padre jesuíta, Francisco Schleipen, S.J.

No ano de 1882, o município de Estrela é emancipado politicamente, sendo o primeiro município do Alto Taquari. Portanto, podemos perceber que em 1888, quando o pai de Helma chega da Alemanha, desembarcando no porto de Estrela, entra em contato imediato com uma vila que mantinha uma estrutura bem desenvolvida. Em meados da década de 1890, com uma população 80% germânica, o centro da vila de Estrela contava com a Igreja Matriz, cemitério

católico, uma cervejaria, uma fábrica de sabão, alambiques, moinhos, várias casas comerciais, carpintarias, sapatarias e alfaiatarias (HESSEL, 1983, p.139). Possuía ainda uma clínica médica alemã, que oferecia cursos de parteiras para moças. Nesta clínica, por volta de 1910, estimulada pelo pai, a irmã mais velha de Helma Bersch, já havia se formado parteira.

[...] o meu avô estimulou ela a passar um tempo em Estrela com um médico formado, Dr. Flaper, para aprender o ofício de parteira. Meu avô tinha mais que um hobby, ele praticava este ofício paralelo à agricultura. Ele chamava de médico naturalista. Antes de meu avô vir para cá [Brasil], aos 17, anos por aí, fez um curso na Alemanha com o mundialmente reconhecido Sebastian Knaipt. Ele era médico hidroterapeuta. Esse Knaipt tinha se curado, de asma, era raquítico. Ele queria ser padre e em função da sua doença não podia pensar nisso. Ele se curou com o método de hidroterapia. [...] O Dr. Knaipt se tornou muito conhecido na Alemanha, combatido pelos médicos alemães como charlatão, mas acabou se tornando padre e chovia doentes em sua casa. (C1)

Neste principal centro administrativo e econômico da região do Alto Taquari, os aspectos artísticos e culturais também se mostravam bem desenvolvidos. Nas palavras de Hessel (1983, p.70), “o Coro Santa Cecília, na igreja matriz de Estrela, madrugou: nasceu em 25 de abril de 1876, vinte e cinco dias antes da criação do município”. Estimulados pelo pároco jesuíta, este coro abrilhantava as “Missas Solenes, em latim, a quatro vozes mistas, por ocasião das grandes festas cristãs, Natal, Páscoa e Pentecostes, e das do Santo padroeiro (*Kerb*)” (HESSEL, 1983, p.71).

A partir dessa iniciativa, criada dentro da igreja, é fundada a primeira sociedade de cantores do Vale do Taquari, a *Cäcilien Verein Estrella*, Sociedade Santa Cecília da Comunidade Católica Santo Antônio de Estrela. A tradição do coro Santa Cecília se difundiu, rapidamente, nas pequenas localidades do Alto Taquari, sendo que em muitas comunidades estas sociedades de canto com o nome de Santa Cecília, permanecem vivas ainda hoje, assim como, os corais ligados à paróquia.

No início, estes coros eram integrados apenas pelos homens. Por um lado poderiam ter sido influenciados pela tradição dos coros masculinos mantida na Alemanha, porém, por outro lado, através dos relatos, percebemos que muitas

vezes a mulher não participava dessas atividades devido à dificuldade de locomoção até o local do ensaio, o qual ocorria à noite, sendo o cavalo o meio de transporte. Ressalta-se que cabia à mulher ficar em casa para cuidar dos filhos. Com o passar dos anos, esses coros começaram a se desenvolver cada vez mais, admitindo-se neles a presença das mulheres.

As funções da sociedade de cantores iam muito além de suprir as necessidades litúrgicas. Buscava-se, acima de tudo, promover encontros entre as pessoas, estreitando os laços entre os moradores, mantendo-se acesa a cultura trazida da terra natal. A partir desses encontros, alimentavam-se as tradições do povo alemão, acreditando-se que a “história e a cultura se manifestam no caráter e na essência da música que é uma das mais abençoadas habilidades artísticas exercidas pelo homem de língua alemã” (BALDAUF, 1974, p.175).

Cabe mencionar que no município de Estrela a música não ficava restrita a este espaço germânico e cristão. Existiam algumas iniciativas de desenvolvimento musical que envolviam outros grupos étnicos e gêneros musicais considerados profanos para a época,

[...] Já a música profana irrompeu em Estrela com uma força inusitada, graças à chegada em fins do século XIX de um maestro paranaense, com larga experiência na direção da Lira Taquariense com cuja banda de música oferecera retretas na própria capital do Estado: Laurindo Paraná. Organizou desde logo uma Banda Municipal que passou a abrilhantar todas as comemorações sociais profanas, inclusive piqueniques (ou convescotes, como se dizia também) e festas campestres. (HESSEL, 1983, p.71)

Hessel (1983) descreve ainda que naquela época, em que a presença de rádio e gramofones era praticamente inexistente, “a “fome” de música, da população estrelense era tanta, que nas noites de ensaio geral formavam-se aglomerações de pessoas à frente da casa do maestro-compositor” (ibid., p.71).

Simultaneamente ao desenvolvimento cultural da sede de Estrela, muitas outras pequenas localidades se desenvolviam, rapidamente, em todo Vale, ocorrendo a criação de muitas capelas e paróquias, entre elas a de Arroio do Meio, com o nome de Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, à qual pertencia a comunidade de Dona Rita. Essas paróquias e comunidades também

acolhiam a necessidade musical das pessoas, assim como a tradição do canto, seja ela com características religiosas ou profanas. Segundo Garbosa (2003) a presença da música no dia a dia faz parte da cultura do imigrante.

[...] A música, e em especial a canção alemã, fez parte do cotidiano dos imigrantes e seus descendentes, marcando todas as etapas da vida dos teutos. Os rituais de passagem, incluindo o batismo, a confirmação ou o crisma e o casamento, até a morte com a execução de canções fúnebres ou de obras instrumentais, eram marcadas pela presença da música. A saudade e a dor, assinalando a distância da terra de origem, a alegria e a solidão na colônia isolada, as reuniões sociais e religiosas, eram caracterizadas pela canção, a qual se fazia presente no cotidiano do imigrante. (GARBOSA, 2003, p.26)

Segundo Bersch (2006, p.168), na comunidade de Dona Rita o Natal, a Páscoa e o Pentecostes eram precedidos de intensos preparativos comunitários, de modo que a presença da música era marcante. Na residência da família Brod, “acrescia a esses preparativos a participação dos jovens no coral da paróquia, especialmente por ocasião do Natal”.

[...] A festa vinha precedida dos ensaios do coral misto - escreve Bruno. - Eu, com meus oito anos, evidentemente tinha que estar lá para que os solos fossem executados a contento - assim ao menos eu imaginava com os meus botões. Após duas horas de ensaio, era costume ficar batendo papo e chupando uma balinha. Eu era sempre todos ouvidos quando os mais velhos contavam sobre antigamente, especialmente quando o assunto remetia à Alemanha. (BERSCH, 2006, p.166)

No entanto, os familiares de Helma não ficavam limitados à música no ambiente religioso. Nos relatos dos colaboradores sobre Anna Maria e seu esposo Peter Kreuz que carinhosamente eram chamados de tios por Helma e seus irmãos, evidenciava-se o gosto pela música e pela dança.

[...] A tia Anna Maria com seu marido Pedro Kreuz eram o modelo “os dançarinos”. Eles tinham um dom privilegiado para a dança. Especialmente valsas tocadas a rigor com todo aquele romantismo da época, com os retardandos e os empolgamentos eles dominavam e eram admirados pelas suas evoluções dentro do salão. (C1)

Desta forma, fica evidente que as colônias do Alto Taquari envolviam-se nesse espírito. A música possuía função significativa e determinante para as ações diárias, sendo parte da cultura da colônia.

Como espaço formal para o ensino de música no Alto Taquari, constitui referência para toda a região o Colégio Santo Antônio, estabelecimento de

Congregação Religiosa das Irmãs Franciscanas, freqüentado por Helma e um significativo número de moças da comunidade de Dona Rita e de outras comunidades do Vale. Na vila de Estrela, segundo Hessel “o centro de ensino musical era o Colégio Santo Antonio onde pontificava a maestrina Irmã Branca que entre seus diplomas possuía o de Curso de Música” (HESSEL, 1983, p.73). Em 1897, a criação desta escola influenciou fortemente o desenvolvimento social e religioso do município de Estrela. Incentivados pelo pároco, padre jesuíta Francisco Schleipen, S. J., as Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã, estabeleceram o Colégio Santo Antônio.

[...] O ensino no Colégio Santo Antônio era de orientação católica e ministrado só em idioma alemão. Destinado ao sexo feminino, acolheu, contudo, nos primeiros tempos, enquanto não houve escola paroquial alemã, rapazes de pouca idade. Funcionava com regime de internato e externato e mantinha capela própria. O ensino era de 1º grau, primário, mas primário incrementado com o ensino de música e de artes domésticas [...] Nessa orientação se manteve por mais de meio século, até que em 1950 passou a ser ginásio oficializado, em 1954, Escola Normal e em 1963, Escola Normal de 2º ciclo. (HESSEL, 1983, p.63)

A instalação do colégio Santo Antônio em Estrela foi decisiva para o desenvolvimento da educação no Alto Taquari, assim como, o próspero desenvolvimento da Paróquia de Estrela impulsionou o surgimento de várias outras iniciativas escolares. Desta forma, tornaram-se comuns no Alto Taquari três diferentes escolas na colônia alemã. Primeiro, as escolas de congregações religiosas, semelhante ao Colégio Santo Antonio que, conforme Kreutz (2000), eram denominadas de escolas de congregações religiosas, pois possuíam mantenedoras ligadas a congregações. Estas escolas localizavam-se, geralmente, em vilas ou centros urbanos e buscavam manter as especificidades étnicas do país de origem, preconizando preparar moças para a vida religiosa e formar professores paroquiais. Segundo, as escolas paroquiais intimamente ligadas à paróquia, nas quais muitas vezes o próprio padre coordenava o seu funcionamento, situadas, geralmente, ao lado da igreja matriz e casa paroquial. Terceira, as escolas comunitárias, criadas nas pequenas colônias, por iniciativa dos próprios colonos, para as quais escolhiam o professor, geralmente da própria comunidade, dispondo-se a mantê-lo em suas necessidades básicas. Tais

escolas nem sempre se localizavam próxima à instituição religiosa da comunidade.

Até o ano de 1900, Estrela, a sede do Alto Taquari, com um expressivo desenvolvimento da comunidade católica influenciava a organização das pequenas comunidades espalhadas por todo o Vale.

Cabe mencionar que a vinda das irmãs da Congregação de Franciscanas para o Vale não foi por acaso, sendo que a propagação de várias Congregações de religiosos foi impulsionada pelo projeto de Restauração Católica que tinha como objetivo ocupar espaços, estabelecendo-se junto às colônias de imigrantes. Para as colônias, as instituições de ensino e formação de professores eram essenciais, uma vez que para o imigrante alemão a tradição pela educação escolar era fundamental organizar-se até nas mais longínquas colônias.

2.4 As escolas de congregações religiosas: as impressões de uma ex-aluna do Colégio Santo Antônio frente ao ensino de música

Na Alemanha, a valorização da educação escolar vinda de longa data e atendeu a diversas finalidades. Até por volta do final século XVIII, a educação escolar priorizava a formação de bons cristãos, sendo que a igreja e o ensino da religião eram o foco central das escolas. Porém, no início do século XIX o Estado passa a investir na educação laica, que investia na formação para a cidadania e em 1850 a escola pública e gratuita já estava presente por toda Alemanha. Esta alteração provocou na Igreja Católica um movimento chamado de Restauração Católica, o qual tentava retomar o espaço perdido e restaurar a educação com base na formação religiosa, reavivando e fomentando a tradição do professor comunitário e paroquial (STRIEDER, 2008, p.122).

Parte deste conflito em que a Igreja buscava restabelecer seu espaço também foi vivenciado pelos imigrantes alemães chegados no sul do Brasil. A

partir do ano de 1860, com a nomeação do primeiro Bispo de Porto Alegre, deu-se início ao projeto de Restauração Católica, no estado gaúcho. Este projeto buscava ampliar o espaço de atuação da igreja, principalmente em zonas de colonização alemã, dando assistência aos imigrantes através da instalação de ordens e congregações religiosas vindas da Europa. A partir de 1870, um “considerável contingente de clero e religiosos (as) europeus foram liberados no Rio Grande do Sul” (KREUTZ, 2004, p.107). Estas congregações, tanto masculinas como femininas, estabeleceram-se na maioria dos casos nas vilas e centros urbanos, fundando casas de formação para religiosos.

[...] A partir de 1920, a colonização alemã e italiana já foi considerada um verdadeiro celeiro de vocações sacerdotais e religiosas, tanto para o atendimento das necessidades próprias quanto para ir em busca de novos campos de ação. (KREUTZ, 2004, p.108)

Dentro do projeto de Restauração Católica atuaram intensamente clero e religiosos. Outrossim, o professor que, muitas vezes, era egresso das casas de formação religiosa, participava intensamente junto às comunidades de imigrantes, exercendo importante papel frente aos ideais católicos. Diga-se que as funções do professor deviam ultrapassar as atividades de ensino na escola, abarcando todos os setores da comunidade, a fim de garantir a proximidade do sistema escolar com a instituição Igreja. O professor era bem conceituado, um líder em quem a comunidade depositava confiança e lhe tinha o máximo de respeito, servindo aos propósitos do movimento.

Ainda dentro desse projeto, a música recebeu um espaço significativo, tendo em vista que a música sacra, seguindo os modelos ocorridos já há dois séculos na Europa, ganhava espaço por conter um poder santificador e educativo. A música, na região de imigrantes alemães, além de elemento cultural, foi um instrumento facilitador, dentro do movimento, tendo em vista a existência de uma tradição.

[...] Os imigrantes teutos vinham já com longa tradição na formação de corais tanto para a música sacra quanto para a popular. Dever-se-ia explorar o melhor possível desta tradição, canalizando-a para o objetivo religioso. (KREUTZ, 2004, p.175)

Na perspectiva do projeto de Restauração Católica, o Colégio Santo Antonio se estabeleceu no final do século XIX, no município de Estrela, no Vale do Taquari. Tinha como objetivo principal a propagação dos valores da Igreja Católica através da educação, garantindo assim a escolarização do imigrante, atendendo exclusivamente ao público feminino. No entanto, para muitos imigrantes essa instituição educacional ultrapassava os objetivos propostos, pois representava o local onde a comunidade buscava aconselhamentos, orientações e apoio para a vida familiar. Em especial, para a família de Helma, as Irmãs Franciscanas representavam uma ligação entre seus membros, incluindo imigrados e familiares que permaneceram na terra natal, no *Hunsrück*, tendo em vista a existência de casas de formação naquela região. Desta forma, as Irmãs Franciscanas encontraram em muitas famílias da colônia um terreno favorável para implantar e propagar seu ideário, no qual a música era instrumento de fundamental importância.

Neste sentido, o cultivo da música no Colégio Santo Antonio teve um papel importante, tendo em vista a potencialidade da linguagem como instrumento de difusão do projeto de Restauração Católica. Artigos publicados no *Lehrerzeitung*¹⁰, importante meio de divulgação e orientação, utilizados por muitas instituições educacionais da época, registram referências sobre as idéias de ensino de música que circulavam na época, assim como valores que eram atribuídos à música. Segundo Kreutz (2004), em 1924 o *Lehrerzeitung* publicou um apelo para a propagação do canto sacro nas seguintes palavras: “cantai muito em casa e em comunidade. A música e os cantos têm um valor terapêutico de santificação”, (ibid., 2004, p.175). Ainda no mesmo jornal consta o seguinte,

[...] nossa mãe, a Igreja Católica, conservou a herança do Antigo Testamento, a de unir os cristãos aqui na terra com o coro dos anjos e santos, no céu, em seus hinos de louvor ao criador. [...] Gostaria de fazer um veemente apelo aos caros colegas professores para que zelassem em suas escolas pelo cultivo do canto sacro a fim de que também em nossas capelas e Igrejas se possa celebrar o louvor de Deus com as melodiosas vozes dos inocentes para a edificação dos cultos. (LZ, fev. 1924, p.3 apud KREUTZ, 2004, p.176).

¹⁰ Jornal da Associação dos Professores Católicos.

Assim, o Colégio Santo Antônio preocupava-se em garantir que todos os seus alunos tivessem uma formação musical. Ao mesmo tempo em que a instituição garantia o ensino de música a seus alunos, oferecia formação diferenciada de acordo com o interesse e habilidades de quem procurava a escola. Para as moças era oferecida a possibilidade de juvenato, modalidade de maior procura destinada àquelas que vinham com o objetivo de seguir a vida religiosa; e pensionato, destinado às moças que vinham com a intenção de se prepararem para atuar como professoras em escolas comunitárias e paroquiais ou apenas para dar continuidade aos estudos, recebendo formação específica para se tornarem exímias esposas.

[...] essas moças vinham para se formar como futuras donas de casa prendadas. Elas aprendiam a bordar o enxoval, fazer crochê... Afinal, as freiras sempre tinham primorosos detalhes para preparar uma futura dona de casa e esposa [...] Era tradição, a moça que queria se preparar para o casamento ia para o internato justamente para aprender com as irmãs: música, cozinha, lavanderia, padaria... [...] A formação nos dois casos [modalidades] era praticamente a mesma. O que o Juvenato tinha a mais era assumir os trabalhos da casa e as práticas de espiritualidade [que] eram mais intensas. (C3)

Independentemente da opção, como parte do currículo do curso denominado “Elementar”, correspondente ao quinto e ao sexto ano escolar, estava a aula de teoria musical e canto. No período em que Helma Bersch freqüentou esta escola, prevalecia a idéia do ensino de música vinculado às funções religiosas do professor paroquial. Ressalta-se que, na época, a função de professor era predominantemente desempenhada por homens. No entanto, conforme C3, as moças que frequentavam o Colégio Santo Antônio eram preparadas para exercerem a tarefa de regente de coro ou assumir a direção do canto litúrgico na comunidade.

[...] O professor na comunidade era o enfermeiro, parteiro, conselheiro. Nós tínhamos aulas de puericultura, primeiros socorros, economia doméstica e música também. O coral da igreja era sempre dirigido pelo professor. (C3)

Dentre as práticas musicais escolares que faziam parte do currículo, e que constam no boletim (Figura 5) de Helma, estão as aulas semanais de teoria musical e de canto. As aulas de teoria buscavam desenvolver, exclusivamente, os conteúdos teóricos da área, não havendo a prática com instrumentos.

[...] Tinha aula de teoria musical na sala de aula. Também tinha a professora de canto, ela dava solfejo. Eu me lembro que na quinta série eu solfejava. Aprendi a ler notas, os bemóis, sustenidos, os tempos, escalas... Uma teoria musical básica. Era tudo teórico, sem prática de instrumento. (C3)

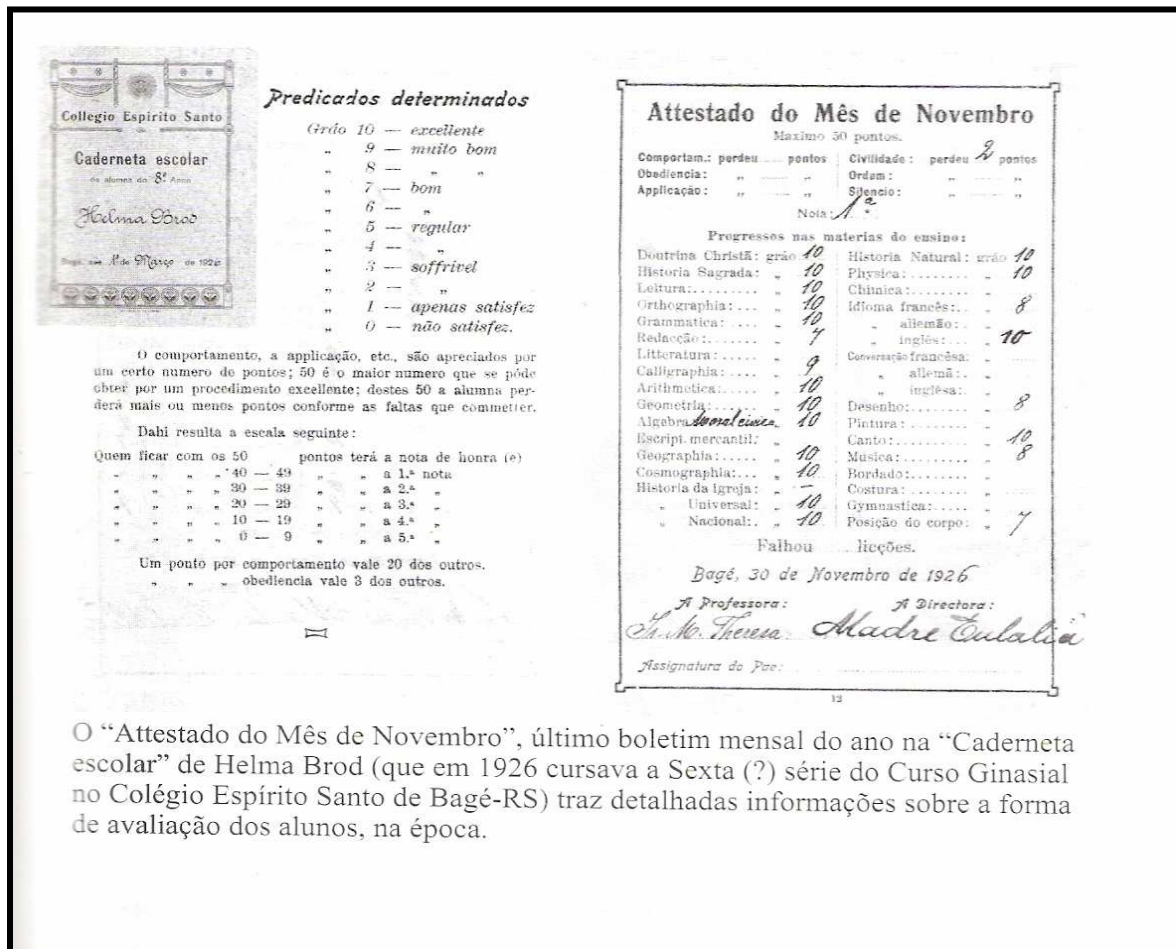


Figura 5 - Boletim de Helma Bersch do ano de 1926. (BERSCH, 2006, p.333)

As aulas de canto buscavam, através do solfejo, exercitar os conhecimentos teóricos por meio da execução de melodias. Assim, procediam-se as aulas, de modo que os alunos pudessem vivenciar os elementos musicais aprendidos.

[...] Na aula de canto copiávamos os cantos [letras] e depois tínhamos que colocar as notas. Às vezes, a professora cantava a melodia com a letra e nós tínhamos que ir escrevendo as notas desta melodia. Inclusive, esse exercício caía no exame oral. Nós tínhamos prova oral. [...] Eu lembro que na hora do exame, ao invés de cantar a letra, nós tínhamos que cantar as notas. (C3)

Verifica-se, assim, que as práticas possuíam conteúdos com ênfase nos elementos inerentes ao canto. O nível aprofundado de exigência atribuído às atividades de solfejo e ditados eram vinculados à execução de hinos e canções, através dos quais se estabelecia uma relação entre teoria e prática musical. O repertório englobava, além dos cantos religiosos, canções folclóricas alemãs e brasileiras.

No colégio Santo Antônio, havia ainda as atividades musicais oferecidas em período extracurricular, incluindo a prática de instrumento e a participação no coro da instituição. A participação do grupo coral somente era permitida, mediante o exame de seleção, realizada pela religiosa responsável pelo coro. Assim, esta atividade destinava-se a uma minoria, tendo como principal objetivo o acompanhamento nas Missas Solenes, por ocasião das grandes festas cristãs, incluindo Natal, Páscoa, Pentecostes, Ordenações Sacerdotais e do Santo Padroeiro nas festas dos *Kerb*.

[...] A maioria não podia participar. Era uma minoria escolhida. De 80 a 100 juvenistas, umas 20 eram escolhidas. [...] Todas ficavam ao redor do harmônio. Nós ganhávamos a folha com a letra e as notas, era uma partitura. Ali a gente também tinha oportunidade para treinar a leitura das notas. As vozes eram selecionadas. Tinha a primeira voz, a segunda. (C3)

O ensino de instrumento, direcionado quase que exclusivamente ao piano, era oferecido em regime de aula particular, mediante o pagamento de mensalidades extras. Percebe-se, através do relato de C3, que o pagamento extra das aulas de instrumento representava uma grande dificuldade para algumas moças que vinham de famílias menos abastadas. *[...] Eu não tive a oportunidade de praticar o instrumento. Porque isso era pago. Isso era um privilégio de quem vinha de uma família um pouco mais abastada (C3).*

Porém, através dos relatos verifica-se que, possivelmente, haviam exceções a esta norma. Dos alunos com poder aquisitivo baixo que apresentassem considerável aptidão natural ao instrumento, era concedida a frequência às aulas, com isenção de pagamento. Assim, o ensino de piano teria se concretizado para Helma, tendo em vista que essa não tinha familiares que pudessem arcar com os custos de seus estudos. É possível ainda que as aulas

de piano tenham sido realizadas em virtude da intercessão de suas irmãs mais velhas, que nesta época já haviam realizado seus votos solenes de Irmãs desta Congregação Religiosa.

Para esta prática, a escola oferecia o ensino individualizado de piano, e estas aulas aconteciam em pequenas salas contíguas, num formato de celas. A instituição possuía cinco celas com piano e uma com um harmônio.

[...] Me parece, que tinham cinco pianos e um harmônio. [...] Eram salas pequenas. Tinha só o instrumento musical e uma “prateleirinha”. [...] Eu limpava estas salas. Os pianos ficavam chaveados, só que eu tinha a chave. Daí eu aprendi a tocar um pouco de piano. [...] Eu via a irmã dando aulas de piano. Tinha o toc-toc do metrônomo. O movimento da mão. O aluno tinha partituras normais como as que se tem hoje. [...]

Parece que eu estou vendo a Helma sentada nesta salinha de piano recebendo instruções em cima de uma partitura e reproduzindo-a no piano. [...] Quem tinha uma inclinação natural para a música, recebia oportunidade para se dedicar a ela extracurricularmente. Isso era tradição no colégio das freiras, desenvolver esses dotes [habilidades naturais] das meninas que freqüentavam o internato. (C3)

Quanto aos métodos utilizados, apesar do ensino ser direcionado ao piano, algumas vezes eram realizadas práticas no Harmônio. Chamava atenção o uso do método *Harmônium in Schule*¹¹, inclusive para o ensino de piano, pois através dos relatos dos colaboradores não encontramos outro método, o qual fosse específico para o estudo de piano. No entanto, salienta-se a utilização de outras partituras de peças trazidas da Alemanha. *[...] Eu lembro que tinha partituras de Beethoven, lembro muito do Danúbio Azul. Esse era tocado todo o dia. Eu sabia quase de cor de tanto ouvir. Elas tocavam todas quase a mesma coisa (C3).*

A partir dos relatos, constata-se que no colégio Santo Antônio, a ênfase dada ao aprendizado do instrumento recaía sobre o piano e o harmônio, possivelmente, influenciados pela tradição da música sacra, trazida da Alemanha, na qual Johann Sebastian Bach, dentre outros, se dedicaram a compor missas solenes em instrumentos harmônicos, influenciando fortemente as cerimônias religiosas católicas. Verifica-se ainda, a ausência de outros instrumentos musicais, como o violino, fortemente, presente, nas concepções de ensino de música entre os imigrantes alemães luteranos da mesma época.

¹¹ “Hamônio na escola”, método alemão de ensino do instrumento do harmônio.

Quanto ao repertório presente nesta instituição, através do relato de C3, podemos constatar que havia um repertório próprio e autorizado para veicular na instituição, chamando a atenção ao tratamento conferido às músicas e aos instrumentos considerados profanos ou menos nobres do que o piano e harmônio

[...] O violão era pecado. Violino tinha, mas não era um instrumento normal. Eu me lembro que tinha uma aluna de violino. Não tinha professor de violino, só de gaita, a mesma que dava aula de piano.[...]

Normalmente elas [Irmãs] não permitiam a gaita, porque a gaita botava fogo e as moças começavam a dançar, aí era pecado. Nunca me esqueço quando uma delas começou a cantar "...e a tua imagem." [trecho da música Índia]. Meu Deus do céu!!!! O Diabo quase que apareceu vivo!!! Então elas já nem permitiam muito a gaita. [...] Música folclórica podia. [...] Eu não me lembro de ter visto em um colégio de freira violino, só harmônio, piano e gaita. (C3)

Através dos depoimentos pode-se perceber que Helma Bersch, no tempo em que esteve no Colégio Santo Antonio, recebeu uma formação musical intensa com conhecimentos teórico-musicais, além de práticas vocais e instrumentais de piano e harmônio, as quais eram vivenciadas a partir de um repertório autorizado. Para tal ensino, eram utilizadas atividades realizadas em grupo e individuais alicerçadas na difusão de valores cristãos.

2.5 A Sociedade Escolar Dona Rita



Figura 6 – Sociedade Escolar Dona Rita e família de Helma Bersch

Os imigrantes alemães do Vale do Taquari quando aqui chegaram depararam-se com uma área ainda coberta por matas nativas. Mesmo sem nenhuma estrutura, começaram a ocupar o espaço e a organizar a colônia. Esta situação foi provocada, especialmente, pela negligência do Estado e em virtude das promessas enganosas dos agenciadores.

[...] Motivados pela promessa dos agenciadores, os objetivos dos imigrantes pairavam em torno da esperança de um futuro melhor pela fuga de uma região superpovoada e empobrecida ou vivendo em conflitos políticos e econômicos, para um lugar onde fosse possível tornar-se dono de terras e, também, como fora prometido, praticar livremente a sua religião, protestante ou católica. (STRIEDER, 2008, p.117)

A falta de estrutura e amparo do Estado provocou nos imigrantes um espírito de iniciativa coletiva. Primeiramente, era preciso organizar suas pequenas propriedades e estradas de acesso, em seguida era necessário criar e impulsionar as instâncias que sua cultura mais valorizava, a religião e a educação. Para os imigrantes, a educação formal deveria ser permeada por suas bases culturais.

O processo de instalação das escolas iniciou com muitas dificuldades, tornando-se possível somente pelo esforço de toda comunidade, uma iniciativa integrada que exigia o comprometimento de todos os moradores e envolvia a compra da terra na qual a escola se fixaria, até a decisão acerca da escolha do professor que exerceria a docência. Vencida esta etapa, fundava-se a sociedade escolar.

Dessa forma, a escola comunitária, na sua origem, não era de confissão religiosa, porém a religiosidade que perpassava as famílias fizeram com que houvesse uma aproximação entre sociedade escolar e igreja. Como mencionado, a Igreja Católica, no intuito de instaurar o projeto de Restauração na região sul do Brasil, apostou nas iniciativas escolares dos imigrantes como forma de estabelecer seu ideário.

[...] Formou-se toda uma rede de comunidades rurais que respondiam a objetivos da Igreja Católica em total sintonia com o Vaticano. Enquanto grande parte do clero brasileiro aderiu a princípios liberais, opondo-se, em questões eclesiais, ao poder conferido ao Imperador pelo princípio do *padroado* e do *placet* e participando dos movimentos políticos, os jesuítas alemães vindos para liderar o Projeto Católico junto aos imigrantes no Rio Grande do Sul tinham concepções e posições praticamente opostas a estas, engajando-se plenamente no Movimento de Restauração Católica. (KREUTZ, 2004, p.19)

Portanto, nas comunidades em que se fundava a Sociedade Escolar, por iniciativa de católicos, a Igreja passou a influenciar fortemente na estrutura e filosofia da instituição, fazendo-se presente através de supervisões das atividades escolares e tomando o professor como seu fiel aliado, tendo em vista que a Igreja Católica via a “escola e o professor católico como um dos meios privilegiados para o fortalecimento da Restauração Católica” (KREUTZ, 2004, p.129). Desta forma, a Igreja passou a atribuir funções para o professor que iam além de suas atividades docentes. Era necessário que o professor exercesse a liderança da comunidade, atuando em todas as instâncias sob orientação da igreja.

A escola representava para a comunidade uma extensão do próprio lar, “cujo trabalho [era] de reforçar os valores familiares e ampliá-los para o âmbito social” (STRIEDER, 2008, p.120). O professor, geralmente da própria

comunidade, participava ativamente de todas as decisões em conjunto com famílias.

[...] A autoridade do professor era dada pela própria comunidade, que não poucas vezes, principalmente no caso em que este era efetivamente uma das pessoas mais instruídas do local, atribuiu-lhe tarefas além de religiosas (que envolviam as rezas, batismos, entre outras), a direção dos cantos no coro da igreja, a direção de festas ou de atividades da comunidade que necessitassem de representação. Alguns ainda confiavam nele como capaz de aconselhar para a realização de bons negócios ou a resolução de conflitos em geral, até mesmo o procuravam em casos de doenças na família. Muitas vezes, a casa construída para o professor e a família ficava ao lado da escola-capela, no pátio desta, e assim ele também recebia na sua moradia o padre, quando este vinha à comunidade. (STRIEDER, 2008, p.126)

Neste sentido, a vinda dos jesuítas para o sul do Brasil, em especial para o Vale do Taquari, no final do século XIX, influenciou fortemente no desenvolvimento das escolas comunitárias. Até então, muitos dos professores comunitários não possuíam formações pedagógicas para atuarem profissionalmente. Os jesuítas por sua vez, incentivaram os moradores a mandarem seus filhos para este estabelecimento de formação, conferindo “[...] um novo ânimo para as escolas comunitárias, através da ênfase na formação dos professores” (ibid., p.126). O estímulo conferido pelos jesuítas para que filhos de colonos freqüentassem estas casas de formação levou à transformação das colônias de teuto-brasileiros em verdadeiros celeiros de vocações religiosas, onde a espiritualidade prevalecia em todas as instâncias.

Salienta-se que neste período, no qual a presença da religiosidade era a marca da colônia alemã, havia outros elementos culturais que permeavam as comunidades, dentre eles, a língua alemã. Sendo a escola organizada pela própria comunidade, que a mantinha em seu interior, a língua alemã era o idioma utilizado pelo professor. Assim, só teria condições de exercer a docência alguém que dominasse o idioma e que, geralmente, pertencia à alguém da própria comunidade. Mais tarde conflitos surgiram, tendo em vista que os governantes brasileiros “[...] viam [nestas escolas] uma exaltação a uma cultura diferenciada daquela desejada nacionalmente e, portanto, um perigo para a nação” (ibid., p.125).

A escola que emerge das tradições de um povo que valoriza intensamente a religiosidade, a educação e a língua, como elementos culturais de sua identidade e que é criada e mantida pela comunidade é denominada Escola Comunitária Teuto-brasileira (RAMBO, 1994). Tal escola possui características, com distintas fases no país. Rambo (1994) e Kreutz (2004) apontam quatro momentos desta escola no Brasil. A primeira fase, que vai de 1824 até 1850, momento em que o Alto Taquari começa a ser colonizado, é marcada pelo caráter emergencial das instituições. A ausência de escolas públicas na região ocupada pelos imigrantes, fez com que se estruturasse de forma muito precária a escola comunitária de língua alemã. O período letivo era estabelecido pelos ciclos de plantio, não havendo um período obrigatório escolar. Os alunos freqüentavam no máximo a dois ou três anos de estudos escolares. Quanto às instalações, na maioria das vezes, eram feitas na residência de uma pessoa considerada mais “letrada” pela comunidade, ou ainda, na residência de “um homem ou de uma mulher de mais idade, impossibilitados de trabalhar na roça e sabiam ler e escrever melhor do que os demais, a eles os primeiros moradores mandavam seus filhos” (AMSTAD, 2005, p.466). Tratava-se de professores particulares que eram mantidos a partir das contribuições mensais dos próprios pais dos alunos. Estas escolas tinham por objetivo atender todos os moradores das proximidades sem distinção de religião (ibid., p.480). Neste sentido, cada escola se desenvolvia conforme o ritmo da própria comunidade. Como na maioria das vezes a comunidade era fundada por grupos definidos, católicos ou luteranos, estas escolas incorporavam as características religiosas da comunidade. Assim, organizavam suas próprias escolas, não recebendo auxílio do Estado ou da Igreja e eram mantidas com os recursos dos colonos, caracterizando-se como uma escola comunitária de particulares.

Na segunda etapa, que vai de 1850 a 1875, ocorrem alguns progressos, destacando-se o desenvolvimento de colégios ligados a congregações de padres e irmãs. Outro fato marcante deste período é a chegada dos *Brummer*¹² na Província. Grande parte destes soldados tinha uma boa formação acadêmica, o que fez com que de imediato conquistassem seu espaço entre os imigrantes.

¹² Os *Brummer* eram soldados que na Europa haviam participado das revoluções liberais em 1848, os quais eram contratados pelo Império para a guerra contra os Rosas, na Argentina.

Segundo Kreutz (1994, p.22), os *Brummer* foram um marco significativo para o desenvolvimento e organização econômica, social e política dos teuto-brasileiros. Os *Brummers* tiveram uma forte influência sobre o fomento das mentalidades associativas nas comunidades alemãs, as *Vereinswesen*, que mais tarde iriam tomar uma significativa proporção no contexto social dos imigrantes.

No terceiro momento, de 1875 a 1900, as escolas praticamente triplicaram, ocorrendo uma maior organização do sistema escolar, sendo fundada em 1898 a primeira Associação Católica de Professores, considerada um marco histórico das escolas particulares católicas. Dessa forma, aos poucos os professores começaram a organizar um método pedagógico que unificaria as escolas. No entanto, foi no período de 1900 a 1938 que houve um significativo aumento das escolas, com a participação de professores em assembleias buscando comprometendo-se com questões escolares. Foi neste período que se instituíram os quatro anos escolares, as escolas passaram a se estabelecer em prédios próprios e com uma maior infraestrutura. O material didático passou a ser adaptado, elaborado e impresso no Brasil, de modo a atender às necessidades locais.

O professor tinha um papel muito importante nestes núcleos. Em especial entre os católicos, o professor era o agente “[...] de ligação e representação entre o clero e comunidades rurais” (KREUTZ, 1994, p.23).

[...] Considerado como o guardião da ordem e dos valores da comunidade, cabia ao professor assegurá-los não apenas pelo ensino, mas preferencialmente pelo exemplo de vida e por sua intermitente atuação no campo religioso e social. Daí a concepção do magistério e suas extensões do serviço religioso e social como uma vocação, uma missão, um sacerdócio. (KREUTZ, 1994, p.23)

Ainda segundo Kreutz (ibid.), a partir de 1920, o cenário destas escolas comunitárias começou a mudar com o início do processo de nacionalização. “O apelo da gratuidade e a possibilidade de os alunos aprenderem melhor o português começou a falar mais alto para muitas famílias do que as exortações de fidelidade à escola paroquial feitos pela hierarquia católica e evangélica” (ibid.,

p.28). A partir deste momento, as escolas paroquiais e comunitárias sofreram com a evasão de alunos, acarretando em muitos casos no fechamento.

No ano de 1900, o *Lehrerzeitung*, em seu primeiro número de edição, publicava que as escolas paroquiais eram instâncias unidocentes¹³ e deveriam ser organizadas em turmas de quatro anos de escolaridade. Deveriam seguir um calendário comum de período letivo e férias, sendo que a frequência deveria ser exigida. Este jornal também manifestava que o ensino de religião era a disciplina mais importante.

Estas escolas buscavam desenvolver um trabalho bilíngue em seu currículo, sendo a língua alemã mantida nos dois primeiros anos escolares e no terceiro ano iniciava-se o ensino de português. Na escola teuto-brasileira a língua portuguesa foi considerada até 1914 a segunda língua do currículo. Com o passar dos anos, a forte presença da língua alemã, no currículo escolar, chamou a atenção das organizações políticas, que as acusavam de instituições antinacionais com interesses contrários à nação brasileira.

[...] Os problemas se agravaram no Governo de Getúlio Vargas, que lança a campanha de nacionalização, pela qual vão surgindo leis que restringem cada vez mais os elementos culturais dos imigrantes. As línguas dos imigrantes foram proibidas, escolas foram fechadas, pessoas foram presas por não saberem falar o português, ou por ouvirem notícias da Alemanha no rádio, livros foram queimados em praça pública, lojas foram destruídas simplesmente por possuírem nomes ou donos de origem alemã e monumentos foram quebrados. (STRIEDER, 2008, p.115)

Ainda neste período, em 1938, com a publicação dos decretos de nacionalização do ensino, ocorre uma mudança de paradigma, na qual o Estado passa a ter o direito primário sobre a educação.

[...] até então o direito primário de educação dos filhos cabia aos pais, que posteriormente a delegavam para a escola, sobre a qual a igreja tinha o direito relativamente às verdades de fé e dos costumes. Apenas em último lugar estaria presente o Estado, com a responsabilidade de zelar pelo bem comum. O processo de nacionalização teria, assim, dado ao Estado o direito primário sobre a educação, estando a escola a seu serviço e à família e à igreja cabia adequarem-se. Das mais de mil escolas existentes ao final da quarta fase, em 1945 apenas sobreviviam

¹³ Neste caso, unidocente se refere ao fato de na escola ter um único professor para todas as séries, assim instância unidocente.

em torno de 200. As demais encerraram as suas atividades por não conseguirem se adaptar às novas exigências ou então haviam sido transformada em escolas públicas. (STRIEDER, 2008, p.125)

Ressalta-se, contudo, que a escola como foi idealizada pelos colonos, não objetivava manter-se diferente e alheia à sociedade brasileira. A escola colonial era o resultado de uma árdua iniciativa de um povo que depositava na educação suas bases culturais. O sistema escolar introduzido no sul do país pelos imigrantes alemães e seus descendentes prosperou de tal forma que, numericamente, estas escolas mostravam-se significativamente superiores em relação ao número de escolas de outros grupos étnicos que também fizeram parte da colonização do estado do Rio Grande do Sul, assim como as introduzidas pelo estado. Desta forma, esta iniciativa se tornou singular para o contexto brasileiro, o qual possuía um sistema, de escola básica, muito precário e praticamente inexistente, com taxas de analfabetismo elevadíssimas, ao contrário das colônias alemãs que raramente possuíam um analfabeto.

A partir do processo histórico das escolas comunitárias é possível que semelhantes características permearam e caracterizaram o processo de edificação da Sociedade Escolar Dona Rita. Neste sentido, as dificuldades que os primeiros moradores da comunidade tiveram para estabelecer a sua escola, assim como a influencia da Igreja Católica na condução da escola, se assemelhou a outras instituições coloniais.

Os primeiros colonizadores da comunidade de Dona Rita também se preocuparam com as questões escolares de seus filhos. Nos primeiros anos, sem terem ainda uma organização comunitária, mandavam as crianças para escolas em picadas vizinhas, o que para alguns representava caminhar até cinco quilômetros de distância. Somente no ano de 1898, Julio Dressler, por ser considerado pelos colonos a pessoa mais esclarecida, foi convidado pelos moradores da comunidade a abrir uma escola em sua residência, sendo que a comunidade se responsabilizaria seu sustento.

Os registros de funcionamento da escola do professor Dressler são praticamente inexistentes. Possivelmente, ele atuava de acordo como descrito por Rambo (1994) na primeira fase da escola comunitária, com aulas em alemão e o

período escolar adequado às necessidades da comunidade, variando em torno de dois ou três anos escolares.

Dressler permaneceu atuando como professor até o ano de 1914 e, por motivos de doença, entregou o cargo para seu ex-aluno João Francisco Werner, o qual foi escolhido por se destacar como bom aluno, mesmo critério adotado para a seleção do professor anterior. Werner, assumindo o cargo de professor, simultaneamente buscou aperfeiçoamentos no conhecimento da língua portuguesa, fora da comunidade. Verifica-se assim que pairava na comunidade de Dona Rita uma vontade de que a escola realmente incorporasse a língua local, como forma de possibilitar aos filhos dos colonos o aprendizado da língua da nova pátria.

No ano de 1915, o professor João Francisco Werner comprou uma área de terras à margem direita do Arroio Grande, ao lado da atual Escola Dona Rita e por ser uma área melhor localizada, rendeu-lhe mais alunos. O professor Werner casa-se em 1916 com Hilda Dressler, passando a residir ao lado da escola.

[...] Tanto na construção do prédio escolar como na residência, os moradores de região doaram seus serviços ao professor, demonstrando desta forma o espírito de comunidade e interesse pelo ensino, que serviram de alicerces à Sociedade Escolar que desabrochava. (Caderno Histórico da Sociedade Católica Dona Rita, 1968, s/p.)

A pequena comunidade de Dona Rita que se iniciava tinha consciência da necessidade de profissionalizar cada vez mais as questões escolares, sendo que para mantê-la era necessário o comprometimento de toda a comunidade nas contribuições mensais, pois, caso contrário, o professor Dressler não se sustentaria. Portanto escolher o melhor local, com o melhor acesso para que os moradores optassem por este estabelecimento de ensino. Neste sentido, a escola Dona Rita desenvolvia-se no mesmo ritmo das demais escolas de comunidades de imigração alemã, da segunda fase descrita por Rambo (1994).

[...] a profissão de professor foi sendo atribuída a pessoas leigas das comunidades, remuneradas com valores ínfimos doados por cada família integrante desta comunidade. Nesta época algumas melhorias foram sendo estruturadas, como a construção geralmente pela própria comunidade, de prédios escolares e de casas dos professores, com reservas de terras para as suas famílias. (STRIEDER, 2008, p.122)

Contudo, em 1918, motivado por moradores da comunidade, Hermann Moesch, criou uma escola noturna de língua alemã, no mesmo prédio da escola do professor Werner. A finalidade era oferecer aos homens e rapazes da comunidade e seus arredores, conhecimentos para poderem acompanhar principalmente as notícias da guerra. Até este momento todo o ensino realizado na escola Dona Rita, era ministrado em língua alemã, assim como estava ligado unicamente à iniciativa dos imigrantes, estimulados pela Igreja, sem nenhum tipo de auxílio do poder público.

A recém instalada escola passou por dificuldades em seu processo de estabelecimento, mantiveram-se exclusivamente da contribuição das poucas famílias das proximidades. Essa situação piorava, quando alguma família optava por mandar seus filhos para uma escola da picada vizinha, que por estar estabelecida há mais tempo dispunha de mais infraestrutura, com isso se tornava mais atrativa. Porém, com a chegada do primeiro vigário efetivo à Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Arroio do Meio, em 1920, ajudou na organização da escola. A comunidade de Dona Rita passou a receber apoio do Vigário P. Rick, que exigiu a participação efetiva de todos os moradores da comunidade. A partir deste momento, entre março e junho de 1920, ainda na propriedade do professor Werner, foi instituída a comunidade escolar Dona Rita, onde depois de traçadas divisas pertencentes à localidade exigiu-se o comprometimento dos moradores pertencentes a ela, sendo trinta e nove sócio-fundadores.

Desta forma, todos os moradores com filhos em idade escolar eram obrigados a mandá-los para a escola durante quatro anos. Se houvesse alguma família que faltasse com o compromisso, eram-lhe impugnadas algumas sanções, tais como pagar, mesmo sem a freqüência do aluno à escola, a anuidade ao professor. Caso não fosse efetuado o pagamento, era, então, proibido ao filho do colono participar da Comunhão Solene, ritual de passagem de grande importância para os imigrantes católicos, que a igreja usava em seu favor, para garantir a manutenção do vínculo entre a família, a escola e a igreja.

[...] tinha que ter uma legislação se não o professor não se sustentaria, era um jeito [da escola] se manter. A igreja não negava a comunhão [para quem não freqüentasse a escola local], só negava a participação na Comunhão Solene de formatura, que acontecia durante a missa. (C1)

Este argumento de proibição de participação na Comunhão Solene perdurou por muitos anos, sendo que mais tarde se tornou um grande aliado da igreja e escola para impedir a evasão de alunos das instituições comunitárias católicas, que muitas vezes as deixavam para ingressarem nas escolas públicas que iniciavam seu processo de estabelecimento. A Igreja Católica, em pleno desenvolvimento e implantação do projeto de Restauração Católica, temia perder espaço para o Estado que começava a se organizar. A ordem vigente era,

[...] É dever de consciência dos pais que enviem seus filhos às escolas paroquiais. Não pode ter perdão de seus pecados aquele que, tendo possibilidade, não envie seus filhos à escola paroquial, privando-os assim da formação católica. (LZ, jan. 1923, p.5-6 apud KREUTZ, 2004, p.129)

Esta idéia também se fazia presente na comunidade de Dona Rita e seus arredores, onde a igreja se comprometia, juntamente, com a comunidade a dar-lhe apoio, garantindo o desenvolvimento de suas pequenas escolas.

[...] naquela época nascia o Guararapes¹⁴ [...] As crianças do Guararapes não podiam ir à catequese, porque o monsenhor não permitia. [...] O Guararapes na época não foi bem vindo pelo Monsenhor, nem pela Comunidade Católica. Por outro lado, o Monsenhor era suficientemente ajuizado para permitir que catequistas católicas dessem catequese no Guararapes. Porém as crianças não eram admitidas [para a formatura da Comunhão Solene]. [...] o Monsenhor sabia que muitas crianças não podiam pagar [a mensalidade de uma escola católica] [...] mas era então a escola dos pobres, quem pudesse pagar, o monsenhor pressionava. Só que os alunos quando terminavam nesta escola [pública], não podiam fazer a Comunhão Solene, pois não eram sócios da comunidade. Aí houve um escândalo. [...] Ela [a Comunhão Solene] tinha toda essa conotação de rito de passagem, criança para adolescente, havia a expressão: sair da escola. Agora já era “gurizote”, poderia arriscar pitar um cigarrinho. [...] [o pai] já tinha que deixar ir para o baile, era o rito de passagem. Isso realmente tinha tal força que as pessoas que de fato iam para a escola pública e não iam à escola paroquial [...] elas se auto-excluíaam de uma coisa que elas não queriam se excluir. [...] uma situação complicada. (C1)

Em 1921, Werner, ainda professor e proprietário do prédio no qual funcionava a escola, mudou-se para o município de Venâncio Aires, vendendo suas propriedades. Desta forma, a comunidade escolar Dona Rita, compraria essa propriedade, no final de 1921 e início de 1922, construiria um novo prédio 8 m X 6 m para a escola.

¹⁴ Grupo Escolar Guararapes, primeira escola pública do município de Arroio do Meio.

Na ausência do professor Werner, a comunidade ofereceria o cargo para José Bersch, ex-aluno de Julio Dressler, que se julgando sem condições de assumi-la, procurou a escola do professor Miguel Schauen, em São Bento, no município de Lajeado, para realizar um estágio de um ano. Nos registros escolares não constam informações sobre como se deu este estágio. Ainda durante este mesmo ano, em caráter provisório, assumia a função de professor João Ritt. Um ano depois, em 1923, José Bersch, retornaria à comunidade, assumindo como professor na escola Dona Rita.

Em 1932, a comunidade escolar constrói, ao lado do prédio da escola, uma residência para o professor Bersch, onde passa a morar juntamente com sua esposa Helma Bersch e a família. Nesse período em que a sociedade escolar prosperava, possivelmente, a formação de Helma para atuar como professora paroquial tenha chamado a atenção do padre vigário, que instigou entre os moradores da comunidade de Dona Rita a idéia de convidá-la para atuar como docente. É importante ressaltar que para a comunidade, a participação do casal como professores, daria maior estabilidade e garantia de continuidade para o trabalho, assim como para a igreja, que direcionava e conduzia esta escola. Era conveniente que a família do professor estivesse à frente da comunidade, uma vez que igreja, escola e família deveriam manter-se de forma harmoniosa.

Pelos registros encontrados, ainda no ano de 1932, Helma é convidada pela comunidade para, em conjunto com o marido, assumir a escola. Neste sentido, a Sociedade Escolar Dona Rita, apesar de não ser considerada uma escola paroquial, consolidou os moldes de orientação sugeridos pela Associação dos Professores Paroquiais, a qual prestava assessoria a todas as escolas paroquiais do estado, segundo o Jornal do Professor, publicado pela associação dos professores,

[...] A escola elementar católica é a instituição aprovada pela Igreja em que as crianças são encaminhadas, primeiramente, para serem bons cristãos e, complementarmente, se instrui as crianças no saber básico. A finalidade principal da escola elementar católica é a educação. [...] E a escola deve permanecer subordinada à Igreja. E comparando a Igreja ao corpo místico de Cristo, tem-se os professores como os vasos e veias que irrigam e levam o bom sangue às bases do corpo. E daí também se entende bem que a escola católica tem basicamente a missão de

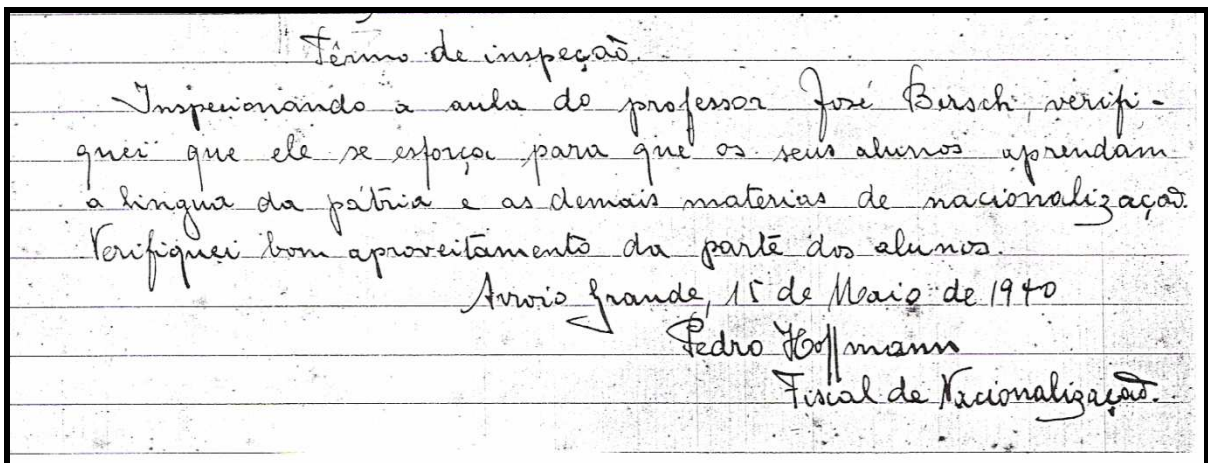
educar, e, só em segunda instância vem o ensino. (LZ, 1908, p.83-4 apud KREUTZ, 2004, p.156).

Imbuída nesta perspectiva, a professora Helma amplia o número de anos letivos na escola Dona Rita, criando a 5º e a 6º séries. Porém, a escola possuía apenas um prédio com uma sala única, na qual o professor José atuava com as quatro primeiras séries. Portanto, o local que a professora Helma dispunha para receber seus alunos era a sua residência. A sala de jantar se transformou em sala de aula e em volta da grande mesa de jantar, a professora atendia aos alunos.

[...] raramente mais que vinte e dificilmente menos que doze [alunos]. Era uma mesa grande, duas mesas emendadas, cabiam todas as crianças, era uma coisa tradicional [...] os mais velhos contam que quando eles estavam sentados na mesa [tendo aula], eu costumava ficar engatinhando em baixo dela, por entre os pés deles. (C1)

Desta forma, a igreja, a escola e a família de Helma Bersch passaram a construir um núcleo único, intimamente ligados e à frente da comunidade de Dona Rita. No ano de 1936, a Comunidade Escolar, criou seu primeiro estatuto, constituindo-se pessoa jurídica. Mais tarde, estes estatutos tiveram que ser refeitos devido ao seu extravio, sendo que a escola passou a denominar-se Sociedade Escolar Dona Rita.

Dos arquivos escolares, verifica-se ainda, alguns registros que caracterizam a campanha de nacionalização instaurada no país e presente também na escola Dona Rita (Figura 7).



Término de inspeção.

Inspeccionando a aula de professor José Bersch, verifiquei que ele se esforça para que os seus alunos aprendam a língua da pátria e as demais matérias de nacionalização. Verifiquei bom aproveitamento da parte dos alunos.

Arroio Grande, 15 de Maio de 1940

Pedro Hoffmann
Fiscal de Nacionalização.

Figura 7 - Termo de inspeção

Assim, por motivos de saúde do marido, em 1960, Helma assumiria também a quarta série. O professor José Bersch, seguiu lecionando até falecer, em abril de 1962. Em seu lugar assumiria seu filho, Roque Danilo Bersch, junto com sua mãe. Helma Bersch, auxiliada pelo filho e demais professores que acabaram assumindo ao longo dos anos, continuaria à frente das atividades da escola Dona Rita, até se aposentar em 1981, quando, em companhia do filho, mudar-se-ia para o centro de Arroio do Meio. Somente no ano de 1991, com a municipalização do ensino, a Sociedade Escolar Dona Rita, modificou de forma significativa o seu currículo e quadro de professores, mantendo por muitos anos a proposta educacional construída e implantada pela família Bersch em conjunto com a comunidade.

3. ACORDES QUE SE (CON)FUNDEM: A PROFESSORA DE MÚSICA HELMA BERSCH

[...] me fez perceber onde foi que a minha família bebeu todo esse gosto pela música. (C1)

3.1 Primeiros tempos: da infância ao casamento e o ingresso na Sociedade Escolar Dona Rita

Partindo da idéia de que através das experiências individuais podemos ampliar o nosso conhecimento sobre o mundo, buscamos na biografia da professora Helma Bersch, a compreender a presença da música na escola de Dona Rita. O ensino de música, nessa escola, está fortemente imbricado com a história de vida da professora, que por sua vez está relacionada a um complexo sistema de regras presentes na sociedade de sua época. Portanto, a biografia da professora Helma é discorrida e iluminada pelas construções de Bourdieu (1996), a partir das quais verifica-se um indivíduo múltiplo e fragmentado, que se permite experimentar a modernidade. O indivíduo formado pela unidade singular frente ao múltiplo, pois desempenha papéis sociais distintos, sendo essa multiplicidade nem sempre concordante, isso é, o confronto entre a “coexistência da lógica do indivíduo linear e a fragmentação, o desordenamento de suas experiências, um fator de tensão e formador desse indivíduo moderno” (GRECCO, 2009, p.2). Nesta perspectiva, a professora Helma Bersch faz parte de um grupo de pessoas que experimenta a modernidade, enquanto indivíduo que se permite pensar e agir de modo diferente das tradições, salientando-se a sua singularidade.

Portanto, este capítulo se volta para o registro da história de vida de Helma Bersch, enquanto filha, aluna, mãe como professora de música na escola Dona Rita, a fim de produzir conhecimentos sobre a história da educação musical, no contexto da escola comunitária teuto-brasileira católica do Vale do Taquari, numa perspectiva em que a biografia da professora se funde e confunde nas “[...] oposições entre o local e o global, entre o singular e o universal. A biografia, assim torna-se *lócus* privilegiado de um exercício da escrita do social” (SOUZA, 2007, p.27).

Helma Bersch, nascida em 14 de setembro de 1909 e falecida em 11 de fevereiro de 1989 foi herdeira de dois sobrenomes, Brod, de seu pai, e Bersch, de seu marido. Como assinala Bourdieu (1996), o nome assegura ao indivíduo a constância através dos tempos e a unidade em espaços sociais, de agentes

diferentes que se manifestam através de suas individualidades. Ainda segundo o autor,

[...] O nome próprio é o atestado visível da identidade de seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento de unidade de suas manifestações sucessivas e da possibilidade, socialmente reconhecida, de totalizar estas manifestações, em registros oficiais, *curriculum vitea*, *cursus bonorum*, registro judiciário, necrotério ou biografia, que constituem a vida como uma totalidade finita por meio de veredito dado sobre um balanço provisório ou definitivo. (BOURDIEU, 1996, p.78-79)

Helma era filha de Johann Brod (*26.03.1861 †30.06.1911), nascido na região central do Hunsrück, na Alemanha, o qual aos 19 anos de idade, em companhia do seu irmão Peter Brod (*08.11.1858 †25.10.1936), desembarcou em terras brasileiras, instalando-se na residência de seu irmão mais velho, migrado há oito anos para a colônia de Conventos, no Vale do Taquari, em terras que mais tarde pertenceriam à comunidade de Dona Rita. Sua mãe Maria Henrika Behnen (*28.08.1865 †22.10.1919) natural do município de Montenegro era filha de imigrante alemão que chegara ao Brasil pelo porto de Rio Grande no ano de 1860. Anos mais tarde, toda a família de Maria Henrika migraria para terras localizadas no Vale do Taquari, local que seria cenário do seu casamento com Johann Brod, no ano de 1885. Em 1909, nasceria Helma, a décima terceira e última filha do casal.

A prática de contar experiências e fatos da vida através da escrita de cartas aos parentes era constante na vida de Johann Brod. Portanto, enfatizaremos a figura paterna de Helma, que através destas cartas deixou na memória de seus filhos e pessoas com quem conviveu, evidências de muitos fatos de sua vida.

Johann, o filho mais novo da família Brod, construiu sua história em terras brasileiras juntamente com seu irmão Peter. Porém, a história dos “dois irmãos inseparáveis” (BERSCH, 2006, p.109) inicia ainda em Buchholz, na Alemanha, “[...] sabe-se que já no Velho Mundo Peter e Johann cultivavam a fama de uma dupla muito parceira, de gostarem de entreter a população com suas brincadeiras e acrobacias” (ibid.).

Através de relatos dos colaboradores, verifica-se que a alegria e o entusiasmo presentes nos irmãos contagiavam amigos e vizinhos também aqui no Brasil.

[...] os dois irmãos Brod eram conhecidos por cantar muito nas festas. [...] gostavam muito de animar festas com cantos e brincadeiras, contar causos em rodas de amigos. [...] nos Kerb o pessoal ficava em volta das mesas e começavam a cantar, era um canto e uma anedota. Sempre tinham um grande prazer em cantar. [...] Eles não tinham instrumentos musicais, que eu ouvisse falar. Mas tinha um vizinho, o Gherardt que tocava gaita. Quando ele estava junto, ele acompanhava, do contrario, eles cantavam mesmo sem acompanhamento. (C1)

Johann e seu irmão Peter, filhos de agricultor, vieram para o Brasil com objetivo de trabalhar na agricultura. “[...] Peter fora aprendiz de carpinteiro e [...] fez dessa prática o ganha-pão na nova terra, no que era auxiliado pelo irmão Johann: eram, portanto, construtores e alternavam com essa atividade as lides da agricultura” (BERSCH, 2006, p.111).

[...] o agricultor na Alemanha era polivalente [...] o irmão [Peter Brod] do meu avô, por exemplo, entendia tudo na linha da construção. Ele fez uma máquina, uma betoneira rústica de madeira forte, onde largavam terra em cima e um conjunto de pás que giravam movidas a boi. Assim, eles [Peter e Johann] aqui no Brasil, fizeram 24 mil tijolos e construíram uma casa para cada um deles. Os dois, também sabiam fazer uma casa do começo ao fim. (C1)

O destino dos dois irmãos, Peter e Johann Brod, por um longo tempo se manteve intimamente ligado. Ambos casaram-se no dia 22.09.1885, com duas irmãs da família Behnen, Peter casa-se com Augusta Josephina e Johann com Maria Henrika. Os dois casais compram uma extensão de terras e em conjunto construíram suas moradas. No ano de 1886, a alegria toma conta do lar com o nascimento da primeira filha do casal Johann e Maria Henrika, Johanna. Em seguida, em 1887, nascia a primogênita do casal Peter e Augusta Josephina, Anna Bernardina. Porém este mesmo ano não ficou registrado somente por alegrias, um acidente marcou a história das duas famílias.

[...] Após uma derrubada nas proximidades, feita pelo caboclo João, veio a queimada - conta-nos Eugen. Na casinha, a boa distância do roçado, dormiam as duas crianças, a Johanna e a Anna Bernardina, num único bercinho comprido, as cabecinhas cada uma em uma cabeceira. As mulheres estavam a postos com baldes de águas, protegendo o pequeno paiol, próximo a queimada [...] para evitar um incêndio, caso uma faísca atingisse o local. Os homens estavam mais adiantes,

ocupados em orientar o fogo e evitar que esse se alastrasse pelo mato. De súbito, a gritaria dos dois alertou as esposas para uma nuvem de fumaça que saía da casa. Augusta e Maria Henrika correram e mal conseguiram salvar as crianças, quando a casinha irrompeu em um fogaréu. Perderam tudo: as roupas, ternos, as lembranças e utensílios trazidos da Alemanha e os bens trazidos de casa pelas esposas. Nada resta, além da roupa de trabalho que vestiam e dos instrumentos abrigados no paiol. (BERSCH, 2006, p.112)

Após a perda de todos os bens materiais, com o apoio dos vizinhos, os dois casais com as duas crianças recomeçam suas vidas. Assim, em 1903 construíram lado a lado suas novas moradas, ao estilo das casas de Buchholz. “[...] pode-se imaginar a alegria e o sentimento de orgulho dos dois casais quando, finalmente, puderam ocupar suas casas novas” (ibid., p.113).

No que diz respeito à música, a família Behnen não ficava para trás, o canto era companheiro em todas as tarefas diárias, [...] *em cima da carroça eles estão cantando, durante o trabalho eles estão cantando* (C1). Bruno, o oitavo filho de Maria Henrika, anos mais tarde descreve “[...] em um pequeno documento datilografado, alguns traços sobre o espírito que reinava no lar de Johann e Maria Henrika Brod” (ibid., p.155).

[...] Na minha casa paterna cantava-se muito. Enquanto a mãe cozia, ou costurava na sala, ela cantava. Não me lembro de ter a visto alguma vez descascar batatinhas sem cantarolar alguma melodia - salvo que ela estivesse com alguma visita. Enquanto as manas ordenavam as vacas, soava um canto, geralmente a duas vozes. Se com isso a vaca dava mais leite, não pertence aos meus conhecimentos, mas soava maravilhoso. Enquanto se abria e debulhava o milho, nos dias chuvosos ou nas longas noites de inverno, o trabalho rendia mais quando acompanhada de canto. Quando a carroça voltava para casa carregada de pasto, lá no alto geralmente estavam empoleirados dois cantores e suas vozes ecoavam pelos vales e colinas. O mais bonito de tudo, entretanto, era a família reunida após as lides do dia, diante da casa, a entoar em coro cânticos de exaltação a Deus e à pátria. Eu ainda não tinha sete anos, mas minha voz se sobressaía às demais. (BRUNO apud BERSCH, 2006, p.155)

Desta forma, o ambiente familiar construído pelos os irmãos Peter e Johann, foi propício para que seus filhos ainda no berço estivessem envoltos pela música. Cantavam ainda [...] *cantos do folclore alemão, cantos da terra natal, da região do Hunsrück, nas margens do Reno* (C1).

[...] a música se constituía não somente em um forte elo de ligação com as tradições e a Pátria-Mãe, mas em um dos principais traços desta cultura, que buscou, no canto popular e nos hinos religiosos, respostas para seus questionamentos e sustentação para as suas condutas. (GARBOSA, 2003, p.26)

Com o passar dos anos, Peter e Augusta Josephina tiveram 10 filhos e Johann e Maria Henrika, 13 filhos, na qual Helma era a caçula.

[...] passamos, as duas famílias, a morar bem juntos, como se mora numa cidade. Das janelas de cada uma de nossas casas, podíamos bem conversar com os primos Otto e Bruno. Parecia até que tratava de uma única família (EUGENIO apud BERSCH, 2006, p.115)

Ressaltamos ainda, que essa união entre as duas famílias também ficou marcada pela presença da música. Incentivados por Johann, as famílias construíram entre as duas residências um caramanchão¹⁵, que serviu de ponto de encontro para adultos e crianças, onde passaram muitas horas cantando. “Ali passamos alguma noite a cantar e a contar anedotas! A tia Ami, a *Kreitzegoth*¹⁶, era a presença garantida nesses serões” (ibid., p.115), [...] *por sinal este caramanchão está até hoje lá em Dona Rita* (C1).

Quanto à formação escolar de Johann Brod, tudo indica que teria freqüentado, além do período obrigatório escolar que abrangia os quatro anos do ensino fundamental, a chamada, escola de inverno ainda na Alemanha. No Hunsrûch, as noites de inverno eram compridas e os dias curtos, reduzindo significativamente as horas de trabalho. Neste período, alunos que já haviam concluído o período escolar se reuniam numa escola de complementação de estudos. Através dos relatos obtidos, evidencia-se o apreço que Johann mantinha pelos estudos, o que, possivelmente, influenciou seu empenho para que todos os filhos que teria com Maria Henrika viessem a freqüentar a escola.

Em 1911, a família Brod novamente é marcada por um trágico acidente, quando os dois irmãos Peter e Johann, abriam uma clareira no meio da mata. No corte, uma árvore cai em cima de Johann, deixando-o gravemente ferido, vindo a falecer ainda na mesma noite.

¹⁵ Uma espécie de quiosque coberto por uma planta arbustiva.

¹⁶ Madrinha Kreuz

[...] Na ocasião, a filha caçula Helma, a sua “pequeninha” (*Us Kleinet*), como diziam que a chamava, tinha então 1 ano e 9 meses. Os três filhos mais velhos estavam casados. Johanna já tinha quatro filhos e morava cerca de 200 metros da casa dos pais. (BERSCH, 2006, p.203)

Após a precoce perda do pai, Helma, a mãe e duas irmãs permaneceram na residência ao lado de Peter e Augusta Josephina. Apesar de não se ter registros precisos dos motivos e da data, verifica-se que neste momento da morte de Johann, a família de Helma já residia em companhia de Maria Henrika a tia Anna Maria Kreuz e seu esposo. Conforme relatos, verifica-se que a Tia Anna Maria, *Kreitzegoth*, se fazia muito presente no meio familiar dos Brod.

Quanto à tia Anna Maria Brod (*13.10.1853 † 26.10.1934) sabe-se que foi casada com Peter Kreuz (*1848 †23.04.1915), ambos nascidos na região de Hunsrück na Alemanha, e que migraram para o Brasil logo após ao seu casamento no ano de 1873. O casal não teve filhos e, possivelmente, devido a alguns negócios de terras, mal sucedidos, passaram a morar junto na propriedade da família Brod.

A tia Anna Maria [...] *devia ter um dom ou uma paixão pela música* (C1). Dedicou-se às crianças das duas famílias Brod, ficando conhecida pelas demais gerações, como a professora de brinquedos, de canto e de teatro dos sobrinhos.

[...] Antes da noite ou em fins de semana todas as crianças se reuniam embaixo deste caramanchão, depois de arrumadinhas e lavadinhas. A tia Anna Maria Kreuz os divertia com historinhas, cantos e os fazia fazer encenações. Sei lá, agora eu estou imaginando, Joãozinho e Ritinha, Branca de Neve, O lobo e o Chapeuzinho Vermelho. (C1)

Anos mais tarde, Anna Maria e Peter deixaram a residência da família Brod. Vendendo os bens que ainda lhe restavam, negociaram então uma pensão vitalícia junto às Irmãs Franciscanas, no Colégio Santo Antônio de Estrela. Esta instituição escolar de ensino fundamental, que objetivava formar as moças para a vida religiosa, em alguns raros casos também oferecia abrigo para pessoas com idade avançada. Com as Irmãs Franciscanas, enquanto a saúde permitiu, o casal trabalhava na lavoura, na economia e afazeres domésticos, mas na velhice tinham a promessa de que receberiam em troca assistência permanente à saúde.

Nos relatos de C1, verifica-se que o avô Johann gostava de ajudar e orientar as pessoas da comunidade. [...] *Meu avô era muito de ajudar, orientar as*

peessoas que estavam em sua volta [...] é possível que ele há muito tempo já tivesse conversado com as freiras do Santo Antônio [...] para abrir suas portas ao casal Kreuz (C1).

No ano de 1919, Maria Henrika falece repentinamente, deixando Helma aos dez anos de idade, órfã também de mãe. A morte da mãe leva cada filho a seguir seu próprio caminho.

Continuar os estudos em escolas de religiosos, que ofereciam pensionato, era uma prática comum na família dos Brod. O filho Bruno frequentava o pensionato oferecido pelos Irmãos Maristas, em Lajeado. As duas irmãs mais velhas já haviam concluído o ensino fundamental no colégio Santo Antônio e já eram Irmãs religiosas.

No entanto, após a morte da mãe, apenas Helma não havia cumprido o seu período obrigatório escolar. Ainda era aluna do professor Julio Werner, na pequena escola do professor Júlio Dressler, na comunidade de Dona Rita, que ficava a cerca de quinze minutos de caminhada, da residência dos Brod. Possivelmente iniciou seus estudos por volta do ano de 1916 ou 1917, não se tem registros oficiais da data, havendo ainda alguns anos escolares antes da finalização do período. Sua irmã Irene, com doze anos de idade, já tinha concluído o período escolar obrigatório e ainda permanecia em casa. Portanto, agora desamparadas, para Helma e sua irmã Irene ficara reservado o pensionato do colégio Santo Antônio.

[...] a madrinha Kreuz [Anna Maria], sugeriu para as irmãs mais velhas da minha mãe [Helma], aquelas que ainda moravam em casa. Se ofereceu para falar com as irmãs do Colégio Santo Antônio para abrigar a pequena órfã e a irmã um pouco mais velha. (C1)

Nas colônias alemãs do Alto Taquari, mandar os filhos para escolas de religiosos era uma prática habitual, principalmente entre as famílias que se preocupavam em oferecer aos filhos a oportunidade de continuar os estudos após o período cumprido nas escolas coloniais. Devido às grandes distâncias e às dificuldades de locomoção, as crianças, ao terminarem o período obrigatório de estudos na escola da colônia, geralmente, por volta dos doze anos, buscavam escolas que oferecessem pensionatos.

Para o pai de Helma, Johann, essa idéia era visível, pois estimulava seus filhos, sem distinção de sexo, a dar continuidade aos estudos. Aliada a essa postura estava a tradição de buscar uma continuidade na educação, através de escolas de formação para religiosos, comum na religião católica. Salienta-se que a prática da religião católica era seguida com rigor pela família Brod, o que levou ao fato de que, praticamente, todos os filhos buscaram complementar sua formação em escolas de religiosos.

Irene, com doze anos de idade, que recentemente havia concluído seu período escolar obrigatório, estava na idade em que normalmente os jovens ingressavam nos internatos para formação de religiosos. Para Helma havia uma dificuldade, pois estava apenas com dez anos e não havia concluído seus estudos obrigatórios. Possivelmente, por influência das duas irmãs mais velhas de Helma, as quais já eram Irmãs Franciscanas, e da tia Anna Maria Kreuz, deva-se ter tido êxito, junto às irmãs do colégio Santo Antônio que aceitaram a presença de Helma neste pensionato, mesmo sem ter alcançado a idade mínima de doze anos.

Já no pensionato, apesar da distância, Helma manteve fortes relações com os demais familiares. Na instituição estavam estabelecidas a irmã Irene, sua tia Anna Maria e seu esposo Peter Kreuz. Segundo C1 a presença desta tia foi significativa para manter o cultivo de laços familiares.

[...] a tia Anna Maria, que passou a ser tratada como vovó pelas duas sobrinhas, Helma e Irene, ou simplesmente Kreutzegoth representou para as duas órfãs a presença dos laços familiares, o afeto do lar e os princípios da religiosidade do casal Johann e Maria Henrika. (C1)

A tia Anna Maria deixou registrado numa carta para a sua irmã, residente na Alemanha, sua satisfação em ter as sobrinhas ao seu lado, mas principalmente por estarem encaminhadas para a vida religiosa.

[...] as duas meninas são tão queridas e especiais, que eu sempre rezo e peço a Deus. Tu também podes ajudar a rezar, para pedir que elas sejam freiras como as duas irmãs. (C1)

Assim como a tia Anna Maria, Helma deixou registrado alguns momentos de sua vida em cartas enviadas a parentes. Numa das cartas publicadas em Bersch (2006, p.332) consta que em 1925 Helma permanecia no colégio Santo

Antonio. Em 1926 foi transferida para o Colégio Espírito Santo, no município de Bagé, onde cursou o 7º e o 8º ano ginasial. Nesta mesma escola, paralelo ao currículo, consta que Helma estudava piano e iniciava com atividades de auxiliar de ensino, sendo que em seguida, aos dezesseis anos, assumiu como professora titular e professora de música no mesmo colégio, [...] *estou tão contente porque as irmãs me deixaram trabalhar* (C1).

As correspondências revelam ainda que até o ano de 1925 Helma permanecia no Colégio Santo Antônio. No ano de 1926, verifica-se um boletim de Helma¹⁷, equivalente ao 8º ano escolar cursado no Colégio Espírito Santo, também de Irmãs Franciscanas, no município de Bagé. Através da análise desse boletim, observam-se os ensinamentos vigentes na época dentro desta escola, a qual objetivava tanto a formação de religiosos, visando contemplar as necessidades de sua congregação, assim como a formação do professor paroquial que atuaria, diretamente na comunidade dando assistência aos imigrantes que se organizavam nas colônias e participação diretamente da disseminação dos valores da Igreja. Desta forma, este currículo se aproxima do currículo que, mais tarde, foi proposto pelo *Lehrerseminar* dos católicos.

Evidencia-se o fato da ênfase dada em primeiro lugar aos conhecimentos da área de Língua Portuguesa, sendo dividida em seis disciplinas, envolvendo Leitura, Ortografia, Gramática, Redação, Literatura e Caligrafia. Em segundo plano, com quatro disciplinas estavam os ensinamentos ligados à religiosidade, incluindo, Doutrina Cristã, História Sagrada, História da Igreja Universal e História da Igreja Nacional. Em terceiro lugar, equivalendo-se, estavam os ensinamentos referentes a música e Matemática, sendo que a primeira se dividia em, Música e Canto, e a segunda, Aritmética em Geometria.

Nos estudos de Kreutz (2004), verifica-se que neste período, por volta da década de 1920, a formação musical dos professores paroquiais evidenciava-se também na Escola Normal Católica. Salienta-se, contudo, que a carga horária atribuída à área de música era, possivelmente, muito superior ao que se encontra registrado no boletim de Helma, que apresenta duas disciplinas. Neste sentido, o

¹⁷ Ver página 57.

trabalho musical contemplava não somente o número de horas das disciplinas, mas o período destinado aos ensaios de coro e de instrumento.

[...] a formação musical tinha uma carga horária maior que qualquer outra disciplina e incluía ensaios de canto em grupo, o aprendizado de instrumento musical (violino e/ou harmônio), regência de coral, teoria musical. Além de seis horas semanais de teoria musical, os futuros professores tinham treinamento diário para o aprendizado de harmônio ou violino e para a regência do canto em coral comunitário. (KREUTZ, 2004, p.177)

Ainda quanto às disciplinas oferecidas nos colégios de irmãs religiosas, cabe mencionar que a presença da língua alemã não vigorava oficialmente dentro das escolas. Neste sentido, a partir do boletim de Helma, é possível verificar que a disciplina de Alemão não foi oferecida no período. Tal fato fica evidente ainda através dos relatos dos colaboradores, observando-se que a instituição não ministrava suas aulas em alemão. A ausência do alemão nas escolas causa estranheza, pois o cultivo da língua foi um dos elementos que caracterizou a identidade do teuto-brasileiro, essencial para a sobrevivência cultural das colônias. Portanto, cultivá-la nas instituições de ensino era primordial para a manutenção do espírito germânico.

Dos estudos escolares, Helma possuía o título do Ginásio, que nesta instituição compreendia o 8º ano do ensino fundamental. No início do século XX, esta escola ministrava praticamente todos os conteúdos em alemão, dando ênfase especial ao ensino de música e artes domésticas, com o objetivo de formar moças para seguir a vida religiosa ou “boas e honestas donas de casa” (HESSEL, 1983, p.63). Essas orientações se mantiveram até o ano de 1950, quando o Ginásio cursado por Helma foi oficializado. Mais tarde, em 1954, oficializou-se Escola Normal Regional.

Segundo depoimentos, este ginásio, no Colégio Santo Antônio, compreendia os quatro anos obrigatórios de ensino primário mais dois anos complementares. O internato estava à disposição somente dos alunos que freqüentassem os dois anos complementares. O Colégio Espírito Santo de Bagé, no entanto, disponibilizava, ainda dentro do curso de Ginásio, mais dois anos complementares, o que corresponderia à 7ª e 8ª séries. Helma Bersch ingressou

no ano de 1926 para freqüentar os dois anos de estudos complementares no colégio Espírito Santo e permaneceu lá até 1929, auxiliando como professora.

As escolas de Irmãs Franciscanas, assim como muitas outras instituições da época, não seguiam um currículo mínimo estabelecido pelo Estado, tanto para as séries obrigatórias como para as complementares. Porém, todas as escolas ligadas a congregações religiosas possuíam um currículo próprio. Era objetivo principal formar seu próprio pessoal, porém nos anos complementares, a ênfase recaía nos estudos musicais, práticas domésticas e na formação de professores para atuarem em escolas paroquiais.

[...] podemos confirmar que os Jesuítas se tinham um colégio em Salvador do Sul, em Gravataí e outro sei lá a onde, Santa Catarina, a organização dos estudos era a mesma. Neste sentido, eu imagino que a escola que a mãe freqüentou e depois deu aula lá de Bagé, possuía o mesmo sistema das demais escolas de irmãs Franciscanas de São Leopoldo ou do colégio Santo Antonio de Estrela. Todas elas tinham o mesmo sistema. (C1)

Através do relato de C 1, verifica-se que no período em que Helma estudou no colégio das Irmãs Franciscanas e atuou como professora vigorava a mesma concepção de ensino, na qual era prevista a formação do professor paroquial ou a formação para a vida religiosa, as quais mais tarde se evidenciou em suas práticas docentes na escola da colônia.

Possivelmente, guiada pela dúvida em seguir a vida religiosa, Helma retorna para o Vale do Taquari, no ano de 1930, assumindo no Colégio Santo Antônio a função de professora de ensino fundamental e de piano. Neste mesmo período, *[...] começa a receber visitas domingueiras do namorado José Bersch (C1)*, que iniciava suas atividades de docente na escola comunitária de Dona Rita, em substituição ao professor Werner. Desse período, poucos são os registros encontrados, não havendo informações sobre os encontros do casal que antecederam ao casamento.

No dia 08.01.1931 Helma e José casam-se e se estabelecem na residência que até então havia sido ocupada por Irene, por ocasião de seu casamento, em 1928. Esta residência, situada nas proximidades da escola, se tornou provisória, pois após um longo período de dificuldades da comunidade, referente à

contratação de um professor à altura de suas expectativas, apostam no jovem casal Helma e José, construindo ao lado do prédio escolar a residência do professor.

Para a comunidade de Dona Rita, assim como para as demais colônias alemãs, a escola comunitária representava a fuga de uma decadência cultural e social que o ambiente hostil encontrado pelo imigrante oferecia. Era indispensável que à frente da escola estivesse uma pessoa ativa, comprometida e principalmente bem instruída, ocupando o cargo de professor.

[...] A escola representou, desde o início, a fuga da decadência. Mais do que isso, na concepção dos colonos, ela era uma garantia de melhor atuação nas atividades da terra e progresso a partir dos resultados na terra. Ela se constituía em um espaço de reforço dos valores aprendidos no lar em meio à família e de intensa relação com a religião. (STRIEDER, 2008, p.125)

A bagagem cultural e profissional que Helma trazia das experiências adquiridas junto às Irmãs Franciscanas, com uma densa formação religiosa e ênfase na formação de professor paroquial, era considerada ideal para o desempenho da profissão docente, isto é, Helma estava à altura das expectativas e exigências desta comunidade. Portanto, era importante para a comunidade propiciar a Helma que se mantivesse próxima da escola para auxiliar o marido, o que dificultaria se a residência do casal fosse distante do local de ensino, pois sabiam que após o casamento, viriam os filhos e com eles todas as atividades de mãe e dona de casa.

Por outro lado, é importante ressaltar que a colônia alemã possuía uma organização familiar, com papéis bem definidos, os quais, de modo geral, eram respeitados e mantidos pelas famílias. Desta forma, era importante que a família Bersch seguisse este modelo como exemplo dessa organização, dentro da estrutura social da colônia alemã. Todos os membros da família trabalhavam por um bem comum, numa concepção cultural, na qual o pai recebia a função de provedor, assinalando uma organização social patriarcal. A mãe, por sua vez, era responsável pelos filhos e pelo bom andamento da casa.

[...] a família funcionava como unidade produtiva. O trabalho da mulher não se restringia à casa e aos cuidados com os filhos. Também ajudava na roça, tinha suas tarefas específicas na criação (tirar leite, cuidar das

galinhas, etc.). A mulher casada ocupava posição relativamente importante na vida familiar e social, aparecendo pouco na vida pública; contudo, nos assuntos relativos à família, sua influência era considerável, sendo responsável por vários setores que a divisão do trabalho no meio rural lhe atribuiu (WILLEMS, apud KREUTZ, 2004, p.99)

Helma, além de corresponder a todas as exigências mencionadas, após a construção da residência ao lado da escola, em 1932, passou a participar ativamente da vida escolar, auxiliando o marido junto às séries fundamentais. Assim, Helma o substituiu em suas freqüentes ausências, devido à intensa atividade junto à comunidade.

O professor José era um cidadão muito comprometido. Além das atividades de docência e agricultura, envolvia-se intensamente nas questões comunitárias, sobretudo nas ligadas à sede de Arroio do Meio. José exerceu também a função de,

[...] agente local das revistas *Stadt Gottes*, *Skt. Paulusblatt* e de anuários que na época tinham muita penetração nas regiões de colonização, como o Anuário Inaciano (*Ignatiuskalender*), *Familienfreundkalender* e outros. Participou ininterruptamente do coral masculino dirigido por Claudio Kerbes e mantido pela Sociedade Santa Cecília, na igreja matriz de Arroio do Meio. Pouco tempo antes de morrer, assumira por insistência do vigário, Jacob Seger, a presidência da Cooperativa de Crédito Caixa Rural, em Arroio do Meio, porém sem nunca abrir mão de sua atividade preferida: professor primário. (BERSCH, 2006, p.335)

Segundo Kreutz (2004), nesta mesma época, o Jornal do Professor tratava da função social do professor paroquial, realçando a necessidade de estimular nos colonos a assinatura de jornais, “alargando desta forma os horizontes de interesse e de conversa, pois uma boa leitura [preservava] a comunidade de vícios e jogos fúteis” (LZ, 1927, apud REUTZ, 2004, p.178).

No entanto, freqüentes ausências do professor José, devido à sua participação nas reuniões de formação para professores paroquiais, no Coral da Sociedade Santa Cecília, cuja presença era solicitada nos funerais dos associados, ou ainda nas sessões de Júri, na sede de Arroio do Meio, propiciaram que a presença de Helma na escola se intensificasse. Desta forma, Helma conquistou, rapidamente, seu espaço dentro da instituição e da comunidade. Além disso, outro fator que levou à intensificação da presença da professora

Helma, em sala de aula, foi o aumento significativo de alunos ingressos na escola a partir de 1932, o que exigia muito mais do professor José. Em 1936, por solicitação da comunidade, Helma abriu na escola a *Fortbildungsschule*¹⁸, o que representou para a escola Dona Rita uma oportunidade para o município de Arroio do Meio, pois a ampliação dos anos escolares se constituía como uma rara possibilidade aos jovens do interior da colônia. Os dois anos de complementação escolar tornavam possível o ingresso no curso Ginásial, uma vez que facilitava a aprovação dos alunos que quisessem dar continuidade aos estudos.

O ano de 1932, para a escola comunitária Dona Rita, foi um marco na história do ensino de música. Com o estabelecimento do jovem casal Bersch, na sociedade escolar, passa-se a promover e a consolidar a tradição musical presente no contexto cultural que, iniciada ainda no berço, passa a ser sistematizada agora no ambiente escolar.

3.2 Um harmônio *Lindholm* trazido da Alemanha

O gosto pela música era comungado pelo jovem casal Bersch, que a mantinha e cultivava em sua residência. “Um dos primeiros investimentos do jovem casal foi um harmônio *Lindholm*, trazido da Alemanha, no qual Helma pôde aproveitar os conhecimentos musicais adquiridos junto às Irmãs Franciscanas” (BERSCH, 2006, p.334).

Suas atividades, como professora de música, ao contrário do que se imaginava, iniciaram dentro de sua residência, sendo seu marido o primeiro aluno. Somente após o casamento, José teve a oportunidade de aprender a tocar um instrumento musical, fazendo-o com sua esposa. Em seguida vieram os filhos, os

¹⁸ *Fortbildungsschule* era um ano de estudos complementares, cuja frequência era opcional. No caso, a 5ª série oferecida pela Escola Dona Rita, com um currículo equivalente aos estudos preparatórios para o Exame de Admissão ao Ginásio, era tido como um ano de estudo complementar.

quais foram introduzidos no aprendizado da música através do harmônio. Helma ensinou a todos os doze filhos do casal, sem exceção.

Segundo C1, apesar de ser o sexto filho e ter perdido uma parte da história na qual o pai estudava harmônio com o auxílio da mãe, ficaram registrados em sua memória as lembranças do pai sentado tocando o instrumento, nas manhãs de domingo.

[...] O pai queria um harmônio, pois ele dava muita importância para a música. Também estudou harmônio com a mãe, depois do instrumento comprado. [...] Eu me lembro do pai sentado tocando nos domingos de manhã. Às vezes chegava o vizinho e eles gostavam de cantar. O pai sentava no harmônio e os dois cantavam cantos de igreja. (C1)

O harmônio não ficou restrito a José e sua família, porém repercutiu em toda a comunidade, tendo em vista que para ela se tornou um importante instrumento de aprendizado musical. Ficaram imagens do pai e do professor tocando harmônio, assim como mais tarde dos filhos, o que teve seus desdobramentos imediatos no ambiente escolar. *[...] a gente ficava lá fora ouvindo e brincando. Eu escutava as filhas da Helma treinarem, eles todos [os filhos] tinham que treinar (C5).* Segunda a colaboradora, o convívio com os filhos de Helma foi decisivo para o seu aprendizado do harmônio. Primeiramente, em consequência da proximidade do pátio da escola com o instrumento que tinha seu lugar na residência, os alunos escutavam os filhos de Helma tocarem harmônio, o que levou a muitos alunos a procurarem aulas particulares de instrumento. Era comum alunos mais velhos que já haviam passado do período escolar oferecido pela Sociedade Escolar Dona Rita, retornarem, especialmente, para estudar o harmônio, com Helma, através de aulas particulares. Ressalta-se que o estudar instrumento dependia apenas do interesse do aluno e do pai em procurar a professora Helma, que solícitamente se dispunha a dar orientações. Através dos depoimentos, verifica-se que essas aulas eram gratuitas. Possivelmente, esse trabalho docente era retribuído pelos pais dos alunos com produtos cultivados na própria colônia, hábito entre os membros da comunidade.

As aulas de harmônio eram individuais e aconteciam na sala do harmônio, ao lado da cozinha, na residência de Helma. As lições no instrumento eram passadas para o aluno, em meio aos afazeres domésticos de Helma, que entre

lidas na cozinha como preparar o café, arrumar a casa, encaminhar o almoço, dava ao aluno as orientações necessárias.

[...] Ela ficava na cozinha e eu estudando. Quando tinha algo errado ela chamava. [...] Ela só sentava do meu lado na hora de mostrar [a lição], depois ia embora. [...] Ela me ensinava postura, as notas, os tempos, cheguei a tocar umas músicas bem bonitas. (C5)

A professora adotava um método de harmônio, com o qual o aluno deveria seguir em seqüência todas as lições sugeridas pelo autor. Não havia um tempo determinado para a duração da aula, nem mesmo para a duração do aprendizado. Helma auxiliava os alunos por um determinado período, sendo que alguns alunos relatam que chegaram a freqüentar aulas da professora em torno de dois ou três anos. No entanto, outros alunos relatam que por sugestão de Helma, devido ao desempenho e destreza frente aos conhecimentos do instrumento, foram encaminhados para completar sua formação instrumental, em colégios de religiosos.

Kreutz (2004) faz referência ao conhecimento musical que o professor paroquial deveria apresentar, de modo a poder desempenhar suas atividades na colônia. Assim, é possível estabelecer relações com o trabalho desenvolvido por Helma no que se refere ao nível instrumental exigido dos alunos pela professora.

[...] Na prática do harmônio foram treinados ao ponto de poderem acompanhar o canto da comunidade, alguns hinos mais conhecidos para o coral e missas simples. [...] A formação teórica foi ministrada em vista da aplicação prática. (KREUTZ, 2004, p.177)

Ao encontro do descrito por Kreutz (2004), C2, ex-aluna de Helma, relata que, após os estudos de harmônio, fora convidada para acompanhar o coro de uma comunidade vizinha.

[...] quando eu tinha 15 anos, teve uma festa na comunidade de São Luiz e o coral [desta comunidade] estava ensaiando e não tinha ninguém para tocar harmônio. [...] Eles me pediram: Tu não ia tocar para nós? Eu era muito pequena, eu quase não cresci, eu quase não alcançava os pedais lá em baixo, o banco era muito alto. Eu estava indecisa e meu pai disse: vai lá e [experimental], se tu souberes tocar, toca. [...] No fim, todos se

admiraram eu tocando harmônio, a muito tempo não viam alguém tocando harmônio. (C2)

Quanto aos livros utilizados no aprendizado do instrumento, a partir dos depoimentos evidenciam-se dois métodos de harmônio trabalhados por Helma. O *Harmonium-Schule*, de *Heinrich Bungart* (Figura 8), originalmente trazido da Alemanha, contendo todas as instruções na língua alemã, e o “Método de Harmônio” (Figura 9) organizado pelo padre João Batista Lehmann, no ano de 1948, com o incentivo de uma instituição católica de Juiz de Fora, MG.

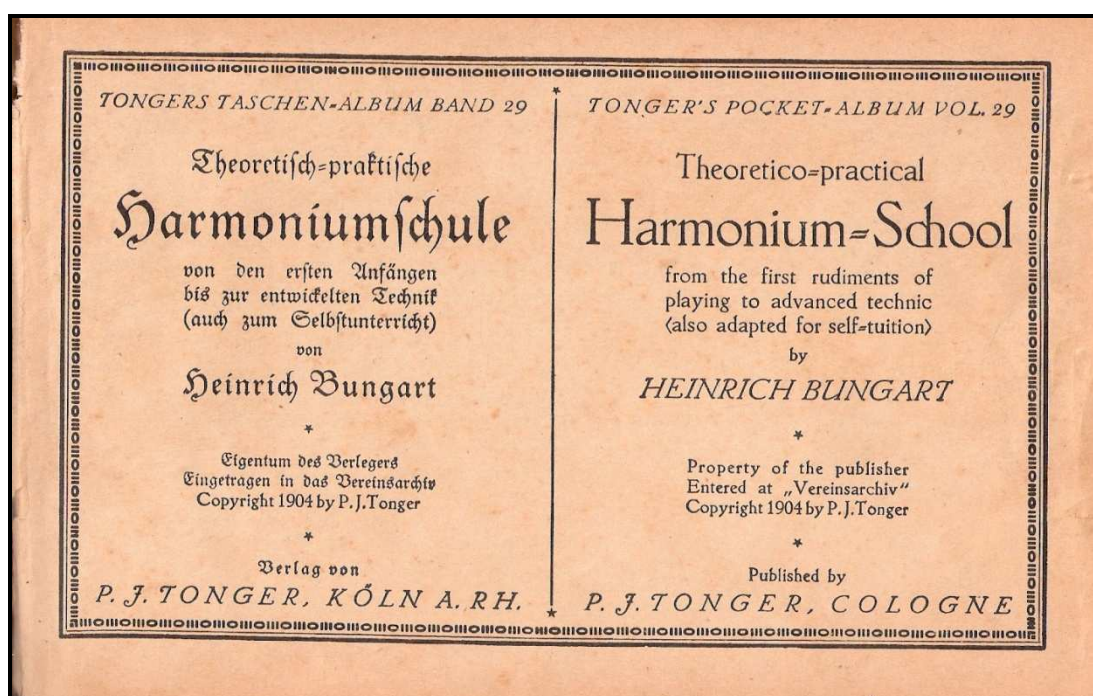


Figura 8 – Método e harmônio utilizado por Helma Bersch

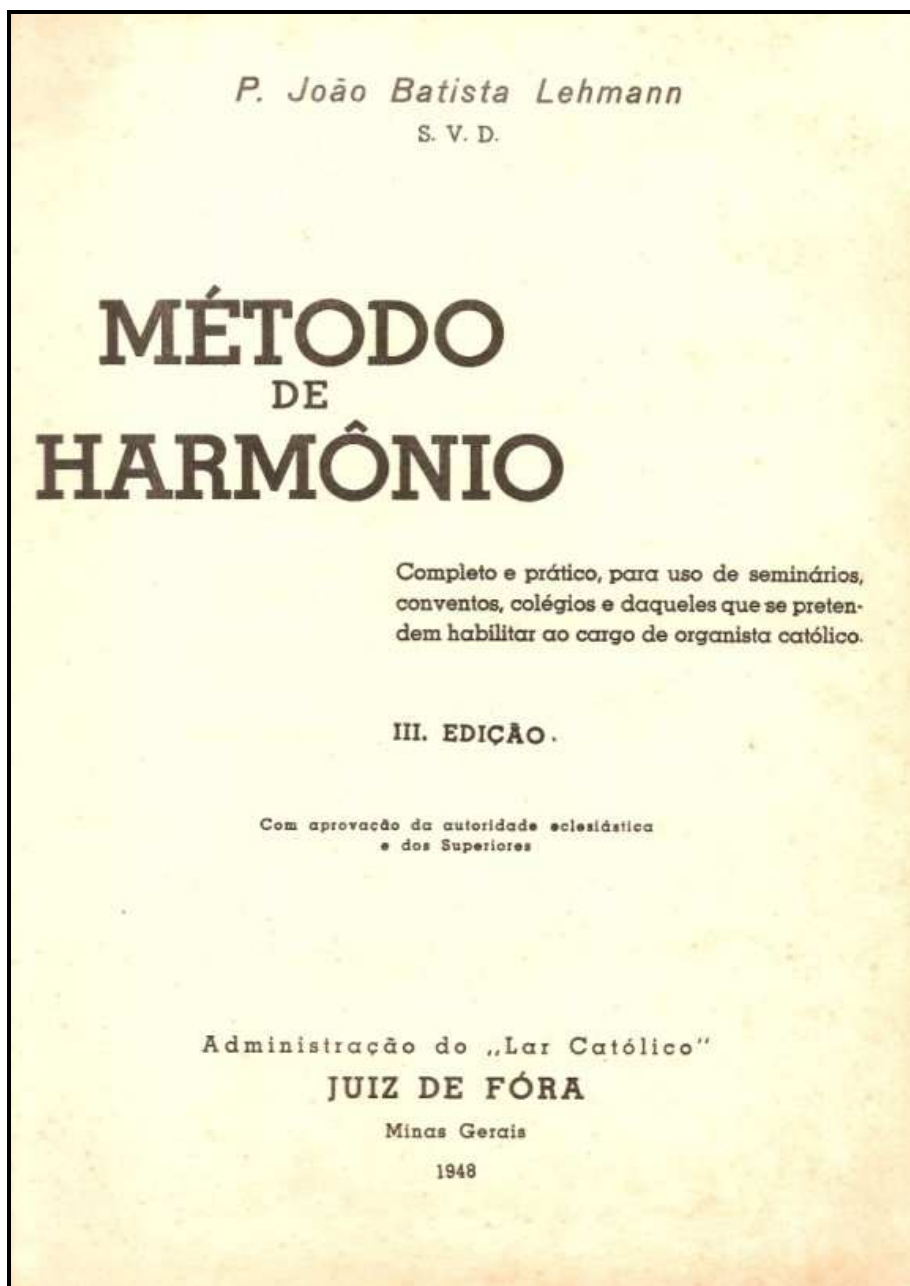


Figura 9 - Método de harmônio

O método do Pe. João Lehmann, com 161 páginas, era considerado completo para os padrões seguidos pela Igreja Católica, com a finalidade de formar um organista apto para acompanhar músicas sacras nas celebrações religiosas. O método apresenta orientações em português e contém desde instruções sobre a técnica do harmônio, uso de registros, teoria musical, exercícios de técnica, escalas, estudos mais aprofundados, tais como, de M.

Clementi, Mendelssohn, Mozart, árias de Händel, estudos e teoria do canto gregoriano, até missas completas. Cabe ressaltar que, possivelmente, Helma tenha trazido do colégio de Irmãs Franciscanas o modelo de ensino utilizado, bem como os métodos de instrumento, que foram vivenciados na instituição.

Existia ainda uma grande dificuldade quanto ao horário das aulas. Para que se tornassem possíveis, havia uma negociação quanto à disponibilidade da professora e do aluno. Um dos colaboradores relata que iniciou seus estudos de harmônio após terminar o período na escola Dona Rita, quando já estava estudando no Colégio das Irmãs religiosas, na sede de Arroio do Meio. Nesta ocasião, aproveitava a carona de carro oferecida pelo filho de Helma que também lecionava todas as manhãs numa escola na sede de Arroio do Meio. Assim, neste caso, para que o aprendizado de harmônio se tornasse possível, era necessário ter aulas antes do horário escolar, o que acontecia por volta das 6h30 min da manhã.

[...] Eu tive aulas de harmônio quando eu já era maior [...] Eu pegava carona com o Roque [filho de Helma] para ir ao Colégio São Miguel. Aí eu acordava uma hora antes de ir ao colégio [...] eu gostava muito. [...] Eu tinha aula todos os dias, todos os dias eu subia o morro para chegar em sua casa. [...] Ela me ensinava uma lição e quando ela achava que estava bom, me ensinava outra. Não tinha um dia estabelecido para a aula. Ela tinha o livro [Harmônium in Schule], eu não tinha um material meu. Tudo ficava na casa dela. (C5)

A partir do interesse da comunidade, manifestado através do aprendizado do harmônio por muitos filhos de colonos, verifica-se que um dos moradores, ligado ao comércio local, dedicou-se a facilitar a compra de instrumentos para a comunidade em geral. Sempre que houvesse algum interessado em adquirir um instrumento, o comerciante vendia o seu próprio harmônio e em suas possíveis viagens a Porto Alegre aproveitava para passar em Novo Hamburgo, onde se localizava a fábrica destes instrumentos musicais, realizando a compra de um novo harmônio. Segundo C 3, a fábrica de harmônios tinha a seguinte denominação: *J. Edmundo Bohn S/A. Indústria de Órgãos Harmônios. Rua Marques de Souza, 253, Novo Hamburgo. BOHN - Rio Grande do Sul, Brasil.*

[...] Meu pai sempre tinha um harmônio. Vinha alguém que pedia, aí ele comprava outro em Novo Hamburgo. Mas a fabrica trazia, eles vinham lá na rua e descarregavam. Eu me lembro bem, eu já sabia tocar, aí

veio um novo harmônio, o último. Meu pai disse: esse é o oitavo. Eles colocaram [o harmônio] na rua e já começavam a tocar. Todos que estavam ali se alegravam porque tinha música nova. Ai meu pai mostrava como a gente abria o harmônio, como a gente podia consertar quando não dava certo. Isso tudo meu pai me explicou. Hoje meu marido arruma harmônios. Ele limpou tudo, ele troca as madeiras se tem cupim. (C2)

A aquisição destes instrumentos tornou-se acessível para a comunidade, através do morador, comerciante da comunidade. O aprendizado do harmônio foi determinante para o comércio local e para os hábitos musicais que foram construídos na comunidade.

No entanto, a comunidade sabia que aprender a leitura de notas, seguir um método, era muito importante. Não bastava o aprendizado intuitivo. *Primeiro eu tocava de cor, eu sabia tudo de cor. Mas eu queria saber as notas, se não depois a gente não saberia mais tocar (C2).*

[...] O instrumento teve utilização marcante na comunidade, utilizado que foi para introduzir na arte musical dezenas de crianças e adolescentes, muitos deles mais tarde professores de piano, regentes de coral ou organistas. (BERSCH, 2006, p.334)

Assim, o instrumento articulou na comunidade funções importantes quanto à educação musical. A residência de Helma passou a ser o centro de formação musical da comunidade, como afirma C2, *[...] eu sempre ia à casa do professor José e da Helma por causa da música.*

Cabe ressaltar que na primeira metade do século XX, através do *Lenrzeitng*, houve um apelo significativo por parte da Igreja Católica, em promover ensinamentos musicais entre os professores paroquiais, com objetivos prioritariamente litúrgicos, utilizando o harmônio. “[...] O professor paroquial deverá ser um bom regente de canto e organista”. (LZ, 1916, p.33 apud KREUTZ, 2004, p.176).

[...] no culto o professor ajudará a edificar a comunidade como organista, especialmente ao treinar as crianças da escola com os cantos para as festas solenes e outras ocasiões, embelezando o culto. (LZ, 1929, p.5 apud KREUTZ, 2004, p.176)

Desta forma, diferenciando-se do que vinha sendo veiculado na mesma época entre as escolas de formação evangélica luterana, em especial através do

Evangelisches Lehrerseminar, em que o violino foi presença marcante, entre os professores paroquiais católicos, em especial, professores católicos formados pelas instituições de colégios de religiosos de Vale do Taquari, prevaleceu o ensino do harmônio.

[...] nós não tínhamos violino na igreja, os luteranos tinham violinos nas suas igrejas, para nós era o harmônio. [...] eu acho que ele é muito mais rico em potencial para educar [...] o harmônio preenche mais que o violino, principalmente na igreja, uma pessoa tocando harmônio, faz mais harmonia do que o violino. (C1)

Através do relato de C1, percebe-se um dado curioso no que diz respeito aos instrumentos. O violino, para a comunidade de Dona Rita, representava o brilho das bandinhas da colônia nos dia de festa. Já o harmônio destinava-se às solenidades religiosas.

[...] na colônia tinha gente que tinha violino para tocar música alegre, de bandinha, por exemplo, um dos Dutra. Esse Dutra tinha uma bandinha e um dos instrumentos era o violino. [...] Eles tinham aprendido a tocar o violino para tocar em bandinhas [...] era um instrumento bem conhecido entre as bandinhas alegres da colônia. (C1)

C1 acrescenta ainda que em raros momentos, integrantes das bandinhas da colônia também participavam de pequenas orquestras organizadas para abrilhantar grandes festas religiosas da comunidade.

[...] em dia de grandes festas o regente do coral masculino Santa Cecília, Claudio Kerbes, tinha uma pequena orquestra [...] tinha na cidade dois violinistas que neste dia participavam da orquestra para acompanhar a missa. [...] O Claudio Kerbes era católico, mas os dois violinistas eram evangélicos. (C1)

Helma Bersch, ao lado do seu marido, buscou comprometer-se intensamente ao que lhe cabia como de professora de harmônio, promovendo na comunidade de Dona Rita o apreço pelo aprendizado do instrumento musical. A partir de práticas musicais edificadas sobre o harmônio, novas definições foram postas, determinando aspectos escolares, comerciais e comunitários.

3.3 Sobre a música no ambiente escolar: a hora do canto

A partir do ano de 1932, após a conclusão da residência, Helma e José empenhados e comprometidos com a tarefa que lhes fora conferida, viam a escola prosperar. Para José ficou reservado o prédio da escola, logo ao lado da residência da família, que dentro de um espaço único, com dimensões de 8m X 6m, reunia alunos de diferentes faixas etárias, incluindo da primeira à quarta série primária. Tendo em vista que José era muito envolvido com atividades junto à comunidade, toda vez que era solicitada sua presença em algum evento, Helma o substituíria nas suas atividades docentes, o que causava grande satisfação nos alunos, devido às atividades especiais que a professora promovia, dentre elas, a mais esperada, a “hora do canto”. [...] *Os alunos unanimemente falavam que era a maior alegria quando eles chegavam lá em cima [próximo à escola] e viam o cavalo encilhado (C1)*, o que era indício de que o professor José não passaria o dia na escola e a professora Helma assumiria a aula do dia e com ela a “hora do canto”.

Diferentemente da residência da família, onde se encontrava o harmônio, no espaço escolar não havia instrumentos musicais, sendo que Helma, nesta aula trabalhava o canto sem nenhum acompanhamento, o qual era praticamente só cantado em alemão. Portanto, num primeiro momento, as aulas de canto aconteciam nos períodos de ausência do professor José. Possivelmente, devido ao alto grau de satisfação dos alunos e principalmente dos pais, gradativamente, a presença de Helma, e com ela a música na escola, foi-se intensificando. É importante ressaltar que a música na colônia alemã, representava o vínculo com a cultura trazida da Alemanha, sendo que era essencial promover sua presença no espaço escolar, como forma de garantir que os filhos dos colonos mantivessem o espírito da cultura alemã. Segundo Garbosa (2003),

[...] O reinício da vida do teuto, em terras brasileiras, foi orientado por um modelo idealizado, baseado, naturalmente, nas expectativas européias, no retrato alemão, contrastado fortemente com a realidade que se apresentava. O mundo idealizado precisava ser mantido e continuamente fortalecido, contribuindo, para isso, a manutenção dos valores e sentimentos trazidos da Europa. A música, em particular a

canção na língua materna, desempenhou um papel de grande importância na concretização dos sonhos e na manutenção das tradições germânicas, espelhando a saudade e a nostalgia dos primeiros imigrantes, reunindo e irmanando os descendentes e contribuindo para a construção da identidade teuto-brasileira. (GARBOSA, 2003, p.33)

Apoiada pela tradição, a música começou a ganhar cada vez mais espaço no ambiente escolar, de forma que se estabeleceu um dia por semana para as aulas de canto que, segundo relatos, inicialmente era chamado de “hora do canto”. Para tal atividade, não havia um dia específico da semana, mas acontecia conforme a organização dos dois professores. Desta forma, aos poucos, a prática musical na escola foi se intensificando e, principalmente, representando uma forma de incorporar “[...] elementos da cultura da nova terra num paralelo ao processo assimilatório que vinha ocorrendo com os imigrantes e seus descendentes” (GARBOSA, 2003, p.34).

Cabe ressaltar que neste período a língua que vigorava entre as famílias da colônia era o alemão. À medida que a campanha de nacionalização foi se intensificando, coube à escola Dona Rita introduzir os alunos na língua portuguesa. Segundo C1, [...] *a gente só falava português na escola.*

[...] eu tinha amigos na cidade. Com eles eu falava em português, mas no ambiente de colônia, não se falava o português. [...] nossa comunicação era toda em alemão, dentro da nossa casa também era só alemão. [...] tinha a oração da noite, era uma dúzia de pequenas orações, bonitas por sinal, todas...todas...rezadas no alemão. [...] mas o terço¹⁹ era em português. (C1)

Ressalta-se que a canção entoada na comunidade de Dona Rita até então era proveniente, essencialmente, do folclore alemão, ao contrário do repertório que Helma aos poucos, vinha promovendo em seu ambiente escolar. Portanto, o trabalho desenvolvido pela professora até o final da década de 1930, principalmente no que diz respeito à música, alicerçava-se a partir de canções folclóricas em português e hinos pátrios do Brasil (Figura 10). Possivelmente o trabalho com canções em português muito antes das exigências oriundas da campanha de nacionalização do ensino se deve ao fato de que nos colégios de irmãs religiosas já circulavam uma significativa quantidade de materiais nacionais referentes à música. Outro elemento que influenciou na presença de canções

¹⁹ Reza que representa parte do Rosário.

brasileiras no ambiente escolar foi o fato de o professor José participar freqüentemente de encontros de formação docentes promovidos pela associação de professores católicos. Tais eventos lhe davam acesso a materiais em português que vinham sendo publicados com o objetivo de dar suporte ao professor que atuava junto às colônias de imigrantes, introduzindo a língua portuguesa no cotidiano escolar. Estas associações foram importantes para o fomento da produção e divulgação de materiais didáticos em português.



Figura 10 - Manuscritos de Helma Bersch

Anos mais tarde, no período de nacionalização do ensino, nas décadas de 1930 e 1940, Helma intensificou, no ambiente escolar o trabalho com canções do folclore brasileiro, tais como “Nesta rua mora um anjo”, “Mulher Rendeira”. [...] eu me lembro de estar lá no matinho dos Phul (Figura 11) ensaiando com a professora Helma, aquela canção Escravos de Jô (C3). Em paralelo, a professora trabalhava com canções do folclore alemão, com letras traduzidas para o português, incluindo: *Avegloeklein*, que passou a ser cantada em português, “O

sino das Ave-Marias”. Segundo C1, nos seminários e colégios de freiras, sempre havia um padre ou irmã religiosa que se dedicava a fazer traduções ou criar letras novas para canções em alemão.



Figura 11 - Apresentação da professora Helma com seus alunos

Havia professores que atuavam junto à Associação dos Professores Católicos, dedicando-se a realizar traduções de canções alemãs para o português. Através de publicações artesanais, divulgavam e promoviam estes materiais entre professores paroquiais, seminários e juvenatos católicos. [...] *Meus irmãos mais velhos [estudantes em seminário de formação católica], por volta da década de 1930, já cantavam em português, melodias de canções alemãs* (C1). Neste sentido, podemos perceber o reflexo da nacionalização de ensino, nas aulas de música de Helma, o que possivelmente ocorreu em vários núcleos coloniais. Assim, se por um lado, eram mantidas as tradições germânicas com o canto das melodias da terra natal, por outro lado as instituições passaram a atender as exigências do movimento de nacionalização.

[...] Na escola, cantávamos alguns cantos em alemão, mas a maioria era em português. Naquela época tinha que ser em português, porque eram contra o alemão. Mais tarde começamos a cantar novamente em alemão. (C2)

Mesmo com a proibição da língua alemã nas escolas, geralmente a professora Helma, ao trazer uma canção em português, fazia a tradução da letra para o alemão, no processo inverso. Acreditava que os alunos, ao tomarem conhecimento do conteúdo da canção, decoraríamos mais facilmente a letra e aprendiam o português.

Neste período, segundo relato de colaboradores, muitas das canções que Helma utilizou na escola eram melodias cantadas em seminários e colégios de formação religiosa, trazidas por seus filhos em partituras, livros ou cancionários. Ao introduzir uma canção nova, muitas vezes Helma se referia desta forma aos alunos, *[...] Das lied hat Pe. Ivo mür geschikt²⁰* (C3).

Em muitos momentos, Helma desenvolveu seu trabalho visando a participação dos alunos em algumas apresentações em datas especiais da escola. Nestas datas, a comunidade tinha a oportunidade de apreciar e acompanhar o trabalho da professora e dos alunos. Dentre as principais datas comemorativas, destaca-se o dia do exame oral. Nesta ocasião, o professor expunha seus alunos diante de autoridades como o padre, o prefeito e os pais, demonstrando-lhes os conteúdos trabalhados e aprendidos no decorrer do ano letivo. Ao final deste exame, a escola Dona Rita orgulhava-se pelas belas apresentações de canto que a professora Helma Bersch conduzia com seus alunos. Nos arquivos da escola, encontram-se atas redigidas por fiscais de ensino, contendo registros referentes a satisfação dos mesmos com as apresentações artísticas acrescidas à este momento de exame oral.

[...] Encerrando-se os trabalhos, foram ainda entoados vários hinos brasileiros. A comissão examinadora, otimamente impressionada, resolveu lançar no fim desta ata um elogio bem merecido ao abnegado e esforçado professor. (Ata de exames, 10 de dezembro de 1943)

Através do registro da ata, percebe-se o esforço do professor no desempenho de suas atividades, garantindo o sucesso dos alunos nestes exames, além de introduzir hinos pátrios no trabalho escolar.

²⁰ Este canto o padre Ivo me enviou e eu estudei a partitura.

[...] A banca examinadora não pode deixar de consignar um voto de louvor ao esforçado professor, que não se limitou a ensinar os pontos do programa mínimo, indo muito além. Os examinadores apresentam assim os parabéns aos habitantes da localidade por possuir uma aula tão bem orientada e instruída, merecendo o apoio de todos os homens de boa vontade. Causaram boa impressão os belos cânticos cantados pelos alunos durante o exame. (Ata de exame final, 29 de novembro de 1954)

Cabe ressaltar que no registro das atas não é feita menção quanto à presença da professora Helma, mas sim, ficam registrados os elogios ao trabalho, como se o professor José fosse o único docente da instituição, responsável pelas atividades artísticas. Evidencia-se aqui o problema, relacionado ao documento escrito, no sentido de registro em relação às atividades realizadas pela professora Helma na escola, oficialmente renegadas pela história.

Ao longo dos anos, os momentos da aula de música sofreram variações. Predominantemente, segundo os colaboradores, estas aulas passaram a acontecer aos sábados, pela manhã, devido à obrigatoriedade do preenchimento do calendário escolar,

[...] teve um longo período [...] que a música ficava aos sábados de manhã. Havia muitos alunos [...] Então reuníamos todos [alunos] nos sábados de manhã, então a gente optava por algumas atividades coletivas como religião, uma aula de contar histórias, aula sobre higiene, troca de livros na biblioteca, canto e educação física. A última parte era educação física e alguns limpavam o pátio, não tinha banheiro aí alguns tinham que limpar a “capunga”²¹ e depois jogos. (C1)

A busca pela qualidade musical era uma característica presente no trabalho da professora Helma, que primava pela perfeição dos detalhes musicais. A aula de música seguia a forma de uma prática de coro. Todos os alunos ficavam em pé na sala, em posição de coro, sendo que cada aluno tinha um local definido neste grupo. Os ensaios eram marcados pelo rigor e pela disciplina. O ensino do canto ocorria por meio da repetição e imitação do modelo da professora.

[...] ela usava uma régua para reger. Fazia o movimento das notas quando subiam e quando desciam. Eu lembro do Hino Nacional, ela subia e descia, conforme a melodia.[...]

²¹ Banheiro rústico de madeira, geralmente improvisado e distante da residência.

Ela era muito rigorosa. Na hora do canto ela colocava todo mundo de pé, lá na frente, aí ela passava e grudava o ouvido. Se desafinava ela mandava o aluno corrigir e se ele não conseguia ela mandava ficar quieto, pois ela queria tudo muito bonitinho [...]

Ela sabia como tinham que ficar os cantos. Ela entendia de música, de canto. Então nós tínhamos que cantar certo, não podia gritar... (C5)

Os cantos eram interpretados em uníssono porém, alguns entrevistados relatam que em certos momentos Helma costumava acompanhar o coro com uma “segunda voz”. Assim, o trabalho poderia ser feito com melodias diferentes ou em paralelo, sendo que os alunos não faziam a duas vozes uma canção, mas [...] *ela sozinha sim, fazia uma outra voz (C5)*. Possivelmente Helma acrescentava ao tema cantado pelos alunos uma nova linha melódica, estruturada a partir de uma terça superior ou inferior, atividade esta que possibilitava aos alunos o desenvolvimento do senso harmônico básico. Ressaltamos que, através dos relatos dos colaboradores, evidencia-se no trabalho o desenvolvimento de habilidades de percepção auditiva.

[...] então hoje, se os alunos cantam certo, afinado, isso eu percebo. Quando um coral está afinado ou não, eu percebo [...]

[...] aprendíamos cantando [...] ela nunca ensinou o dó, ré, mi... só a letra e aprendíamos cantando. [...] Ela passava bem pertinho da gente, com o ouvido dela enquanto que nós cantávamos. (C4)

Neste sentido, é pertinente ressaltar que a prática do canto engloba em uma única canção, vários elementos básicos presentes no ensino da música.

[...] A prática do canto congrega, em um único processo, distintos elementos musicais, de modo a conjugar melodia, ritmo, harmonia, sentido textual e movimento, o que contribui para um aprendizado múltiplo no campo da música. Da mesma forma, o canto constitui-se numa atividade voltada à apropriação de modelos, envolvendo não somente a voz, mas o corpo e a mente, dependendo diretamente do contexto no qual se insere das referências imitadas e das orientações docentes. (GARBOSA, 2003, p.36)

Desta forma, a professora Helma, por meio da canção permitiu que seus alunos se apropriassem de modelos e conhecimentos específicos da música, preenchendo importantes funções, consideradas essenciais à educação musical.

Como a escola não dispunha de instrumentos musicais, Helma ficava limitada a interpretar os cantos à capela. As letras das canções eram escritas no quadro negro, a participação do qual os alunos copiavam para o seu caderno de canto. Todo aluno da escola Dona Rita tinha seu caderno de canto, sendo que muitos deles continuaram usando esse caderno como arquivo de canções, mesmo após sair da instituição (Figura 12).

[...] nós copiávamos os cantos, mas depois para cantar era tudo de cor. Eram muitos cantos, sempre cantos novos, ela tinha muitos cantos novos. Ela cantava e nós tínhamos que repetir, repetir, até que dava certo. Uma vez ela me disse: “agora tu pára um pouco e deixa os outros cantarem. “ Eu me lembro só de uma vez que ela me disse pára um pouco e agora escuta. Ela me repreendeu, dizendo, “ta errado”. Agora eu sei como se canta certo. Ela dizia: “Lá naquele canto alguém cantou errado, era “Gekrummels”²², ela dizia. (C7)

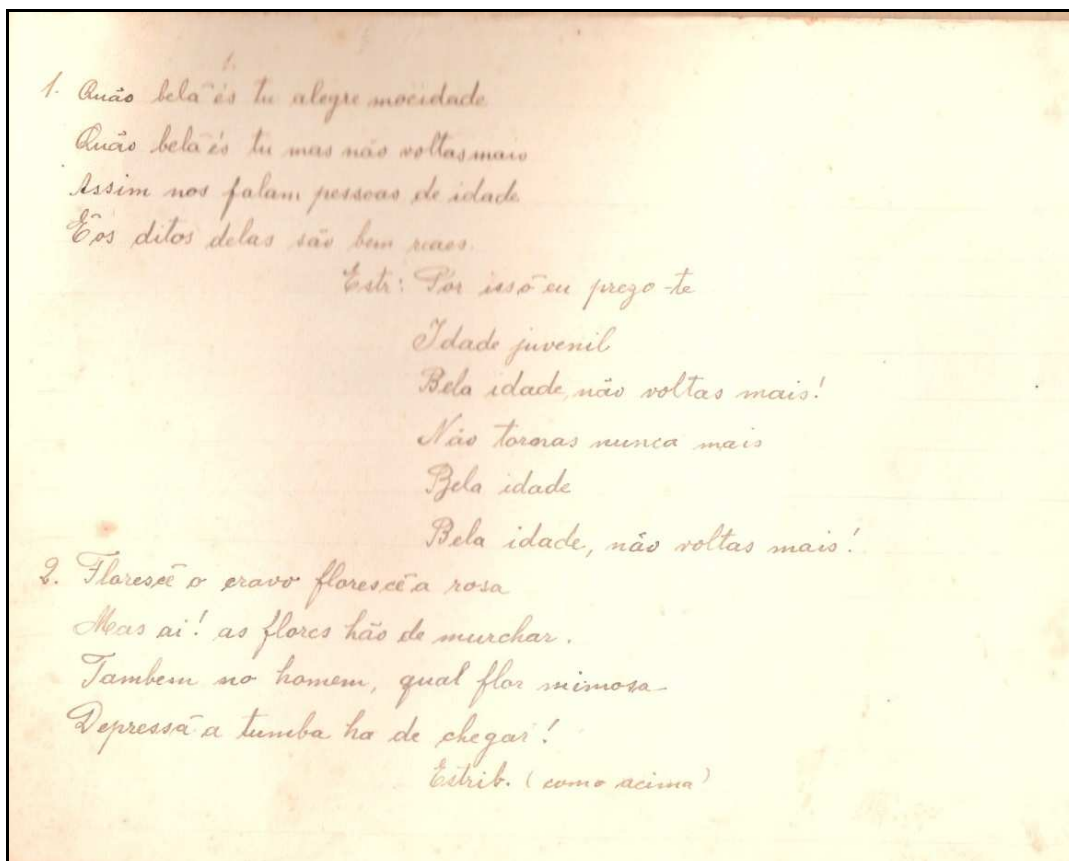


Figura 12 - Caderneta de Helma Bersch

²² Segundo o C1, *Gekrummels* era uma expressão usada por Helma para definir a desafinação do coro.

Assim, a expressão em alemão utilizada por Helma, para definir a falta de afinação no coro, *Gekrummels*, [...] *tinha o significado de murmúrio sem nexo, uma sonoridade dissonante, a falta de qualquer sonância harmônica* (C1). Segundo o C5 a professora Helma reforçava, [...] *canto é canto, se a gente tem que apresentar é canto e não Gekrummels. Eu não posso apresentar qualquer Gekrummels.*

Ainda conforme C1, a professora Helma tinha consciência de suas limitações quanto ao tempo disponível para as atividades docentes. Neste sentido, sabia que [...] *para as crianças passarem a cantar bem, precisariam de um tempo muito grande de ensaio.* Desta forma, em alguns momentos, os alunos foram selecionados para a realização das apresentações. Nestes casos, o ensaio se dava fora da sala de aula, em horários extra classe.

[...] às vezes nós tínhamos ensaio em domingos de tarde e o pessoal ia. Na época tinha muito mais padres do que hoje. Aconteciam as celebrações no matinho dos Phul (Figura 13). Ensaivamos para essas celebrações e tinha que ficar tudo perfeito. [...] Havia um respeito muito grande, ninguém se arriscaria a faltar. Nos ensaios, às vezes, a gente cansava, porque eram compridos. [...] A aula durava em torno de uma hora, mas em domingos à tarde eu me lembro de ter passado a tarde ensaiando. Claro, a gente brincava e a professora dava intervalo. Esses ensaios em domingos à tarde não eram muito freqüentes, só aconteciam quando tinha algum evento especial. (C5)



Figura 13 - Apresentação no matinho dos Phul

Evidencia-se no trabalho de Helma que apesar de ter havido momentos em que os alunos foram selecionados para as apresentações fora da comunidade, a integração de todos na aula de canto era primordial. Apesar da busca pelo rigor no resultado, nenhum aluno era excluído da aula e das apresentações na comunidade, no caso de demonstrarem alguma dificuldade no canto. [...] *na escola, ela [Helma] sempre cantou com todos os alunos* (C1). Primava-se pela qualidade musical, mas acima de tudo, primava-se pela participação de todos os alunos.

Como a escola era responsável pela dinâmica dos eventos e festas comunitárias, cabia aos alunos abrihantar estes momentos, através da participação do coro. Nessas ocasiões, as aulas de canto se intensificavam, o que ocorria à medida em que a professora achava necessário.

Por se tratar de uma comunidade religiosa, aconteciam inúmeras festividades relacionadas a ordenações sacerdotais, primeira missa, jubileu sacerdotal, e nestas ocasiões o coral se apresentava. As apresentações, no entanto, não se limitavam aos eventos da comunidade, sendo comuns a participação do coral nos eventos em outras comunidades e municípios. Nestas ocasiões, em locais fora da comunidade de Dona Rita, os alunos eram selecionados para cantar no coral, no intuito de obter melhores resultados.

Anos mais tarde, em companhia do seu filho que retornava dos estudos seminarísticos, Helma passou a receber auxílio nas tarefas escolares. Era comum para a época, pessoas que freqüentavam colégios de formação religiosa retornarem às suas comunidades exercendo a profissão de docente. Com a ajuda do filho, as aulas de canto passaram a ter o acompanhamento de instrumentos musicais, ao invés de apenas o exercício à capela. O instrumento predileto era o acordeão em função da sua semelhança com o harmônio. Em raras vezes o violão era utilizado, para C1, o instrumento harmônico auxiliava na compreensão da melodia, facilitando o aprendizado das canções.

Cabe ressaltar que o uso do acordeão no acompanhamento das canções ficava restrito a alguns momentos, pois devido a maior sonoridade e densidade

que promovia nas músicas, não era adequado em todos os momentos e celebrações. Possivelmente, espelhada nos modelos tradicionais da prática de corais sacros, que, predominantemente, eram desenvolvidos nos colégios de religiosos, Helma considerava que não convinha a utilização do instrumento em apresentações formais, como por exemplo, dia dos pais, exames de final de ano, missas, entre outras.

[...] eu acompanhava com gaita²³ [...] dava mais expansão à música, mas nada disso se fazia em um dia de apresentação, no dia dos pais, avós, primeira missa [...] Aí nesses dias era uma manifestação artística que exigia mais disciplina. (C1)

C1 menciona ainda que uma das características presentes nas atividades relacionadas à música era a disciplina presente na prática do canto no ambiente escolar.

[...] e a escola [se mantinha] muito preocupada com o conteúdo e no aspecto educacional, tudo aquilo que disciplinava para a aquisição rápida de conteúdos. Até porque os exames orais tinham que demonstrar conteúdo, não havia na época ainda exames escritos. [...] os nossos alunos em junho e julho, já podiam passar de ano, claro que não todos. Mas os exames orais expunham a gente ao prefeito, aos pais [...] nós, professores, vibrávamos com as demonstrações de conteúdos que os alunos produziam. [...] A música tinha um trabalho disciplinador. A música foi até a década de 1960 uma atividade fortemente disciplinadora. As crianças, para poderem cantar, precisavam estar em ordem, disciplina, em silêncio. Sem isso nada funcionaria. (C 1)

Neste sentido, através do relato, verifica-se que a música exerceu diferentes papéis e funções dentro da escola, sendo que a disciplina requerida para o trabalho musical desenvolvido através do coro, serviu de aliada para a aquisição dos conhecimentos também de outras áreas. Conforme Garbosa (2003),

[...] A canção escolar orientou ações e, através de temas recorrentes, estabeleceu normas de controle social, caracterizando-se como um guia para a vida em comunidade. Amparada pela tradição e marcada por uma organização referente ao processo de transmissão de conhecimentos, a música, na vida institucional, assinalou uma educação musical sistemática. (GARBOSA, 2003, p.34)

É importante ressaltar que na década de 1960, a escola Dona Rita participou de um grande evento que a deixou conhecida em todo o Vale do Taquari por seu desempenho musical. Na época, a rádio do município de

²³ Acordeão.

Venâncio Aires tinha um programa que divulgava os trabalhos musicais desenvolvidos nas escolas do Vale do Taquari, promovendo um concurso no qual a escola Dona Rita tirou o primeiro lugar. Para este evento, a professora Helma selecionou um grupo de alunos para participar e solicitou a ajuda de seu filho para acompanhar o grupo com o acordeão. Este acontecimento, com repercussão em todo o Vale do Taquari, ficou registrado na memória de muitos moradores da comunidade de Dona Rita, conferindo grande destaque ao trabalho de música desenvolvido por Helma Bersch.

A hora do canto, alicerçada sobre a valorização da tradição da cultura alemã, aliada à concepção religiosa, exerceu importantes funções para a educação musical do contexto em questão. A música influenciou na vida escolar e na vida de todos os moradores da comunidade.

3.4 Da residência aos registros: livros, cancionários e cadernetas

Helma Bersch é herdeira das tradições alemãs nas quais a canção é uma manifestação que traduz os preceitos religiosos, hábitos e costumes da vida da colônia. A música está presente a qualquer hora do dia e em todos os momentos da vida do teuto-brasileiro, “[...] saudade, dor, alegria, solidão [...] tudo tinha resposta no vasto repertório cancionário” (FLORES apud FISCHER e GERTZ 1998, p.89). A canção era a companheira de todas as horas, proporcionava alento nos momentos de nostalgia, atravessava o oceano e trazia para a nova pátria um pedacinho do que havia ficado em terras alemãs. Cantavam a saudade dos amores, dos amigos, das histórias de guerra, as dificuldades vividas na terra tão distante. Buscavam na canção energia para enfrentar as muitas dificuldades encontradas na vida precária da colônia, assim como agradeciam a Deus pelas conquistas alcançadas. Naqueles tempos difíceis, para a professora Helma eram muitos os desafios a serem enfrentados.

[...] a mãe que praticamente sustentava a barra toda, eu me lembro do pai [José] como uma pessoa bastante problematizada pela saúde. [...] ele tinha problemas de dores terríveis no estômago, a coisa não estava fácil, tanto que passou por uma cirurgia de úlcera. (C1)

Em meio à doença do marido, Helma dividia-se nas muitas tarefas que lhe eram atribuídas. Em 1936, a pedido da comunidade, não havendo mais espaço na escola, Helma abre as portas da sua sala de jantar, a fim de receber sua primeira turma para freqüentar o curso de admissão ao ginásio, referente ao 5º e 6º ano do ensino fundamental. A maioria dos alunos era egressa do ensino obrigatório, oferecido pelo professor José.

*[...] Antes de começar a aula, já tinha tirado o leite das vacas, já tinha oferecido café da manhã para todos nós [filhos].
[...] quando vinham os alunos ela começava o trabalho de limpar a casa, arrumar as camas, nós não tínhamos o hábito de arrumar as nossas camas, ela arejava e limpava a casa toda, quando havia roupa para lavar urgente ela lavava, também cozinhava. [...] e estava dando aula. [...] da cozinha controlava a gurizada [alunos] entre doze e vinte, raramente mais que vinte e dificilmente menos que doze.
(C1)*

As atividades docentes aconteciam na parte da manhã, sendo que no decorrer do dia, muitas outras tarefas do lar eram agregadas e realizadas pela professora Helma. Algumas atividades domésticas aconteciam, inclusive com dias específicos.

[...] Segunda feira à tarde ela pegava um balaião de roupas, da semana anterior para lavar lá em baixo no arroio, uns duzentos e cinqüenta metros de ladeira abaixo e lavava a roupa. Ela levava junto uma lata, de 22 litros, pois tinham as roupas que precisavam ser ferveridas, precisa ferver para limpar bem. Levava junto, lenha, palhas e fósforos, algum de nós [filhos] normalmente a acompanhava. Éramos crianças e passávamos até a noite lavando roupa. Depois subia molhada, morro acima para estendê-las. (C1)

Nos demais dias da semana, além da lida doméstica, ela se dividia entre os afazeres da horta e do curral. Era tarefa de Helma também cuidar da horta, tirar leite das vacas, ajudar o marido com o serviço da lavoura e curral.

[...] Ela também cuidava da horta. [...] ajudava o pai, com o serviço de vacas, criavam porcos, galinhas [...] tudo isso que a gente tinha. Eu não sei como as pessoas tinham energia para uma rotina diária dessas. (C1)

Assim como as demais famílias da comunidade, a residência de Helma seguia os mesmos modelos agrícolas da colônia alemã, na qual a economia baseava-se na atividade familiar de produção e de consumo. Segundo Petter (2007, p.7) cada família possuía uma pequena propriedade, onde na maioria das vezes se cultivava milho, feijão, aipim, batata, frutas, verduras e hortaliças. Geralmente criavam ainda porcos, gado, galinhas, ovelhas e gansos. Mesmo em

meio a todas as atividades de docência, do lar, da criação e da lavoura, Helma era uma mulher que mantinha a música como sua companheira.

[...] Aí então é a imagem que me fica [...] dentro disso uma mulher que cantava o dia todo, o dia todo não, mas eu estou marcado até hoje, de manhã enquanto nós nos arrumávamos e na mesa do café, ela cantando suas intenções do dia. Eram cantos religiosos, eu a ouço cantando até hoje. Alguns eu praticamente decorei de tanto ouvir ela cantar rotineiramente. Então ela se animava espiritualmente, impressionante como conseguia reunir tanta força. (C1)

A imagem da mulher cantando o dia todo tem reflexos evidentes em sua família e comunidade. Segundo Garbosa (2003) os espaços não formais de ensino, como a família, também se caracterizaram pelo desenvolvimento da educação musical do teuto-brasileiro.

*[...] Esses espaços, mesmo sendo caracterizados como não formais, desempenharam importantes funções da proliferação, na transmissão e na transformação dos cantos e brinquedos infantis trazidos pelo imigrante. A lavoura e os espaços rurais, onde se realizava o *Arbeit*²⁴, eram locais caracterizados pelas canções que acompanhavam o trabalho. Os bares, rodas de amigos e de senhoras constituíam ainda espaços não-formais, nos quais as práticas corais e instrumentais também eram realizadas, contribuindo para uma educação musical comunitária. (GARBOSA, 2003, p.27)*

Helma possibilitava aos filhos um ambiente rico musicalmente. Apesar da precariedade, da ausência de estrutura física, instrumentos musicais, criatividade e energia não faltavam. Primeiro o harmônio, depois a gaitinha de boca, o acordeão e mais tarde o violão. O presente predileto das crianças era a gaitinha de boca, não havia quem não tivesse ganho.

[...] Todos nós brincávamos com a gaitinha de boca. Esse era um presente de Natal que praticamente todo mundo ganhava. Ou do padrinho, ou dos pais, algum momento pedia uma gaitinha de boca. (C1)

O estímulo musical promovido por Helma no seu lar, também espaço de trabalho foi evidente. O gosto e a relação com a música ficaram intimamente ligados aos demais membros da comunidade. Não há quem não se lembre da família Bersch, reunida em roda de canto ao ar livre, nas noites de verão, nas missas festivas ou em grandes festas da comunidade de Dona Rita.

²⁴ Trabalho.

[...] O que eu gostava muito é que quando eles estavam juntos em família, sempre cantavam. Nós ajudávamos, mas eram eles que faziam as vozes, chegavam a fazer quatro vozes. Isso era uma coisa que nós não sabíamos fazer nós cantávamos a uma só voz... Era muito bonito.
(C5)

Neste sentido, segundo Garbosa (2003) a prática musical desenvolvida no âmbito familiar passa a ser o primeiro espaço de formação musical, o qual marcou a vida do teuto-brasileiro.

[...] o seio familiar, com a mãe e o pai desempenhando papéis de modelos a serem imitados, configura-se como o espaço de origem e de consolidação da educação musical, caracterizando o primeiro local de formação dos imigrantes e seus descendentes, cujos membros chegavam a uma execução musical num elevado nível estético [...].
(GARBOSA, 2003, p.28)

O canto cultivado neste ambiente familiar, de maneira informal, estava intimamente ligado à manutenção da cultura alemã, buscando-se o fortalecimento dos laços com a pátria mãe. Desta forma, o canto se caracterizou como meio de identificação entre os colonos, ao mesmo tempo em que promovia a interação social. Assim, cantavam o que haviam trazido em sua bagagem cultural, incluindo desde os cantos folclóricos até cantos religiosos. Na casa de Helma, cantavam e tocavam diferentes gêneros e temas, inclusive cantos de amor se fizeram presentes em seu repertório.

[...] Tem uma canção que eu sei que ela [Helma], gostava muito de tocar, uma música alemã, Schtolzer feizer avarain²⁵. Scholzer feizer é um ducado e este duque construiu um castelo, assim como outros tantos que tem nas margens do Reno. O texto [da música] canta a história do rapaz que se despede da namorada, porque tem que ir para a guerra e promete ser fiel e voltar assim que a guerra terminar. Esta música representa todo o romantismo do rio Reno, só que na letra o namorado não volta, ele morre. Antes de morrer ele pede para o companheiro, colega de farda, mandar um beijo para a namorada que lhe ficou fiel até o fim. A música representa isso muito bem. De repente vem uma cena de guerra e o piano mostra isso muito bem, aí ele cai [o namorado]. (C1)

Além da temática do amor, o cenário escolar também estava presente nas canções escolhidas, nas quais a ida para a escola e a importância do ensino eram motivados pela canção. Helma representava com os alunos canções alemãs com encenações e coreografias (Figura 14).

²⁵ Ducado da região do Reno.



Figura 14 – Monsenhor Jacob Seger e alunos de Helma

[...]Tinha por exemplo uma música com evoluções [...] Era um canto executado com evoluções de coreografia. As crianças formavam um círculo, depois saíam marchando e mais adiante se dividiam em duas filas. O canto é em alemão e o sentido do canto é mais ou menos assim: Vamos lá / o sino já chamou para a escola/ pois é/ nós queremos aprender alguma coisa para ser alguém na vida/ O pai e a mãe dizem: vocês têm que estudar!/[...] A primeira vez eu ajudei a apresentar com a mochila pendurada nas costas, de couro ou de pano mesmo. Todos tinham uma “reguinha” na mão. Ela copiou isso de algum lugar, talvez trouxesse de Estrela [Colégio Santo Antônio]. (C1)

Desta forma, a canção estabeleceu o elo entre as duas nações. A canção traduziu pensamentos, veiculou mensagens, orientou ações, estabelecendo normas e atitudes evidenciadas na cultura alemã, as quais deveriam ser mantidas e incorporadas pelos teuto-brasileiros. Assim, vários temas foram tratados através das canções, incluindo os singelos acalantos acompanhados de um verdadeiro ritual. À noite, quando a família se reunia, o pai se acomodava no banco atrás do fogão a lenha, e entoava uma oração cantada de boa noite, primeiro em alemão, anos mais tarde a mesma canção em português, “Lenta e calma sobre a terra / Desce a noite, fuge a luz / Quero agora despedir-me / Boa noite meu Jesus” (BERSCH, 1983, p.25).

A riqueza e a variedade de canções presentes no cotidiano da residência da professora foram significativas. Helma dedicou-se a registrar e arquivar muitas das melodias com as quais tivera contato, através de manuscritos, em pequenas cadernetas, onde se encontram letras de músicas e partituras guardadas ainda hoje (Figura 14 e 15). Neste arquivo constam canções, muitas em alemão, possivelmente trazidas por familiares da Alemanha. O arquivo inclui ainda canções religiosas que faziam parte do cotidiano nos colégios das irmãs Franciscanas, por onde Helma passou.



Figura 15 - Manuscrito de Helma Bersch

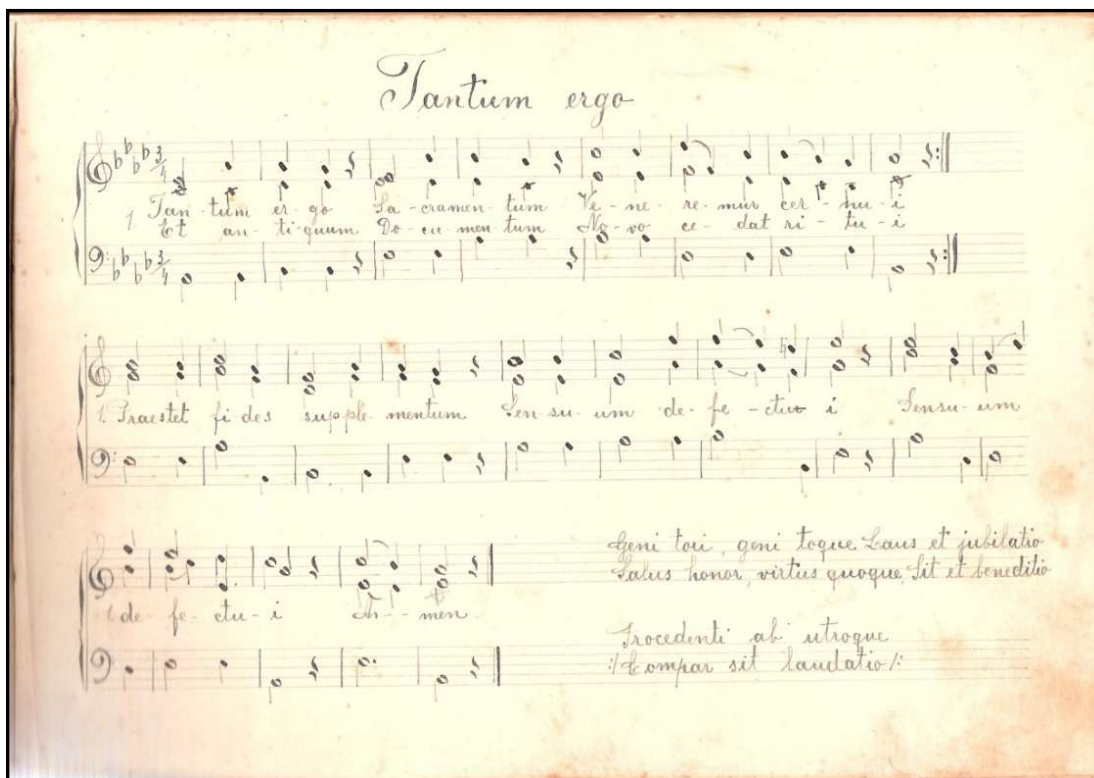


Figura 16 - Manuscrito de Helma Bersch

Helma possuía ainda em sua residência uma grande variedade de outros materiais, incluindo folhetos e inúmeros livros sobre música. Tais materiais permitem perceber a variedade de seu arquivo, confirmando os depoimentos dos colaboradores, os quais relatam a dedicação de Helma à música, incorporando constantemente, os vários espaços, tais como, escola, celebrações religiosas, rodas de amigos, um novo repertório. [...] *na escola de Helma, havia muitos cantos bonitos, quando chegava a “hora do canto” a gente não tinha vontade de sair de lá (C2). [...] eu ia na missa e ficava ouvindo aquelas músicas, eu achava lindo, porque cantos de missa em alemão ela não ensinava na escola, os cantos de escola até eram em alemão, mas diferentes (C5).*

Dentre os inúmeros materiais coletados e arquivados pela professora, cabe mencionar uma obra editada em 1903, “Cantos para as aulas *Liedersammlung*” de autoria do “*Lehrer A. A. Rücker*” (Figura 16). Essa obra se destaca pela preocupação, em época bem anterior ao período de nacionalização, em apresentar canções escritas originalmente em alemão, mas com a tradução para o português na mesma obra.

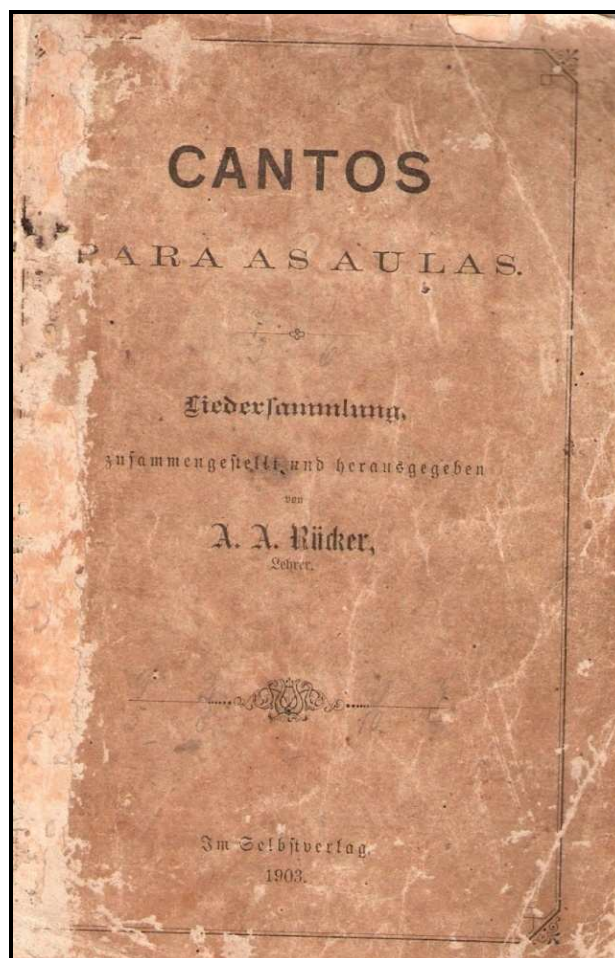


Figura 17 - Cantos para as aulas *Liedersammlung*

Na variedade do material selecionado e guardado pela professora, verificam-se registros de inúmeros elementos que representam não apenas a cultura alemã trazida pelos imigrantes, mas também evidenciam a preocupação em se adaptar à nova pátria. Comprova-se isso pelo cuidado presente nos registros, onde consta vasto repertório de manifestações culturais, históricas, étnicas do contato com diferentes povos que tiveram neste local. Nesses livros, cadernetas e cancioneiros, é possível encontrar canções em italiano, português, do folclore brasileiro e outras que retratam a vida indígena, assim como canções de “se divertir” (C1).

A prática de anotar cantos em cadernetas, desenvolvida por Helma, contagiou seu filhos e alunos [...] *a gente anotava* (C1), anotavam para não cair no esquecimento. Quando havia alguém da própria colônia que cantava uma canção diferente, não comuns nas rodas de canto, a ordem era anotar.

[...] o Otto tinha um gosto e uma expressão para cantar, que nós crianças ficávamos horas e horas ouvindo ele cantar. [...] Ele era a pessoa que sabia cantar cantos divertidos [...] São cantos que ele sabia, não eram cantos religiosos, nem católicos, nem de festejar a pátria, ou a natureza. Eram cantos de se divertir, anedóticos. [...] aí eu anotei, a gente anotava. (C1)

Outros materiais encontrados no arquivo de Helma foram os folhetos. Eram materiais impressos de forma artesanal (Figura 18), datilografados, com canções de cunho religioso os quais tinham como objetivo difundir preceitos da religião católica. Estes materiais eram produzidos dentro de instituições de congregações religiosas, que foram frequentadas pelos filhos de Helma.

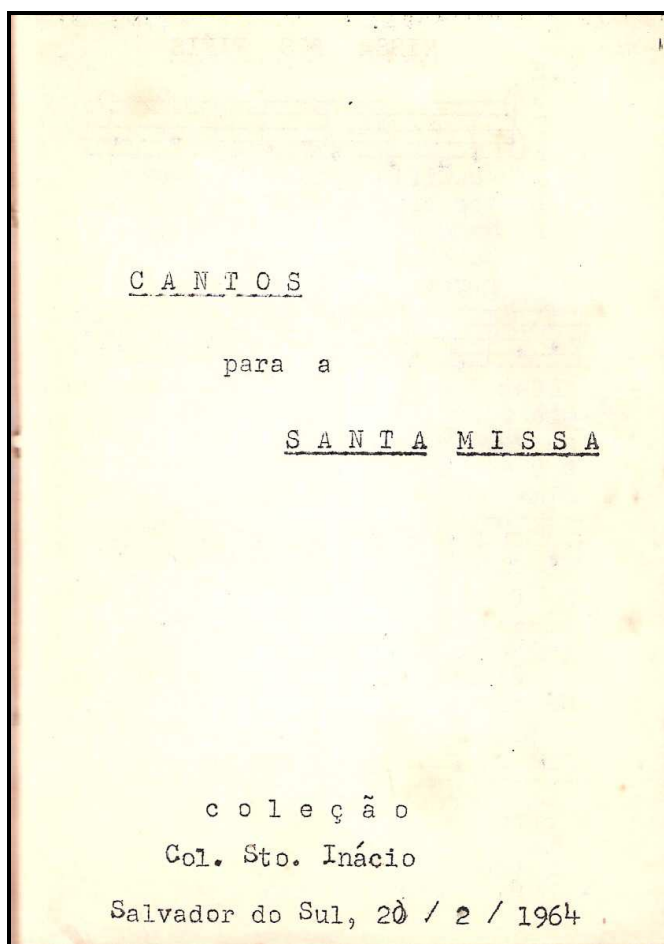


Figura 18 - Impressos artesanais

Entre os livros presentes estavam ainda os referentes ao período de nacionalização de ensino, como “Coros Orfeônicos” (Figura 19), contendo 55 cantos festivos cívicos para 3 a 4 vozes mistas, editado pela Editora Globo.

Verificam-se ainda livros que continham hinos patrióticos, hinos religiosos, especialmente, referentes às datas do calendário religioso, como Natal e Páscoa.

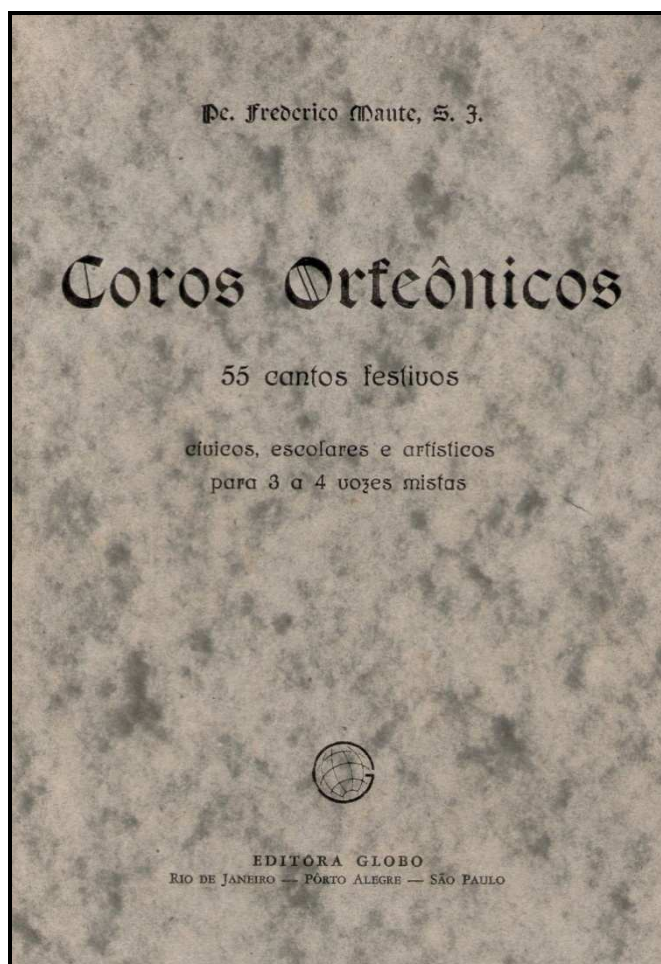


Figura 19 - Coros Orfeônicos

O empenho de Helma em registrar e arquivar materiais referentes à música influenciou também seu filho mais velho Ivo Bersch, que da mesma forma que a mãe, criou um arquivo de canções que a comunidade de Dona Rita passou a adotar nas rodas de cantos, principalmente, nas noites de verão em que todos os jovens voltavam para casa dos seminários e juvenatos, em períodos de férias. Este arquivo tomou tamanha proporção que no ano de 1983 sua coletânea de canções foi organizado e publicado pela Editora Loyola, com o incentivo de organizações eclesíásticas. O cancionário intitulado "Recordar é viver", organizado por Pe. Ivo Inácio Bersch, possui 311 páginas, contendo 396 canções, apresentando, no entanto, somente suas letras, sem partituras para as melodias. No prefácio constam as seguintes palavras,

[...] “RECORDAR É VIVER” - nasceu da idéia de salvar do esquecimento algumas centenas de canções - nas línguas: portuguesa, alemã, espanhola, italiana, francesa, inglês e até latina - que figuram em cancioneros antigos, hoje apenas lembrados com saudades dos tempos em que o canto animava festas, reuniões familiares e congregava amigos.

A ampliação do cancionero, com o acréscimo de outras tantas canções, mais recentes, deve-se à intenção de preparar um instrumento prático para todos aqueles que, especialmente no Sul do Brasil, valorizavam o costume de alegrar a vida pelo canto.

Agradecemos a todos jesuítas e outros amigos- colaboradores para que “RECORDAR É VIVER” chegasse a se concretizar.

Porto Alegre, 1º de janeiro de 1983. (BERSCH, 1983, p.5)

A coletânea de canções apresenta tal significado para a comunidade de Dona Rita, que todos os colaboradores da pesquisa fizeram menção quanto à presença do livro nas rodas de canto, assim como na atual escola Dona Rita. Em especial, uma das colaboradoras realça o fato de conhecer e saber de cor todas as letras das canções.

Aquele livro que o padre Ivo fez, eu acho que não tem nenhuma música que eu não conheço. E eu acho que sei todas elas de cor. Se alguém começa, eu canto junto. Isso é o bom das cantorias. Se tivesse ainda as noites de cantoria eu não iria mais precisar dormir, eu ia só cantar. Eu não precisava de mais nada, cantar é a coisa mais bonita que existe.
(C2)

Através da constante busca pelo registro e arquivamento de canções, desde as da terra natal até músicas do novo mundo evidencia-se a postura do professor em perpetuar e divulgar a música na sua comunidade. Neste caso, podemos afirmar que a música exerceu um importante papel na integração e identificação de elementos que possibilitaram maior vínculo das pessoas entre si e com o novo meio onde se estabeleceram.

3.5 O caráter da música religiosa escolar e o olhar de quem permaneceu

Helma Bersch, esposa do professor José, idealizadora da “Hora do Canto” na escola comunitária Dona Rita, cumpriu as tarefas que lhe cabiam. Fruto de uma época na qual ao professor eram atribuídas muitas funções manteve-se ao lado do marido, fiel enquanto dirigente do lar e às suas opções como professora à

frente de uma comunidade católica onde o exemplo e representatividade perante a Igreja eram a tônica.

Ao longo de sua vida, Helma exerceu integralmente as funções que lhe foram conferidas, as quais, dentro de uma perspectiva católica, eram significativas para o desenvolvimento da comunidade. Sua ordem era manter a igreja, a família e a escola trabalhando em comum acordo. Neste sentido, buscou cumprir sua missão, na qual o professor era o representante da Igreja dentro da comunidade, exercendo funções semelhantes ao do sacerdócio. Assim, o professor era o exemplo a ser seguido, a pessoa de confiança escolhida pela comunidade, perante os pais e a igreja. [...] *Os bons exemplos que eles [os professores Bersch] nos davam [...] Como eu era feliz lá* (C2). Desta forma, as funções religiosas permearam constantemente todas as suas ações, buscando garantir que sua comunidade mantivesse ligada aos ideais católicos.

Traços da religiosidade presentes no trabalho de Helma ficaram fortemente evidenciados nas memórias de quem viveu em sua época. Para a igreja católica, era necessário que a escola se mantivesse através da rigorosidade, da disciplina, que considerava a natureza humana não sendo “boa constantemente [...] que o mal (pecado) está presente no homem e que precisa ser vencido e dominado por uma educação rígida” (KREUTZ, 2004, p.224). Verifica-se assim o rigor da disciplina presente no trabalho de Helma. A disciplina era também assumida, como postura de vida, frente ao que lhe era conferido. Apesar disso, era vista como uma pessoa amável e benquista por todos.

[...] Ela era uma pessoa muito séria, não me lembro de tê-la visto sorrir. Eu acho que ela nunca deu uma gargalhada. Ela era muito brava [...] Mas era muito querida [...] eu ia muito lá visitá-los, ela tratava a gente bem [...] Ela devia ser uma mãe bastante severa, mas eu gostava de ir lá. Me tratava bem, eu não tinha medo de ir na casa dela. (C5)

Ainda nesta perspectiva, Kreutz (2004, p.224), reflete acerca da idéia de que a Igreja Católica buscou manter a concepção do pecado original, o ser humano na constante busca pela libertação dos pecados, havendo uma “tensão entre as solicitações da carne e do pecado, de um lado, e, do outro, o chamado para a vida do espírito”. Em acordo a essa idéia, C1 acrescenta, [...] *havia um cuidado muito forte com as coisas prazerosas, o prazer leva ao inferno.*

Neste sentido, a manifestação musical presente na tradição alemã passou a ser uma forte aliada para a veiculação do seu ideário, a música fazia parte da vida da colônia, cabia ao professor conduzi-la para fins religiosos. As orientações trazidas pelo Jornal do Professor eram no sentido de que a música sacra tinha um importante poder de santificação do homem, sendo as manifestações musicais profanas fruto das necessidades da carne e, portanto, não bem vindas nas comunidades. Segundo C1, esta idéia evidenciava-se em sua residência [...] *rádio não entra em casa [...] rádio, novela e futebol, tudo é pecado* (C1).

Contudo, podemos perceber que ao longo da carreira profissional de Helma, como professora mostrou-se uma pessoa autêntica que se permitiu agir de modos diferentes das tradições. Neste sentido, trouxe para o universo escolar não apenas a disciplina imposta pelo seu tempo, mas tornou possível que ex-alunos guardassem em suas memórias a beleza e o gosto pela música, não encarando a linguagem como manifestação pecaminosa.

[...] Lá na escola Dona Rita, tinha cantos muito lindos. Quando começávamos a cantar, eu não tinha vontade de sair de lá.

[...] Cantar é se alegrar. Depende do que a gente canta. O sorriso que a gente pode fazer um para o outro, no canto a gente pode mostrar a felicidade. (C2)

[...] O que eu lembro de muito bom, eram as músicas de Natal, quando vinham os filhos de Helma. Como era lindo! Eles tocavam gaita. O Noite Feliz tinha três ou quatro vozes. Era ótimo, a gente como criança escutando isso. (C4)

Os momentos especiais daqueles que vivenciaram experiências musicais junto à professora Helma, sentimentos compartilhados também por outras comunidades, provocam ainda hoje orgulho e emoção aos entrevistados ao relatarem os fatos. [...] *todos elogiavam a nossa escola. Quando nós ingressávamos em outros colégios, diziam que os alunos da Dona Rita eram os melhores* (C4).

Num movimento contrário às tendências da época, de utilizar a música como instrumento para reforçar a disciplina e os preceitos religiosos do cotidiano, a professora Helma conseguiu um resultado positivo e inovador em relação àquilo que se esperava de um professor paroquial. As falas dos alunos que vivenciaram a prática musical da professora apontam para um aprendizado humanizado, para

uma experiência musical que permitia ao aluno sorrir, sentir-se bem e ser feliz no grupo, durante as aulas, em contraponto a uma educação musical mecânica voltada unicamente para fins religiosos. Assim, as aulas de música se constituíram, e são lembradas ainda hoje, em momentos privilegiados que favoreciam o contato, o olhar, o sorriso. Apesar do rigor e seriedade com que a professora lecionava. Mesmo optando por trabalhar com seus alunos canções de caráter religioso, percebe-se a sua preocupação com um repertório que contemplasse a cultura mãe e a nova pátria, mantendo um considerável nível estético no desempenho dos alunos. Como relata C4, chegavam a formar um coro a quatro vozes, além de utilizar gestos e movimentos para o acompanhamento das músicas em suas aulas.

Pertencer ou frequentar a escola Dona Rita certamente possibilitou um desenvolvimento musical diferenciado. Verifica-se que a vivência e a experiência com a música através da atuação da professora, foram decisivos para a escolha de caminhos e a construção de gostos,

[...] A música é a coisa que eu mais gosto, eu adoro música. Quando tenho algum problema, eu vou no violão, no teclado ou na gaitinha de boca e canto... canto os meus cantos, aqueles que eu inventei [...] mas agora a minha memória enfraqueceu [...] Não é castigo de Deus porque eu era assim, Deus não castiga. (C2)

O trabalho musical implementado, desenvolvido e fortalecido na escola Dona Rita, encontrou eco em muitas gerações. A forma de condução do trabalho e o modo de ser da professora Helma influenciou na vida de muitos.

[...] Aprendi a gostar da música e transmitir. Eu gosto muito de ensinar [aos meus alunos] aquelas músicas que ela [Helma] me ensinava.[...] trago sempre as músicas que vem de antigamente, que cantávamos e que ela nos ensinou para não serem esquecidas. Eu gosto de fazer isso. Nossa! Quando eles se interessam! Eu me realizo. (C5)

Helma influenciou profissionalmente o modo de trabalho de professores que se espelharam em sua forma de trabalho. Mesmo após o desligamento de Helma da escola Dona Rita, novos profissionais mantiveram o trabalho de música na escola, garantindo que a professora permanecesse presente no cotidiano escolar e da comunidade

Ao longo da carreira profissional de Helma, outros professores vieram incorporar-se ao quadro docente da escola Dona Rita e com eles, instrumentos musicais, até então não usuais no contexto, passaram a fazer parte do cotidiano

escolar. Na década de 1980, uma ex-aluna de Helma retornou à escola Dona Rita para integrar-se ao corpo docente, sendo que além das atividades desenvolvidas como professora no ensino fundamental foi acolhida por Helma para auxiliá-la nas aulas de música. Esta professora tornou a presença do violão significativa no ambiente da escola. No entanto, tal instrumento não foi incorporado à aula de música ministrada pela professora Helma. *Nós cantávamos muito com a professora Clarice na sala de aula. [...] mas a aula de canto era com a Helma. Ela não dividia com ninguém essa aula* (C5).

No ano de 1981, devido à sua idade avançada, o afastamento de Helma do cargo de professora de música foi inevitável. Neste momento, a escola buscou manter o espaço conquistado pela música na instituição. A professora Clarice assumiu efetivamente as aulas de música na escola Dona Rita. Verifica-se assim que a escola, como representante da comunidade, buscou manter o modo como Helma atuava profissionalmente, possivelmente com o intuito de não deixar cair no esquecimento a forma como a professora edificou e legitimou o ensino de música na comunidade de Dona Rita.

[...] Quando Helma saiu, veio a Clarice Bersch, que também tem um dom musical.[...] Eu acredito em dom musical. [...] Clarice tem esse dom também que nem a Helma. Eu percebo que a Clarice consegue cantar com todas as crianças. Porque assim como a Helma, a Clarice também não excluía ninguém. (C4)

Já em 1978, a professora Clarice havia sido contratada pela comunidade para atender à escola sendo que somente em 1981, em substituição à Helma, assumiu as aulas de música. Clarice permaneceu até o ano de 1988 quando se desligou da instituição devido à municipalização da escola Dona Rita. A municipalização trouxe para a escola um quadro de professores diferenciados, inclusive no âmbito da música. Atualmente, o professor de música realiza seu trabalho somente no período de aula, não assumindo atividades extracurriculares ou voltadas à comunidade. No entanto, a escola continua se envolvendo intensamente com programas comunitários, sendo que a professora Clarice solicitamente continua a participar destes eventos.

[...] Ainda hoje, para as apresentações da comunidade, sempre é a Clarice que vem. [...] Ela nos ajuda, vem num dia e ensaia com eles [alunos] e nós [professores] continuamos cantando com os alunos. No dia da apresentação, ela toca violão. Na verdade não existiu uma ruptura no trabalho da Helma, pois a Clarice continuou da mesma forma que era conduzido anteriormente. (C4)

Como forma de reconhecimento à dedicação de Helma, nos dias atuais, a escola luta por manter acesa na memória os ideais de educação presentes no tempo em que a professora exercia a liderança da escola.

[...] Aqui, a escola acredita na importância de ensinar os ensinamentos católicos. Eu acredito nisso e todos os professores acreditam e buscam ensinar e principalmente vivenciar. E o canto tem muito forte essa ligação, as mensagens de vida passam a fazer parte da formação da pessoa. Isso eu aprendi aqui na escola da professora Helma. Hoje, só eu sou da comunidade, mas as outras professoras também vêm de comunidades semelhantes, com a mesma organização.
(C4)

C4 ressalta ainda o apoio que a escola encontra nos pais dos alunos e comunidade em geral, com certeza fruto do que foi plantado por Helma na escola. Muitos dos pais dos alunos da professora já haviam sido estudantes na escola de Dona Rita.

[...] os pais valorizam isto. Tanto que muita gente vem nas apresentações, de natal, via sacra... Os pais, vizinhos, avós vem prestigiar, público nota dez. Muito silenciosos do início ao fim. [...] Hoje público nota dez é um destaque mesmo, quando eles vêm é para prestigiar mesmo. Eles se incomodam quando alguém conversa no meio, durante a apresentação. Os filhos são educados pelos pais que a apresentação é um momento importante e temos que prestar atenção.
(C4)

Verifica-se assim, que cada aluno de Helma, ou mesmo os ex-colegas de trabalho reconhecem e espelham-se nas práticas musicais realizadas pela professora em seu tempo de atuação na escola Dona Rita. Suas contribuições para os alunos e comunidade, como um todo, são inúmeras, ainda hoje presentes nas práticas musicais e nas relações entre as pessoas. Assim, as entrevistas possibilitaram verificar detalhes da trajetória de Helma, tornando-os conhecidos, permitindo elaborar imagens do passado enriquecidas pelo que os documentos não registram, as emoções.

Apesar da vida da colônia ser caracterizada pela organização familiar, educacional e, em especial, pelo trabalho na comunidade de Dona Rita, dentro dessa organização comunitária, a música ocupava um lugar preponderante que garantiu muitos momentos de encontros entre os moradores, ou talvez ainda, foi o elo de unidade entre a maioria das famílias da comunidade. Se em outras colônias alemãs as instituições religiosas ou associativas eram o cerne da convivência comunitária, em Dona Rita, a escola como estrutura física, foi o que

garantiu esse espaço e a presença da música, em seu interior, foi o motor integrador da comunidade. E Helma, por sua vez, ocupou o lugar central.

**4. HELMA BERSCH E O ENSINO DE MÚSICA
NA COMUNIDADE DE DONA RITA:
CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pretende-se trazer para a discussão, neste espaço final, alguns pontos específicos que caracterizaram a educação musical presente no contexto da colonização alemã católica da comunidade de Dona Rita, na qual a professora Helma Bersch teve significativa participação dentro do processo de articulação da cultura musical.

Através desta pesquisa, investigou-se a trajetória pessoal e profissional de Helma Bersch, a qual se dedicou à docência no período de 1932 a 1981. A partir do depoimento de sete colaboradores foi possível reconhecer a legitimidade do ensino de música desenvolvido pela professora Helma na Sociedade Escolar Dona Rita. Salienta-se que este estudo, de caráter biográfico, serviu de fio condutor para se chegar ao contexto histórico da colonização alemã católica do Vale do Taquari, onde a música foi marcante. Desta forma, foi possível verificar a constituição do processo de formação musical de Helma Bersch e refletir sobre suas práticas musicais na comunidade. Buscou-se ainda, examinar a repercussão do trabalho musical de Helma para a comunidade de Dona Rita, no município de Arroio do Meio, na região do Vale do Taquari, local onde esta sociedade escolar estava inserida.

A partir do referencial adotado, verificou-se que o contexto no qual a professora Helma desenvolveu suas atividades docentes estava intimamente relacionado a um complexo sistema de regras presentes na sociedade de sua época. Assim sendo, a reflexão alicerçada na trajetória pessoal e profissional de Helma, levou a reconstrução do processo histórico e sociocultural vivido pelos teuto-brasileiros católicos do Vale do Taquari, no período em questão. Para isto, este estudo não privilegiou fontes documentais de caráter oficial, mas buscou, através da história oral, colocar no centro da pesquisa a trajetória de uma professora e através dela revisitar as memórias de ex-professores e ex-alunos que com Helma conviveram. Assim, foi possível trazer para a discussão as experiências produzidas no ambiente escolar, problematizando-as e registrando-as a partir do próprio espaço de atuação da professora Helma. A pesquisa

possibilitou importantes reflexões com o intuito de permitir cruzar o que foi singular da professora com o que era parte integrante da cultura do povo alemão, as vivências e experiências pessoais frente ao instituído, buscando-se manter equilíbrio entre o que fazia parte da individualidade da professora, com suas ligações com o contexto social em que estava inserida.

Assim, foi possível refletir acerca de práticas docentes na área, em um contexto específico, o que possibilitou um entendimento mais pleno das intencionalidades da professora, além de uma reflexão a partir das ações desenvolvidas. Foi possível a percepção dos encaminhamentos metodológicos, as relações, experiências e subjetividades que foram construídas no ambiente escolar, permitindo o conhecimento de uma parcela do processo histórico do ensino de música no sul do Brasil, contribuindo para a atualidade, uma vez que a pesquisa fornece suporte para a compreensão do processo educacional atual. Ressalta-se que na história da educação musical brasileira permanecem muitas lacunas em virtude da escassez de pesquisas voltadas ao nível de campo campo, principalmente no contexto sul-rio-grandense, cujos processos estão fortemente imbricados com a história da cultura dos imigrantes alemães e seus descendentes.

Helma Bersch era filha de imigrantes alemães católicos que tiveram importante participação no processo de colonização do Alto Taquari, onde contribuíram significativamente para o desenvolvimento econômico e principalmente cultural deste Vale. Helma era herdeira da tradição musical do povo alemão, a partir da qual a música é parte integrante da vida, sendo a canção companheira de todas as horas, proporcionando alento nos momentos de nostalgia, traduzindo preceitos religiosos, hábitos e costumes da vida da colônia. Buscavam na canção energia para enfrentar as dificuldades encontradas na vida precária da colônia, assim como agradeciam a Deus pelas conquistas alcançadas. A canção foi também um importante elemento da cultura alemã, possibilitando a manutenção de fortes vínculos com as tradições da pátria mãe.

Através dos relatos dos colaboradores foi possível perceber que a canção também se fez presente em muitos momentos da vida de Helma Bersch. Cantar era um hábito em sua família. Inicialmente, a música era companheira nos

afazeres domésticos e na lida da lavoura. Nos finais de semana, embaixo do caramanchão, construído pelo pai de Helma, muitos encontros familiares aconteceram, nos quais a música teve seu espaço reservado. A tia Anna Maria, a professora de canto e de brinquedos, dedicou-se a transmitir canções trazidas da terra natal, proporcionando a construção de laços afetivos com a cultura e a tradição alemã. Assim, a música na família paterna de Helma caracterizou-se como um importante espaço de consolidação da cultura do canto alemão, caracterizando o primeiro local de sua formação.

Após a precoce perda dos pais, a educação musical iniciada na família, gradualmente foi sendo ampliada nos colégios de Irmãs Religiosas, nos quais Helma ingressou aos nove anos de idade. Primeiramente freqüentou o colégio Santo Antônio, no município de Estrela e concluindo o curso ginásial aos 16 anos de idade no colégio Espírito Santo, em Bagé. Ambos os colégios de Irmãs Franciscanas objetivavam formar as moças para a vida religiosa, assim como para a função de professor paroquial. Nestas escolas de religiosos, as concepções pedagógico-musicais vigentes recaiam, especialmente, sobre a música sacra, que visava à formação musical das alunas com o objetivo de propagar os valores da Igreja Católica, tendo em vista a potencialidade da linguagem musical como instrumento de difusão do projeto de Restauração Católica. Portanto, com uma formação musical familiar somada a uma pedagogia musical sacra, Helma retornaria à comunidade de Dona Rita no ano de 1931 para casar-se com o professor José Bersch.

Para esta comunidade, o ano de 1932 foi um marco na história do ensino de música. Com a entrada de Helma Bersch na Sociedade Escolar Dona Rita, a escola como instituição, passou a promover e consolidar a tradição musical presente no contexto cultural. Além disso, passou a se valer da música como forma de fortalecimento dos preceitos religiosos. Assim, a professora Helma em seu espaço escolar promoveu o canto e a música instrumental com um alto poder de formação e nível estético, passando a sistematizar o conhecimento no ambiente escolar, contribuindo significativamente para o ensino de música entre os teuto-brasileiros do sul do país.

Inúmeras foram as iniciativas de Helma no ambiente escolar como forma de promover o ensino de música. Instituiu a “hora do canto”, na qual primava pela qualidade e perfeição dos detalhes musicais, congregando através da voz, enquanto instrumento musical, múltiplos elementos, tais como, percepção melódica e harmônica, expressão corporal e textual, conduzindo os alunos ao conhecimento musical. Percebe-se ainda que Helma mantinha a preocupação de ir além dos aspectos técnicos da prática do canto, promovendo momentos carregados de intenso prazer para os alunos através do cantar.

Outra iniciativa inserida neste contexto foi o aprendizado do harmônio, que apesar de ser desencadeado a partir de uma iniciativa particular, não ficou restrito à família. Devido à proximidade do instrumento, que tinha seu lugar na residência, com o pátio da escola, houve uma intensa influência desta música sobre a comunidade. Assim, as práticas musicais desenvolvidas a partir do harmônio, promovendo na comunidade de Dona Rita o apreço pelo aprendizado do instrumento musical, transformando a residência Bersch em um verdadeiro centro de formação musical. Além disso, as práticas desenvolvidas a partir do harmônio ultrapassaram o âmbito do ensino musical, mudando hábitos na comunidade, a qual criou o gosto pelo instrumento, passando a adquiri-lo. Neste sentido, o harmônio, inserido na comunidade por Helma, influenciou ainda no comércio de instrumentos.

A riqueza e a variedade de canções presentes no cotidiano da residência da professora foram significativas. Helma dedicou-se a registrar e arquivar muitas das melodias com as quais tivera contato, através de manuscritos, em pequenas cadernetas. Também colecionava livros, métodos e cancioneiros, proporcionando aos alunos um repertório variado, incorporando à sua cultura novos conceitos. Neste sentido, consultando o material selecionado e guardado pela professora, é possível verificar registros de inúmeros elementos que representam não apenas a cultura alemã trazida pelos imigrantes, mas também evidências da preocupação da professora em levar aos alunos elementos da nova pátria, agregando-os à tradição alemã. Nestes livros, cadernetas e cancioneiros, é possível encontrar um repertório que abrange múltiplas manifestações culturais, históricas, étnicas, como, canções em italiano, português, do folclore brasileiro e outras que retratam

a vida indígena, assim como canções que não teriam sido permitidas pela Igreja Católica, especialmente as de “se divertir”.

No entanto, fomentada pela Igreja Católica, aliada à tradição do povo alemão, a linguagem musical marcou de forma significativa a escola Dona Rita e, possivelmente, muitas outras instituições dessa orientação religiosa. Ressalta-se, contudo, que este processo esteve intimamente ligado a alguns professores que acreditavam no potencial educativo da música, como Helma Bersch, que a partir da “hora do canto” instituiu na escola Dona Rita um trabalho pioneiro quanto ao ensino de música.

Em paralelo ao cultivo da música no espaço escolar, outras questões afloraram a partir desta pesquisa. Uma delas diz respeito ao apressado à educação escolar dos filhos que o teuto-brasileiro possuía. Os imigrantes vinham de uma tradição escolar onde o estado alemão já possuía uma intensa rede escolar pública e, portanto tinham uma expectativa bastante alta a esse respeito. Neste sentido, ao chegarem ao Brasil, se depararam com um Estado cujo processo educativo se encontrava rudimentar, naquele contexto.

A Igreja Católica teve total liberdade para instalar seu ideário através da educação, trazendo o modelo de escola paroquial vigente por um longo período na Alemanha, o qual se encontrava em declínio naquele país no momento da imigração. Neste modelo educacional, o ensino de música, a partir do canto coral e instrumental, principalmente através do harmônio, foram intensos, sendo que se objetivava, prioritariamente, atender as necessidades litúrgicas.

A partir de iniciativas comunitárias do povo alemão e buscando garantir formação escolar para os filhos dos imigrantes, a Igreja Católica impôs um modelo educacional, que assim como nas demais colônias, foi estabelecido em Dona Rita. Apesar de ser uma iniciativa associativa e comunitária, foi influenciada pelos padrões definidos pela Igreja representante do Estado. Assim, a Igreja Católica estabeleceu uma verdadeira rede escolar, na qual buscava garantir desde a formação básica, através das escolas comunitárias, até a formação de profissionais para atuar nas colônias, com as escolas de congregações religiosas e o *Lehrerseminar* Católico. Cabe ressaltar, que através dos relatos dos colaboradores, verifica-se que as escolas de congregações de irmãs religiosas

buscavam atender a dois objetivos: preparar as moças para atuar como professoras paroquiais junto às comunidades rurais e formar religiosas para atender à expansão da congregação. Ressalta-se que os seminários destinados à formação religiosa masculina não objetivavam a formação do professor paroquial, mas a formação de padres. Sendo assim, o público masculino ficava limitado ao *Lehrerseminar* Católico, destinado à formação do professor paroquial, porém esta instituição não se manteve por muitos anos. Portanto, dentre as propostas sugeridas aos imigrantes pela Igreja Católica, a formação do professor paroquial vingou apenas nos colégios de irmãs religiosas, no Vale do Taquari.

A iniciativa da Igreja Católica influenciou fortemente a formação profissional de Helma, que iniciou seus estudos na precária escola do professor Werne, na comunidade de Dona Rita, dando continuidade aos estudos em escola de formação para a vida religiosa. Portanto, segundo os padrões da época, Helma apresentava condições suficientes para atuar em uma escola paroquial e ao lado de seu marido, professor da Escola Dona Rita, conquistando rapidamente seu espaço de atuação profissional. É possível que a Igreja tenha influenciado a comunidade, no intuito de garantir a presença de Helma na instituição, como forma de promover seu projeto de Restauração.

Neste contexto educacional, Helma Bersch desenvolveu seu trabalho como professora e educadora musical. Ressalta-se que, por um lado, os colonos e Helma acreditavam na presença da música no ambiente escolar como forma de preservar as tradições do povo alemão, para o qual a canção era um importante elemento de ligação com a Pátria-mãe. Por outro lado, ciente da função que lhe era designada como professora paroquial, Helma promoveu a música na escola, vinculando suas práticas à ampliação do conhecimento musical dos alunos e aos objetivos propostos pela Igreja Católica, divulgando o ideário católico.

O estímulo, o gosto e a relação com a música presente na vida de Helma foi uma constante. Pessoas que conviveram com a professora, lembram dela com admiração e carinho. Das aulas de música, lembram com prazer e saudade. Helma Bersch foi mulher, mãe, professora de música, marcando até os dias de hoje as pessoas com as quais conviveu. Educou, construiu, ensinou, formou

gostos, influenciou vidas de alunos e pais, e determinou caminhos. Foi educadora, agente da Igreja, mas acima de tudo cumpriu sua missão de semear a música religiosa, alemã e brasileira. Helma Bersch, do seu jeito, fez a diferença.

A presente pesquisa contribuiu com a área de Educação Musical no sentido de investigar a trajetória singular de uma professora de música do contexto teuto-brasileiro católico. Helma Bersch foi única, mas ao mesmo tempo sua história revela histórias de educadores anônimos. Outros estudos ainda são urgentes sobre a temática, no sentido de ampliar o conhecimento que se tem acerca do ensino de música em comunidades étnicas, marcadas pela tradição e pela religiosidade. Neste sentido, alguns temas surgiram no decorrer do trabalho, os quais podem gerar novas pesquisas na área:

- ▀ Formação oferecida pelos colégios de Congregações Religiosas, voltada ao professor paroquial;
- ▀ Inserção das mulheres na função de *Lehrer*, dentro do contexto teuto-brasileiro;
- ▀ Repertório e instrumentos, autorizados pelos colégios de Congregações Religiosas, utilizados no processo de formação do *Lehrer*,
- ▀ O canto orfeônico no contexto teuto-brasileiro;
- ▀ Estudo comparativo das práticas musicais escolares desenvolvidas por teuto-brasileiros católicos e teuto-brasileiros luteranos;
- ▀ A nacionalização e o ensino de música entre teuto-brasileiros católicos e teuto-brasileiros luteranos;
- ▀ Trajetórias de professores de música vinculados ao contexto teuto-brasileiro;
- ▀ Materiais didáticos da área de música utilizados nos contextos da imigração e a política vigente.

Assim, novas pesquisas necessitam ser conduzidas a partir de outros olhares, deixando soar vozes ainda não contempladas, assim como, revelando outras iniciativas musicais edificadas sobre a cultura teuto-brasileira, que contribuíram significativamente para o ensino de música no estado do Rio Grande

do Sul e do Brasil. Falar sobre a história e o ensino da música sul-rio-grandense é falar também sobre a cultura alemã.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

ALTMANN, Fiedhold. Hans Sättler, Paul Fräger e Gottlob Holder: três concepções sobre a escola teuto-brasileira. In: VII Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. **Anais...** Nova Petrópolis: Amstad, 1998. Pp.67-83.

AMSTAD, Theodor. (Org.) **Cem anos de Germanidade no Rio Grande do Sul 1824-1994**. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

ALVES_MAZZOTTI, Alda e GEWANDSZNAJDER, Fernando. O planejamento de Pesquisas Qualitativas. In: **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998. Pp.94-115.

BALDAUF, João. Algo sobre os corais no Rio Grande do Sul. In: 1º Simpósio de História de Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. **Anais...** São Leopoldo: 1974. Pp.175-220.

BERSCH, Roque (Org.) **Ondas de Migrantes: Crônicas de 138 anos de Brod no Brasil: vida, obra, escritos**. Lajeado: Univates, 2006.

BERSCH, Pe. Ivo Inácio (Org.). **Recordar é viver: Cancioneiro Popular**. Porto Alegre: Loyola, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da razão**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. Pp.183-191.

BRAICK, Patrícia; MOTA, Myriam. **História: Das cavernas ao terceiro milênio**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. In: **Revista Sociedade e Educação**, ano XX, nº 67, 1999. Pp.103-190.

FELIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FISCHER, Luís Augusto; GERTZ, René (Orgs.). **Nós, os teuto-gaúchos**. 2.ed. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1998.

FREITAS, Sônia. **História Oral: Possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

FUKS, Rosa. **O discurso do silêncio**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991.

GARBOSA, Luciane Wilke Freitas. Uma investigação sobre manuais escolares de música publicados no Brasil na década de 1930. In.: 11º Encontro da Associação Brasileira de Educação Musical. **Anais...** Natal: ABEM, 2002. Pp.70-96.

_____. **Es Tönen die Lieder... um olhar sobre o ensino da música nas escolas teuto-brasileiras da década de 1930 a partir de dois cancioneiros selecionados**. Tese de Doutorado em Música. UFBA, Salvador, 2003.

_____. Educação musical nas escolas de imigrantes alemães: uma análise a partir de manuais escolares de música. In: 15º Encontro da Associação Brasileira de Educação Musical. **Anais...** João Pessoa: ABEM, 2006. Pp.301-310.

GOODSON, Ivor. **Políticas do conhecimento: Vida e Trabalho docente entre saberes e instituições**. Goiânia: Programa de Pós-graduação em Cultura Visual, 2007.

GRECCO, Priscila de Freitas. Biografias e autobiografias: A construção de si. Disponível em: <<http://co112w.col112.mail.live.com/mail/PrintShell.aspx?type=message&cpids=5385eb->>. Acesso em: 16 agosto de 2009.

HESSEL, Lothar. **O município de Estrela: Histórias e crônicas**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

KREUTZ, Lúcio. **Materiais didáticos e currículo na Escola Teuto-brasileira**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

_____. O imigrante teuto-brasileiro católico e sua utopia. In: **Estudos Leopoldenses: Série História**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.

_____. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. In: **Revista Brasileira de Educação**. Set/Out/Nov/Dez/ 2000, nº 15. Pp.159-176. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE15/RBDE15_11_LUCIO_KREUTZ.pdf>. Acesso em: 12 Dez. 2008.

_____. **Professor Paroquial: Magistério e Imigração Alemã**. Pelotas: Seiva, 2004.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. Pp.167-181.

MEIHY, José Carlos. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. ; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOREIRA, Daniel Augusto. A Natureza da Pesquisa Qualitativa. In: **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002. Pp.43-115.

NÓVOA, Antônio. Apresentação. In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena (Orgs.). **História e Memória da Educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. Pp.09-15

____. **Vida de professores**. 2. ed. Portugal: Porto, 2007.

PETTER, Ricardo. **Sociedade de Canto no Vale do Taquari: História e Tradição**. Revista Cultura em Ação. Estrela: 2007. Pp.3-40.

RABUSKE, Pe. Arthur. Eles se empenharam pelo erguimento do bem-estar material da colônia alemã no Rio Grande do Sul. In: 1º Simpósio de História a Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do sul. **Anais...** São Leopoldo: 1974. Pp.109-116.

____. A Paróquia Santo Antônio de Estrela, RS: antecedentes, inícios e 1º vigário encomendado (1873-1880). In: **Pesquisas**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1994/1996. Pp.125-178.

RAMBO, Arthur. **O associativismo teuto-brasileiro e os primórdios do cooperativismo no Brasil**. São Leopoldo: EDUNISUL, 1988.

____. **A Escola Comunitária Teuto-Brasileira Católica**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

____. **A Escola Comunitária Teuto-Brasileira Católica: A Associação de Professores e a Escola Normal**. São Leopoldo: Unisinos, 1996.

SCHIERHOLT, José Alfredo. O Imigrante frente a ideologias. In: 5º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. **Anais...** São Leopoldo: Caeté, 1989. Pp.71-94.

SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **O Biográfico: Perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

____. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. In: **História: Revista de Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do rio dos Sinos**. São Leopoldo: Unisinos, 2004. Pp.131-142.

SOUZA, Elizeu. Pesquisas narrativas e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: **Tempos, narrativas e ilusões: a invenção de si**. ABRAHÃO, Maria Helena M.B. (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. Pp.135-147.

SOUZA, Adriana B. de. Biografia e escrita da História: Reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. **Revista Universitária Rural**. Sér. Ciências Humanas, Seropédica, v.29. RJ: EDUR, 2007. Pp.27-36.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff. A Pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2000. Pp.63-92.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (Orgs.). **História e Memória da Educação**, v.3, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

STRIEDER, Dulce M. Aspectos da formação e atuação docente nas escolas paroquiais teuto-brasileiras no Rio Grande do Sul. **Revista HISTEDBR on-line**, n. 32. Campinas: 2008 - ISSN: 1676-2584. Pp.113-135. Disponível em: <http://www.Histedbr.fae.unicamp.br/revista/edições/32/art08_32.pdf>. Acesso em 19 mai. 2009.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Roteiro para as entrevistas



CENTRO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS

- 1) Helma Bersch: Infância e família
 - a) A infância
 - i) Filiação, local de nascimento, época, a família e sua relação com a música;
 - b) O pensionato
 - i) Onde se localiza e que época frequentou, o que a levou a opção do pensionato;
 - c) O casamento
 - i) Marido, moradia, filhos.
- 2) Helma Bersch: Formação escolar
 - a) Formação escolar
 - i) Ano de ingresso, que tipo de formação era oferecida pelo pensionato, quanto tempo ficou, atividades que exercia, saída do pensionato;
 - b) Formação Musical
 - i) Formação oferecida pelo pensionato, o aprendizado de instrumento – conteúdos, materiais.
- 3) Helma Bersch: Na Sociedade Escolar Dona Rita
 - a) O ingresso
 - i) Como se deu a entrada na escola, em que ano, em que condições, funções que desenvolveu;

- b) A música
 - i) Conteúdo oferecido pela escola, instrumentos à disposição, atividades que ela exerceu e com que alunos, quais faixas etárias, materiais que utilizava e conteúdos que desenvolvia;
- c) A atuação - metodologia
 - i) Atividades que desenvolveu e características dos alunos, materiais utilizados, conteúdos que abordava, dificuldades encontradas;
 - ii) Fatos marcantes.
- 4) Helma Bersch: Na Comunidade Dona Rita
 - a) A professora
 - i) Função exercida por ela junto à comunidade, atuação na igreja, na escola, como professora particular de instrumento;
 - b) A professora particular de instrumento
 - i) Onde ocorriam as aulas, para quem, faixa etária, conhecimento que desenvolvia junto aos alunos, materiais que utilizava, objetivos desse trabalho, o que a motivou a essa prática, dificuldades;
 - c) Repercussão
 - i) Como era o envolvimento dos pais nas atividades musicais, lembranças marcantes das aulas e atividades desenvolvidas na comunidade;
 - d) O que permaneceu
 - i) Na comunidade, na escola, na família Bersch.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)